

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

**MÚLTIPLOS OLHARES E SIGNIFICAÇÕES DE
PESCADORES ARTESANAIS E ESTUDANTES SOBRE
AS ÁGUAS E ENTORNOS DA LAGOA DE SANTO
ANTÔNIO (LAGUNA-SC).**

Acadêmica: Maíra Marques de Oliveira.

Orientador: Leandro Belinaso Guimarães.

Co-orientadora: Natalia Hanazaki

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial
para a obtenção do Título de
Bacharel em Ciências Biológicas.

Florianópolis, 19 de maio de 2009.

Agradecimentos

Considerando este trabalho como resultado de uma caminhada que começou em minha infância, agradecer não me parece uma tarefa muito justa. Desta forma, agradeço carinhosamente desde já a todos que de alguma maneira passaram pela minha vida e contribuíram para a construção de quem sou hoje.

E agradeço, especialmente, a algumas pessoas pela contribuição direta na construção deste trabalho:

Aos meus queridos pais pelo amor e dedicação, vocês também são autores desse trabalho, estando sempre a me estimular e auxiliando de forma fundamental na transcrição das entrevistas. Obrigada por incentivar todos os meus sonhos e por me fazer acreditar que sou capaz de transformá-los em realidade!

Aos meus orientadores, Leandro Belinaso Guimarães e Natalia Hanazaki, pela sabedoria e força, as quais foram indispensáveis no desenvolvimento desse estudo.

Aos grandes parceiros desta pesquisa: os pescadores e os estudantes. Vocês são as “estrelas” deste trabalho! Expresso gratidão pela confiança, sem a qual vocês não teriam compartilhado comigo os seus conhecimentos. Aos pescadores agradeço a receptividade e os momentos que deixaram de pescar ou descansar para me receberem em suas casas ou nos locais de trabalho.

A toda a equipe da Escola de Educação Básica Ana Gondin por confiar na proposta apresentada, pelo acolhimento e pela autorização para a pesquisa e divulgação dos resultados. Vocês foram parceiros indispensáveis na realização deste TCC.

Aos professores José Antônio da Silva Santos, Paulo César de Azevedo Simões Lopes e Patrícia Montanari Giraldi por terem aceito o convite para a participação da banca examinadora do Trabalho de Conclusão de Curso.

Aos professores que passaram pela minha vida, pelos auxílios, pela maravilhosa amizade e por exercerem um papel fundamental na minha formação acadêmica e na minha vida pessoal, mostrando para mim o que é realmente importante nesta vida. Expresso todo o meu carinho aos professores Tânia (“tuti”), Eneida, Verinha, Yara, Marli, Rita, Adriana, Elen, Marilda e Antônio, por todo o aprendizado proporcionado.

Aos meus grandes amigos com quem compartilho momentos de descontração, sorrisos, danças e pânico: Gislane, por seu sorriso mais do que brilhante e palavras de incentivo; Salete Fortunato, por me ensinar o prazer de ser educadora; Tânia, pelas caronas, pelo carinho e pelas conversas durante as viagens Laguna-Florianópolis; tio Olmiro e meus queridos padrinhos João e Maria, pelas hospedagens, conversas, amizade e carinho; Glauca, por me dar força com as palavras certas nos momentos em que mais precisei; Victor, por me aturar de madrugada em longas conversas sobre meu TCC; Tadeu, pela presença sempre alegre e por seu exemplo de determinação; Michael, por me fazer perceber o verdadeiro valor da amizade; Filipe de Jesus, por suas tentativas de me fazer rir com seus trotes telefônicos e piadas sem graça; Kauê, por me aturar em minhas tentativas de filosofar; Everton, Gabriel e Rodrigo, pelos auxílios com os “aparatos tecnológicos”.

Aos meus colegas de curso, em especial às amigas Fernanda Oliveira, Gabriela Ferreira e Cristine Maia por partilharem o melhor das conversas e dos momentos “gordos”, por me darem apoio nas horas difíceis, por rirem das minhas trapalhadas e me ajudarem a levantar (não só dos tombos em frente à Biblioteca Central). Nestes anos foram inúmeras

discussões, mas isso só ajudou a evidenciar o quanto vocês foram importantes para mim nesta caminhada. Obrigada pela força, amizade, viagens, reuniões, discussões...

A todas as PETssoas: Félix, Gabi, Elise, Elis, Ricardo, Kamke, Du, Juliana(s), Mariana, Bárbara(s), Renata(s), Jona, Heloísa, Fernanda, Cássio, Laise, Beatriz, Fidel, Felipe... Obrigada pela companhia, conversas e sorrisos. Agradecimento especial a muitas PETssoas não biólogas, em particular Denilson e Marcelo, pelos ensinamentos, amizade, incentivos e gargalhadas.

Por fim, agradeço de forma muito especial a Deus por ter colocado todas essas pessoas maravilhosas na minha vida.

Sumário

| | |
|---|----|
| 1.0 Uma vida e inúmeros olhares que vão se modelando com a forma que se caminha. __ | 01 |
| 2.0 A pesca como atividade humana. _____ | 08 |
| 3.0 Onde está a Lagoa de Santo Antônio? _____ | 12 |
| 3.1- A Bacia Hidrográfica do Rio Tubarão. _____ | 12 |
| 3.2- O Complexo Lagunar Centro-Sul Catarinense. _____ | 17 |
| 4.0 Caminhos metodológicos. _____ | 21 |
| 4.1 As entrevistas. _____ | 21 |
| 4.2 A intervenção. _____ | 29 |
| 5.0 Os pescadores convidam a um momento de reflexão. _____ | 34 |
| 5.1 Identificando os pescadores. _____ | 34 |
| 5.2 Os pescadores, seus conflitos e a realidade da Lagoa. _____ | 36 |
| 5.3 Os pescadores e o meio ambiente. _____ | 55 |
| 6.0 Muitos olhos, inúmeros olhares. _____ | 66 |
| 6.1 A turma. _____ | 66 |
| 6.2 Um festival de cores, sensações e sentimentos. _____ | 67 |
| 6.3 Buscando singularidades. _____ | 72 |
| 6.4 A exposição dos desenhos e os diálogos. _____ | 76 |

7.0 Considerações finais. _____ 78

8. Referências Bibliográficas: _____ 81

Lista de Figuras da Parte Impressa:

| | |
|---|----|
| Figura 01: Uma mancha negra cobre minha Lagoa. _____ | 04 |
| Figura 02: A Lagoa e a cidade. _____ | 09 |
| Figura 03: Sarilho utilizado para guardar a canoa e outros artefatos da pesca. _____ | 10 |
| Figura 04: Idéias e vivências: os botos e os pescadores. _____ | 14 |
| Figura 05: Canal da Barra, o qual faz a comunicação da Lagoa de Santo Antônio com o Oceano Atlântico. _____ | 17 |
| Figura 6: Cano de esgoto direcionado à Lagoa de Santo Antônio (Laguna/SC) na comunidade de Ponta das Pedras _____ | 19 |
| Figura 7: Só o lixo ainda me parece o mesmo. _____ | 21 |
| Figura 8: Rede de esgoto sendo lançada nas águas da Lagoa de Santo Antônio, nas proximidades da Câmara de Vereadores. _____ | 48 |
| Figura 9: Situação da Praia do Mar Grosso após um longo período de chuva. _____ | 51 |
| Figura 10: Tainhas capturas na Praia da Tesoura com o auxílio dos botos. _____ | 60 |
| Figura 11: Pesquisadora e o pingüim: Um olho vê, o outro sente. _____ | 64 |
| Figura 12: Vislumbramento da Biodiversidade da Lagoa por uma das estudantes que participou da intervenção. _____ | 69 |
| Figura 13: Pesca não embarcada sendo praticada no Molhes da Barra. _____ | 71 |
| Figura 14: Título: “ <i>A Lagoa é limpa</i> ”. _____ | 73 |
| Figura 15: Título: “ <i>A pesca na lagoa</i> ”. _____ | 74 |
| Figura 16: A Lagoa e sua margem. _____ | 75 |

1. Uma vida e inúmeros olhares

Antes de iniciar este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) quero marcar “os motivos que me põem a pena na mão” (ASSIS, 1997). A temática de qualquer pesquisa parece ser em algum momento influenciada pela história de vida da pessoa que elabora o seu projeto. Desta forma, considero bastante interessante deixar registrado no início deste trabalho as relações existentes entre minha trajetória pessoal e a escolha da temática deste TCC.

Eu nasci na cidade de Gravataí (RS) e, sendo meus pais comerciantes e a cidade apresentando um elevado índice de violência urbana, após alguns assaltos a mão armada viemos morar em Laguna (SC). Talvez isso explique em parte o sentimento de carinho que eu tenho por esta cidade situada no sul de Santa Catarina.

Tive o privilégio de ter uma infância não trancafiada por uma cortina de medo devido à violência. Bem longe disso, passei minha infância num diálogo diário com plantas, sons, perfumes, animais, cores.

Não consigo recompor com precisão tudo o que vivenciei durante minha infância e adolescência, mas enquanto estou a escrever este texto, inesperadas lembranças se formam em minha mente, transportando-me para uma idade em que eu havia experimentado os primeiros contatos com a Lagoa de Santo Antônio. Nestes momentos vivenciei incompreendidas aventuras até chegar a Lagoa, pois no caminho que havia de ser percorrido para se ir ao local onde eu me banhava, havia um longo trecho com muito lixo e um “mato” bastante alto. Este “mato” me parecia como uma miniatura de uma selva, repleto de minhocas, sapos, aranhas, formigas, besouros e outros incontáveis animais.

Além de ter que cuidar para não me machucar com cacos de vidro das mais variadas origens, tinha que me desviar dos sapos, que em minha infância se apresentavam a meus olhos como bichos assustadores e enormes. Tenho quase certeza que se alguém me perguntasse naquela época que animal vivia na Lagoa de Santo Antônio, minha resposta seriam os sapos, pois estes eram os animais que mais eu via nas proximidades dela. Eu sabia da existência de botos, peixes, camarões, siris, mas eram estes anfíbios que causavam em mim uma maior significação sobre o modo como eu vivenciava a Lagoa. Eram eles que eu via no meu caminhar até a Lagoa, eram eles os animais que preenchiam mais fortemente meu imaginário de criança.

Os meus dias em Laguna foram passando e eu deliciava-me em ver os botos e os pescadores, a pesca do camarão que ao anoitecer cobre a Lagoa de Santo Antônio de luzes, o canto dos pássaros, as transformações oriundas do surgimento da comunidade Vila Vitória à margem da Lagoa. Sem que eu suspeitasse, tudo isso ia marcando minha trajetória pessoal e meu modo de ver o mundo e como ele se transforma.

A Lagoa que em minha infância se mostrava como um ambiente de sonhos, a medida que uma nova comunidade ia sendo construída em sua margem, ia se tornando em mim um ambiente de rupturas e (re)adaptação. Não existiam mais os sapos, nem o mato, nem as flores que inúmeras vezes enfeitaram meus cabelos. Agora eu via casas sendo erguidas e ruas sendo ocupadas por uma movimentação de carros, bicicletas... Só o lixo ainda me parecia o mesmo.

O plano horizontal que me fazia deliciar com o azul da Lagoa a metros de distância, agora revelava o cinza e o marrom das construções. O azul das águas parecia cada vez mais distante, e a Lagoa parecia ir perdendo sua cor, seus contornos e os significados que ela (trans)formou em mim. Era como se aquilo fosse criando uma “cratera” na relação que eu fui construindo com a Lagoa. As transformações nela fizeram estremecer toda uma linha de

recordações que eu havia construído. Eu sentia que estas lembranças poderiam ser perdidas e, sem entender o porquê, estacionei minha mente e percebi que era necessária a reconstrução de uma relação com a Lagoa que buscasse muito além dos momentos de prazer, da beleza ou das problemáticas enfrentadas pela Lagoa. Mas como conseguir isso? Foi aí que me minha mente foi invadida por outras recordações.

Tão prazerosas quanto as lembranças de minha infância e adolescência são as recordações das histórias fascinantes narradas pelos moradores de Laguna. Minha experiência de vida de aproximadamente dezesseis anos de conversas com estas pessoas, permitiu-me uma reflexão sobre a realidade da Lagoa. Muito eu ouvia sobre a diminuição na quantidade de pescados e poluição da Lagoa de Santo Antônio, e pouca coisa eu via sendo feita.

Eu sempre lamentei não encontrar esses relatos nos livros didáticos ou nos textos entregues pelos meus professores. A realidade que me era transmitida em sala de aula parecia ser de uma Lagoa de Santo Antônio repleta de peixes, siris, camarões e vazia de histórias, sensações e sentimentos. As histórias aprendidas em sala de aula não mencionavam as condições em que os pescadores realizavam suas atividades, geralmente com sérios problemas financeiros, mas repletos de sonhos e de esperanças de um futuro um pouco melhor.

Esse vazio me fazia refletir se os meus colegas tinham contato com as narrativas dos pescadores sobre esse ambiente. O meu contato era facilitado por meus pais serem comerciantes e eu morar próximo à comunidade de Ponta das Pedras. Mas e meus colegas? Seus olhares me pareciam se direcionar mais para as praias da cidade, por estas lhes proporcionarem momentos de prazer.

Não me surpreendeu o fato de logo no início da pesquisa, ao encontrar um colega que estudou comigo por todo o ensino fundamental, ele não entender o motivo de eu estar

fazendo o trabalho com a Lagoa, pois aos olhos dele ela era um ambiente pobre em histórias devido a pesca estar em declínio e a Lagoa poluída. Porém, a diminuição na quantidade de pescados e a poluição da Lagoa não excluem histórias, e sim as reconstróem.

Tenho inúmeras recordações de momentos de lazer praticados na Lagoa de Santo Antônio, tal como eu pescando com meu pai ou olhando uma longa mancha negra de biguás (Figura 01). Lembro-me perfeitamente de um mutirão feito certa vez para retirar “lixos” da Lagoa em que um sofá foi retirado dela. Eu não entendia como um sofá poderia ter ido parar na Lagoa, afinal os animais que habitam suas águas não necessitavam de um sofá (ou necessitavam?).

FIGURA 01: Uma mancha negra cobre minha Lagoa. Foto: Maíra Marques de Oliveira.

A partir desses momentos, meu olhar sobre a Lagoa de Santo Antônio passou a não apenas ver os problemas que a mesma enfrenta, os quais também eram narrados pelos

moradores de Laguna, mas a Lagoa passou a ter um significado que ultrapassava seus próprios limites geográficos.

Indignava-me quando ao ir no Centro Histórico de Laguna, deparava-me com pessoas adultas jogando lixo nas águas da Lagoa de Santo Antônio. Era triste ir ao desfile de sete de setembro, no centro da cidade, e ver que apesar de haver lixeiras, sacolas plásticas, latinhas de refrigerante e embalagens de salgadinhos cobriam a Lagoa tal como um longo e colorido tapete. Descaso com a Lagoa de Santo Antônio ou má educação de algumas pessoas? Talvez sejam as duas coisas, ou nenhuma delas.

Foi durante a realização de um trabalho de campo na disciplina de Ecologia de Comunidades II que um possível tema para o Trabalho de Conclusão de Curso começou a ganhar forma em minha mente. Este trabalho, realizado na disciplina da professora Dra. Tânia Tarabini Castellani, visava conhecer o comportamento dos botos (*Tursiops truncatus*) em Laguna: quais botos nadavam juntos e qual era a média de indivíduos em cada grupo. Para poder identificar os animais a conversa com os pescadores artesanais que trabalhavam no Molhes da Barra era inevitável e este me pareceu um dos momentos de maior aprendizado em toda a minha graduação.

As informações que eles me passavam não eram só em relação ao nome dos animais e em como os mesmos são identificados. Os saberes que os mesmos vão estruturando ao longo dos anos sobre a pesca e sobre a Lagoa de Santo Antônio estavam presentes em todas as conversas ali realizadas. Cada dia em campo se transformava em um aprendizado sobre pessoas, situações e lugares.

As horas passadas com os pescadores artesanais eram momentos de continuidade e de ruptura com minha antiga concepção de que existia uma realidade uníssona sobre a Lagoa de Santo Antônio. As conversas e reflexões a respeito das experiências destes

homens do mar e seu mundo foram responsáveis por transformações que iam se estruturando dentro de mim.

Depois desta experiência em campo, comecei então a fazer perguntas sobre o futuro daquele ambiente que tanto me fascinava na infância e elas pareciam nem serem ouvidas pelas outras pessoas. Essas perguntas começaram a me parecer tão interessantes quanto difíceis, e comecei então a tentar responder minhas próprias perguntas. Porém, minhas respostas eram insuficientes para explicar a realidade da Lagoa, pois, dentre tantos outros fatores, eu não havia vivenciado toda a complexidade das relações com este ambiente.

Não foi nada fácil perceber que a relação que eu construí com a Lagoa não era suficiente para entendê-la. Para alcançar e vivenciar o “universo da Lagoa” era preciso saber tecer uma rede que pudesse unir o domínio do conhecimento científico e do conhecimento tradicional¹.

Os pescadores artesanais que, por apresentarem uma vida construída e dialogada com as águas da Lagoa, me pareciam as pessoas mais aptas a responderem as minhas perguntas. Mas qual seria a maior preocupação destes pescadores? Ao longo da pesquisa as respostas a esta pergunta foram sendo modificadas e ainda hoje tenho um certo receio em afirmar que existe “uma maior preocupação”, pois são inúmeras as inquietações que vão sendo estruturadas no decorrer dos anos. Isso acontece porque inúmeros fatores funcionam como motivos de abandono ou de re-significação dos objetos, fatos e concepções (ASSUNÇÃO, 2005).

Além dos pescadores, considerei interessante vislumbrar também como os estudantes narravam a Lagoa de Santo Antônio, até mesmo para confrontar com as perspectivas dos pescadores. A forma como estudantes e pescadores vivenciam o ambiente

¹ Entende-se, neste trabalho, por conhecimento tradicional o conjunto de saberes e saber-fazer em relação ao mundo natural, o qual é transmitido oralmente através das gerações Diegues *et al.* (2000).

lagunar é bastante distinta, o que pode levar, ou não, ao lançamento de diferentes olhares sobre a Lagoa.

Desta forma, o objetivo geral deste trabalho foi analisar como alguns pescadores artesanais da cidade de Laguna que residem em comunidades situadas nas proximidades do Rio Tubarão e uma turma de estudantes de sexta série do ensino fundamental da rede pública estadual vislumbram a Lagoa de Santo Antônio, quanto a sua biodiversidade, importância e situação atual.

Para tanto, os seguintes objetivos específicos foram delineados: (a) vislumbrar como os pescadores artesanais percebem a atual realidade da Lagoa de Santo Antônio; (b) analisar quais as importâncias atribuídas a Lagoa pelos estudantes; (c) analisar quais as importâncias conferidas à biodiversidade pelos pescadores artesanais; (d) vislumbrar quais os seres vivos são percebidos no ambiente lagunar pelos pescadores e estudantes.

2- A pesca como atividade humana

A pesca teve, desde sua origem, suas técnicas e necessidades modificadas. Antigamente as necessidades estavam mais envolvidas com a alimentação humana, hoje existe também um interesse por parte da ciência nessa atividade a fim de que se possa conhecer melhor o sistema aquático (BAPTISTA, 2007).

Segundo Silva (2005), a pesca caracteriza-se como uma importante atividade econômica mundial, sendo que sua produção da pesca artesanal é em parte consumida pela família do pescador e em maior parte comercializada (DIEGUES *et al.*, 2000).

Entende-se por pescadores artesanais aqueles que trabalham sozinhos e/ou utilizam mão-de-obra familiar ou não assalariada, geralmente explorando ambientes naturais próximos à costa, pois a embarcação e aparelhagem utilizadas possuem pouca autonomia (CLAUZET *et al.*, 2005).

As comunidades pesqueiras fundamentam suas práticas em um vasto conhecimento empírico², adquirido e acumulado através de várias gerações, sendo que a intuição, a percepção e a vivência são parte de seu conhecimento tradicional que consolida a prática da pesca (SALDANHA, 2005). Dentre estes saberes estão o conhecimento sobre a influência da Lua, marés e vento sobre a pesca, fabricação de canoas de um pau só, engenhos de farinha de mandioca, carroças, ervas medicinais, denominação de espécies da fauna e da flora, etc.

A atividade pesqueira em Laguna deve-se em parte à presença dos colonizadores açorianos³ que, segundo Diegues *et al.* (2000), se estabeleceram no litoral catarinense

² Entende-se, neste trabalho, por conhecimento empírico o saber que é desenvolvido através da atividade da pesca, baseado em fatores que ultrapassam a observação e a prática, tendo um legado histórico, cultural e social atrelado a ele.

³ Em 1749 chegam a Laguna as primeiras famílias provenientes do Arquipélago dos Açores, que é um conjunto de nove ilhas situadas a 1.500 quilômetros a oeste de Lisboa (LACERDA, 2003).

dedicando-se à pesca em pequena escala. A influência açoriana na cidade também pode ser percebida na arquitetura do Centro Histórico (Figura 02).

FIGURA 02: A Lagoa e a cidade. Foto: Máira Marques de Oliveira.

Os pescadores artesanais de Laguna se utilizam de alguns artefatos para realizar suas atividades, tal como canoas(Figura 03), tarrafas, liquinho, redes de espera e de arrasto, espinhéis, linhas de fundo, puçá e anzóis (SANTOS, 2002). Cada um destes artefatos corresponde a uma técnica de pescaria, a qual é utilizada para se capturar determinada espécie.

FIGURA 03: Sarilho⁴ utilizado para guardar a canoa e outros artefatos da pesca. Foto: Máira Marques de Oliveira.

A sustentabilidade dos recursos pesqueiros depende do esforço de pesca, tamanho da frota, retorno econômico, existência de políticas de subsídios e incentivos, utilização de métodos predatórios de pesca, degradação dos habitats e dos recursos hídricos, poluição, desmatamento, oscilações climáticas e oceânicas (MEDEIROS, 2004).

A pesca artesanal é geralmente praticada de modo solitário ou em parceria com amigos e/ou familiares (DIEGUES *et al.*, 2000; SILVA, 2005). Cada pescador vivencia o

⁴ O sarilho é uma construção de madeira ou concreto que se localiza às margens da Lagoa com a finalidade de suspender as embarcações para uma proteção das águas e das intempéries (ASSUNÇÃO, 2005; PETERSON, 2005).

ambiente de seu modo e os conhecimentos produzidos pelas experiências dos pescadores são socialmente construídos.

“A pesca, como atividade humana, proporciona e mantém dentro das comunidades tradicionais⁵ um patrimônio cultural importante na forma de tecnologias patrimoniais, lendas, festas, culinária, conhecimento ecológico tradicional, além de valores e acordos socioculturais. A redução ou extinção dos recursos naturais nativos determina a ruptura desses sistemas socioecológicos, causando a extinção gradual da cultura local. A pesca, além de ser uma atividade essencial para a preservação e bem estar social das comunidades pesqueiras, tem papel fundamental na manutenção da diversidade cultural e conseqüentemente, na manutenção da biodiversidade regional”.

(SANTOS, 2006, p. 61).

E por este importante papel na manutenção da biodiversidade regional e na diversidade cultural carregando consigo um patrimônio cultural, que a atividade da pesca tem seus conhecimentos cada vez mais estudados e refletidos. Desta forma, a pesca não deve ser entendida como um “simples procedimento de extração de recursos” (*SIC*), pois atrás da pescaria há inúmeras relações sociais e culturais envolvidas (BAPTISTA, 2007).

⁵ Segundo Diegues *et al.* (2000), as comunidade tradicionais são grupos humanos que reproduzem historicamente seu modo de vida com base nas relações sociais e na relação com a natureza. Além do seu modo de vida, os indivíduos pertencentes ao grupo devem se identificar a ele para que possamos identificar a comunidade como sendo tradicional.

3.0 Onde está a Lagoa de Santo Antônio?

3.1- A Bacia Hidrográfica do Rio Tubarão

O conceito de Bacia Hidrográfica é utilizado para nomear o conjunto de terras drenadas por um corpo d'água principal e seus efluentes numa perspectiva hidrológica, mas o conceito vem se expandindo pois as Bacias vêm sendo utilizadas para estudos ambientais, uma vez que compartilham além da hidrologia, aspectos ecológicos e forças antropogênicas (BERGMANN, 2007). A Bacia Hidrográfica do Rio Tubarão e Complexo Lagunar Centro-Sul Catarinense nasce na encosta da Serra Geral em Santa Catarina, mais especificamente na cidade de Lauro Müller, com a confluência dos Rios Rocinha e Bonito, e é a maior bacia da região sul do estado de Santa Catarina, com 5.959,97 km² (PLÁ, 2004).

Destes, 219,82km² correspondem ao espelho d'água do Complexo Lagunar (SANTOS, 2002), o qual compreende as Lagoas de Santo Antônio, Mirim, Imaruí, Ribeirão Grande, Santa Marta, Manteiga, Camacho e Garopaba do Sul (MEDEIROS, 2004).

Devido as particularidades das potencialidades e tipos de exploração realizadas ao longo da Bacia Hidrográfica do Rio Tubarão, a mesma foi dividida em cinco Sub-Bacias. A Sub-Bacia do Rio D'Una e Complexo Lagunar abrange os municípios de Laguna, Imbituba e Imaruí (SANTA CATARINA, 2002), tendo como principais atividades econômicas a pesca artesanal, indústria pesqueira, setor portuário, agricultura, turismo⁶, rizicultura⁷ (LUNARDI, 2005).

⁶ O turismo se destaca principalmente na região de Laguna e Imbituba, cidades bastante conhecidas pelas praias, além de seu rico patrimônio histórico-cultural.

⁷ Plantação de arroz.

Na Sub-Bacia do Rio Capivari as atividades econômicas que mais se destacam são a agropecuária, indústria madeireira, indústria moveleira, frigoríficos, turismo⁸, indústria de confecções, laticínios (LUNARDI, 2005), sendo que os municípios de Armazém, Gravatal e Braço do Norte fazem parte desta Sub-Bacia (SANTA CATARINA, 2002).

Os municípios de Anitápolis, Braço do Norte, Grão-Pará, Rio Fortuna, Santa Rosa de Lima e São Ludgero fazem parte da Sub-Bacia do Rio Braço do Norte (SANTA CATARINA, 2002), na qual as principais atividades econômicas são a suinocultura⁹, agricultura, rizicultura, fruticultura, mineração, indústria madeireira, indústria de laticínios (LUNARDI, 2005).

Na Sub-Bacia do Baixo Tubarão se destacam a mineração, indústria cerâmica, indústria madeireira, indústria moveleira, indústria plástica, rizicultura, indústria termelétrica¹⁰, comércio, serviço, indústria têxtil, turismo, agropecuária (LUNARDI, 2005). Fazem parte desta Sub-Bacia os municípios de Capivari de Baixo, Jaguaruna, Sangão, Treze de Maio e Tubarão (SANTA CATARINA, 2002).

Por fim, na Sub-Bacia dos Formadores do Tubarão, na qual estão os municipais de Lauro Müller, Orleans e Pedras Grandes (SANTA CATARINA, 2002), as principais atividades econômicas são mineração, cerâmica, agricultura, suinocultura, agricultura, indústria madeireira, moveleira e plástica (LUNARDI, 2005).

Com isso se percebe que na Bacia do Rio Tubarão e Complexo Lagunar Centro-Sul Catarinense existe uma diversidade econômica bastante significativa. Essas atividades por mais que resultem em benefícios para a economia da região, também são responsáveis por resíduos que progressivamente vão degradando o ambiente a ponto de comprometer a

⁸ Águas termais de Gravatal.

⁹ A partir da década de 1990 emerge a suinocultura, a qual altera o panorama geral da Bacia Hidrográfica. Com isso, acaba havendo uma intensificação da poluição das águas, quer pelos dejetos animais, quer pelos produtos químicos empregados nesta atividade (LUNARDI, 2005).

¹⁰ Complexo Termelétrico Jorge Lacerda, o qual é alimentado por carvão mineral.

renda e a vida de 25.000 famílias que dependem das Lagoas e têm na captura de camarão e peixes sua principal fonte de alimentação e renda (MEDEIROS, 2004). A pesca artesanal na região é caracterizada principalmente pela pesca do camarão realizada nas canoas com redes ou com a técnica do aviãozinho¹¹ (MEDEIROS, 2004), e pela pesca cooperativa com os botos¹² (PRYOR *et al.*, 1990; SIMÕES-LOPES *et al.*, 1998; PETERSON, 2005; SIMÕES-LOPES, 2005; PETERSON *et al.*, 2008) (Figura 04).

FIGURA 04: Idéias e vivências: o boto e os pescadores. Foto: Maíra Marques de Oliveira.

¹¹ Trata-se de petrechos em forma de funil com comprimento variável entre 12 a 15 metros que são colocadas na Lagoa em números limitados e pontos pré-fixados (ASSUNÇÃO, 2005). Se trata de uma pesca passiva, onde os princípios são o atrativo luminoso, o fluxo das águas e o comportamento migratório do pescado (SCHIEFLER, 2008).

¹² Os botos habitam principalmente a Lagoa de Santo Antônio e a Barra da Laguna (ASSUNÇÃO, 2005), sendo uma população residente que pode ser avistada o ano todo (SIMÕES-LOPES & FABIÁN 1999). Eles interagem com os pescadores artesanais numa espécie de pesca cooperativa em que ambos se beneficiam da captura do pescado durante, principalmente, a captura da tainha (*Mugil* sp.) (PRYOR *et al.*, 1990; SIMÕES-LOPES, 1991; SIMÕES-LOPES *et al.*, 1998; SIMÕES-LOPES & FABIÁN, 1999; PETERSON, 2005; SIMÕES-LOPES, 2005; PETERSON *et al.*, 2008).

A carcinicultura é uma destas atividades que aumentou a problemática da qualidade dos corpos d'água das Lagoas de Santo Antônio, Mirim, Imaruí e Camacho (MEDEIROS, 2004). No Brasil o cultivo de camarões teve início na década de 1980, e no Complexo Lagunar esta atividade se estabeleceu mais tardiamente, apresentando um crescimento rápido e sem um planejamento quanto aos custos ambientais (BENINCÁ, 2006).

Nas águas dos viveiros são encontrados fertilizantes nitrogenados e fosfatados, rações especiais, fezes dos camarões e outros recursos metabólicos não utilizados, o que acaba tornando os efluentes eutróficos (BERRETA, 2007). Tudo isso acaba auxiliando os efluentes gerados a serem fontes potenciais de poluição das águas das Lagoas do Complexo Lagunar.

No final de 2004 e início de 2005, ocorreram os primeiros casos do vírus da síndrome da mancha branca¹³ nos camarões criados em cativeiro. Este fator aliado a concorrência dos camarões cultivados no nordeste brasileiro e aqueles obtidos via pesca extrativista e a desvalorização do dólar acabaram levando a uma diminuição brusca na produção deste crustáceo na região de Laguna (NETO & SCHLICKMANN, 2008).

As atividades agrícolas, em especial a rizicultura, podem contribuir com a poluição das águas da Bacia Hidrográfica do Rio Tubarão devido aos resíduos resultantes da aplicação de fertilizantes, agroquímicos e da erosão do solo. Além disso, o beneficiamento da mandioca gera resíduos que são lançados diretamente no Rio Tubarão ou nas Lagoas do Complexo Lagunar, o que pode levar a eutrofização¹⁴ dos mesmos.

¹³ Este vírus não havia ainda se manifestado no Brasil quando apareceu em Santa Catarina. É uma doença que ataca o sistema imunológico do camarão, causando mortalidade massiva alguns dias após seu aparecimento (BARROSO, 2005).

¹⁴ A eutrofização é o mais importante problema de qualidade da água na atualidade. O aumento na quantidade de nutrientes e matéria orgânica pode acarretar um aumento substancial na quantidade de algas o que ocasiona alguns efeitos nocivos, como a diminuição na penetração de luz na coluna d'água, na capacidade de ciclagem de nutrientes e na concentração de oxigênio.

Ao longo desta Bacia Hidrográfica percebemos que a mesma é utilizada e explorada de uma forma que ocasiona problemas que comprometem a qualidade de vida dos moradores da região (VIEIRA *et al.*, 2008a). Lunardi (2005) destaca que a problemática ambiental da região se iniciou com o desmatamento da mata ciliar dos rios da região e com a construção da Ferrovia Dona Tereza Cristina em 1884.

Um levantamento realizado pelo Plano Integrado de Recursos Hídricos da Bacia Hidrográfica do Rio Tubarão e Complexo Lagunar (LUNARDI, 2005) com atores sociais dos municípios pertencentes a Bacia Hidrográfica do Rio Tubarão quanto aos principais problemas ambientais, mostrou que segundo o vislumbamento destes atores a problemática ambiental da Bacia apresenta uma relação principalmente com a contaminação dos Rios e Lagoas por esgotos domésticos; extração de carvão e dejetos de animais; inexistência de mata ciliar, contaminação dos Rios e Lagoas com agrotóxicos; disposição inadequada de resíduos sólidos urbanos; desmatamento de áreas de preservação permanente; expansão de áreas urbanas; substituição de áreas de matas nativas por reflorestamento; áreas degradadas por extração de carvão e argila; assoreamento dos Rios; questões sociais e econômicas críticas; inundações das áreas ocupadas nas margens dos Rios; desmatamento para obtenção de carvão vegetal; pesca intensiva nos Rios e Lagoas; possibilidade de falta d'água na bacia em longo prazo.

Outros fatores também foram lembrados no trabalho de Lunardi (2005), tal como a contaminação dos Rios e Lagoas por resíduos industriais, uso inadequado do solo, resíduos de fecularia, poluição industrial, resíduos originários de postos de gasolina e lavação, resíduos da indústria pesqueira, precária educação ambiental, excesso de consumo doméstico.

3.2- O Complexo Lagunar Centro-Sul Catarinense

O Complexo Lagunar Centro-Sul Catarinense é identificado como o conjunto de Lagoas localizadas entre os municípios de Jaguaruna e Imbituba, sendo que a circulação de água destas Lagoas é influenciada pelos sistemas de vento e pluviosidade, contribuição hídrica dos cursos fluviais e pela entrada de água do Oceano Atlântico via Canal da Barra (BERRETA, 2007) (Figura 05). Essas Lagoas apresentam salinidade variável ao longo de seu corpo d'água devido a interligação e a distância com o oceano (BENINCÁ, 2006).

A Lagoa de Santo Antônio apresenta 33,85 Km² de espelho d'água e recebe contribuição da Lagoa do Imaruí, do Rio Sambaqui e do Rio Tubarão, desaguando no Oceano Atlântico via Canal da Barra da Laguna (LUNARDI, 2005). Este canal possui profundidades variadas, podendo atingir até 14,9 metros (BERRETA, 2007).

FIGURA 05: Canal da Barra, o qual faz a comunicação da Lagoa de Santo Antônio com o Oceano Atlântico. Foto: Maíra Marques de Oliveira.

As regiões do extremo sul e sudeste da Lagoa de Santo Antônio são zonas extremamente rasas, mas temos na Lagoa algumas regiões mais profundas que variam de 7,0 a 11,7 metros, sendo que nas proximidades do porto a profundidade média na área central é de 1,5 metro (BERRETA, 2007).

A Lagoa do Imaruí é a maior do Complexo Lagunar, apresentando 86,32 km² e recebendo contribuição da Lagoa do Mirim e dos Rios Siqueiro e Aratingaúba (LUNARDI, 2005). Esta Lagoa é a que apresenta menor profundidade quando comparada com as Lagoas de Santo Antônio e Mirim, podendo atingir até 2,3 metros (BERRETA, 2007).

Na Lagoa do Mirim temos a contribuição dos Rios D'Una e Mané Chico, e ela apresenta uma área de 63,77 km² (LUNARDI, 2005). Na porção central desta Lagoa a profundidade varia entre 2 e 2,8 metros (BERRETA, 2007).

As Lagoas de Santa Marta, Camacho e Garopaba do Sul são menores e se interligam por canais às Lagoas de Santo Antônio e Ribeirão, ao Oceano Atlântico e ao Rio Tubarão (LUNARDI, 2005).

A Bacia do Rio Tubarão e Complexo Lagunar é a décima mais poluída do Brasil, sendo uma das bacias em situação mais crítica em Santa Catarina (SANTA CATARINA, 1997). As alterações na composição das águas desta Bacia advêm principalmente das atividades humanas oriundas da urbanização, tal como lançamento de esgoto e lixo (BERRETA, 2007).

Para Vieira *et al.* (2008b), é quase impossível de se acreditar que água do Rio Tubarão que brota límpida da nascente, pertence ao mesmo Rio que quilômetros depois vai desembocar na Lagoa de Santo Antônio. Segundo este autor, a diferença na qualidade da água já é percebida dentro do município de Lauro Müller, a ponto de uma senhora que

participou de seu estudo apontar para a água “cor de cobre” e afirmar que ali o Rio Tubarão nasce e também morre.

O tratamento de efluentes domésticos da Sub-Bacia do Rio D'Una e Complexo Lagunar é muito deficitário, sendo que dos três municípios da Sub-Bacia somente Laguna possui uma rede coletora que conduz os efluentes dos bairros do Centro e Mar Grosso para um emissário submarino a doze metros de profundidade (BERRETA, 2007).

No entanto, isso atende a aproximadamente 15% da população da cidade, o que faz com que muitos moradores utilizem-se de fossa séptica. No Complexo Lagunar também observamos canais pluviais direcionados às Lagoas, principalmente de populações ribeirinhas (Figura 06) (BERRETA, 2007).

FIGURA 06: Cano de esgoto direcionado à Lagoa de Santo Antônio (Laguna/SC) na comunidade de Ponta das Pedras. Foto: Máira Marques de Oliveira.

A Lagoa de Santo Antônio se localiza no município de Laguna, o qual está situado no litoral de Santa Catarina. A cidade apresenta, segundo o censo do IBGE de 2007, 50.179 habitantes (BRASIL, 2008) e sua economia está baseada principalmente no turismo e na atividade pesqueira (MEDEIROS, 2004). Segundo o Presidente da Colônia de Pescadores de Laguna (Z-14), existem 4.000 pescadores filiados a mesma, sendo que os mesmos se encontram distribuídos em comunidades situadas no entorno das Lagoas de Santo Antônio, Imaruí, Santa Marta, Camacho, Garopaba do Sul e Manteiga.

4.0 Caminhos metodológicos.

4.1 As entrevistas.

Nesse estudo, a primeira etapa está baseada no contato com pescadores artesanais e pessoas que moram nas proximidades da Lagoa. Estas pessoas eram ligadas a Lagoa de Santo Antônio e conseqüentemente com a área da Lagoa, na qual se pôde observar “marcas” da ação do homem nas águas da Lagoa, seja pela atividade pesqueira ou pelos inúmeros objetos observados em suas águas, que vão de garrafas de vinho e bola de futebol a sacolas plásticas e garrafas PET (Figura 07).

FIGURA 07: Só o lixo ainda me parece o mesmo. Foto: Maíra Marques de Oliveira.

As fontes de informações são lugares ou situações de onde se extraem os dados que se precisa, sendo estas campo, laboratório e bibliografia (SANTOS, 1999). Na etapa realizada com os pescadores foi feita a pesquisa de campo, caracterizada pela coleta de dados no local de pesca ou nos bairros, através de observação, além das entrevistas. Estas são consideradas técnicas adequadas aos estudos sobre a questão ambiental (GONÇALVES, 2006), pois procuram um entendimento de como certo grupo social, neste caso os pescadores artesanais, entendem a problemática de um determinado ambiente, neste trabalho materializado pela Lagoa de Santo Antônio.

Diferentemente do que aconteceu nos trabalhos de Santos (2006) e Saldanha (2005), onde para adquirir a confiança dos pescadores, o pesquisador teve que contar com o auxílio de um agente local como intermediário, minha imersão em campo como pesquisadora foi facilitada por eu estar de certo modo inserida naquele contexto como moradora local. Isto ocorreu devido ao fato de alguns dos pescadores artesanais entrevistados me conhecerem desde criança, sabendo de minha trajetória pessoal e dos motivos que me levaram a desenvolver a pesquisa. Mesmo assim, algum tempo foi necessário para se conhecer melhor o contexto a ser pesquisado e conquistar a confiança das pessoas que não me conheciam. Isso é importante para que as pessoas entrevistadas possam falar sem desconfiança, uma vez que muitos apresentam receio de que o pesquisador possa ser membro do IBAMA ou da Polícia Ambiental. Este receio faz com que algumas informações importantes sejam omitidas, principalmente em relação aos períodos de defeso e tamanho da malha das tarrafas.

Esta desconfiança por parte dos pescadores em relação ao pesquisador, fazendo associação deles com autoridades ou algum órgão de fiscalização foi observada em alguns trabalhos (SALDANHA, 2005; ZAPPES 2007). No trabalho de Saldanha (2005), a pesquisadora afirma que era mais importante informar aos pescadores de onde ela estava

vindo e qual o destino das informações ali coletadas, do que esclarecer os objetivos de sua pesquisa.

“Foi preciso bastante cautela para que a aproximação não fosse interpretada como uma ameaça. Isso geralmente acontece uma vez que na região pesquisadores são freqüentemente confundidos com técnicos de órgãos estaduais ou federais, como do IBAMA, por exemplo. Por essa razão foi necessário esclarecer e até mesmo convencer que não se tratava de um trabalho “para o governo” ou para “o IBAMA” e sim de uma pesquisa com o simples propósito de entender a pesca da manjuba”.

(SALDANHA, 2005, p. 16).

Os primeiros contatos com os pescadores artesanais foram feitos no período de abril a maio de 2008, quando aconteceram as primeiras conversas informais sobre a atual situação da Lagoa. Esses contatos aconteceram nas comunidades de pescadores de Ponta das Pedras, Vila Vitória, Magalhães e Ponta da Barra, bem como em dois locais onde ocorria a pesca de tainha com o auxílio dos botos (*Tursiops truncatus*), sendo que no bairro Magalhães a pesca acontecia com o auxílio de barco e no Molhes da Barra não havia a utilização de nenhum tipo de embarcação. É importante salientar que estas comunidade são próximas e, elas representam comunidades da foz do Rio Tubarão.

Estas conversas eram feitas em caráter informal e, talvez por esta informalidade, não tendo um roteiro a ser seguido, cada uma das conversas seguia para um rumo inesperado. Estas conversas aconteciam enquanto eu tirava fotos da Lagoa de Santo Antônio ou observava a pescaria e/ou os botos, e nestes momentos algumas coisas me chamaram atenção. Uma delas é o fato de que um dos pescadores artesanais com quem

conversei falou que os pneus de carro que estão no fundo da Lagoa são algo bom para a Lagoa, uma vez que muitos animais acabam vivendo dentro deles ou alimentando-se de algas que ali se fazem presentes. Percebi também muitas falas sobre a poluição da Lagoa, a qual os pescadores identificavam como principais responsáveis as plantações de arroz e redes de esgoto.

Dos dezoito pescadores com quem dialoguei neste primeiro momento, todos relataram a diminuição na quantidade de pescados nos últimos anos. Alguns falaram da pesca da tainha que em 2008 foi abaixo de suas expectativas, outros afirmaram que os siris praticamente não existem mais na Lagoa, outros ainda diziam que a pesca do camarão estava seriamente ameaçada por outros pescadores que no período do defeso não respeitavam as regras e continuavam pescando.

A segunda fase do procedimento de estudo de caso apresenta uma preocupação mais voltada para as características próprias do objeto de estudo, onde os instrumentos utilizados são estruturados (LÜDKE & ANDRÉ, 2005). É nesta fase que foram elaboradas as questões do protocolo de entrevistas, as quais, tal como no trabalho de Saldanha (2005), tiveram como base as conversas informais realizadas anteriormente. Essas conversas informais permitiram que eu pudesse elencar os assuntos que responderiam aos meus objetivos iniciais e, aos poucos, fui elaborando as questões para a entrevista semi-estruturada.

Assim como no trabalho de Santos (2006), o protocolo elaborado abordava questões sócio-econômicas e de atividades de pesca. No entanto, como a entrevista procurava dar voz aos conhecimentos dos pescadores artesanais sobre a Lagoa de Santo Antônio, muitos dos questionamentos pretendiam vislumbrar a relação que o pescador tem com a Lagoa, abordando aspectos relacionados aos problemas da Lagoa, a biodiversidade e a relação que o pescador tem com a mesma.

Após a confecção do protocolo de entrevistas o mesmo foi aplicado com dez pescadores artesanais da cidade de Laguna, os quais não pertenciam à área de abrangência da presente pesquisa. Isto se fez necessário para se testar e ajustar o protocolo de entrevistas quanto ao tempo e a clareza das perguntas.

A entrevista constava de um conjunto de questões abertas e após o ajuste e com o protocolo de entrevistas já finalizado, iniciaram-se as entrevistas semi-estruturadas com os vinte pescadores artesanais. A escolha deste número deveu-se ao fato de ele representar o dobro do número de bairros e comunidades que se localizam na área de abrangência da escola selecionada, sendo estes o Centro, Magalhães, Morro da Glória, Ponta das Pedras, Vila Vitória, Navegantes, Mar Grosso, Barra, Passagem da Barra e Ponta da Barra. Sendo assim, todos os entrevistados são membros de comunidades urbanas de pescadores artesanais.

A idéia inicial era se selecionar dois pescadores de cada bairro, no entanto isto não aconteceu devido ao fato de que pescadores que sabidamente moravam em um bairro se identificavam como sendo de outro. A proximidade entre os bairros e uma identificação pessoal com o outro bairro podem ser a causa desta identificação. Esta “localização residencial” é criticada por Saldanha (2005), sendo que a autora afirma que “os limites não são dados somente no espaço físico sendo construídos a partir das representações dos grupos”.

A amostragem dos pescadores ocorreu de forma não aleatória, sendo que os critérios para a escolha de quais pescadores seriam entrevistados nos locais onde a pesca se realizava primavam por selecionar os pescadores que estivessem realizando alguma atividade que não fosse atrapalhada pela entrevista, bem como pela sua disponibilidade e interesse em participar da pesquisa. Para a amostragem que ocorreu em alguns bairros, perguntava-se inicialmente aos moradores onde residiam os pescadores artesanais da comunidade e então selecionava-se duas casas não próximas e

fazia-se a abordagem ao pescador que consentisse a entrevista. A opção por a escolha de duas residências distantes era interessante porque as crianças ao perceber a presença de uma pessoa estranha com um gravador iam a relatar este fato aos moradores, criando expectativas e receios por parte dos pescadores artesanais.

Como muitos dos pescadores artesanais quando entrevistados estavam nos locais de pesca e exercendo a atividade, eu percebi, assim como Saldanha (2005), que “a calma e a paciência” eram necessárias para entender o momento apropriado para realizar cada entrevista, e para me calar.

Os pescadores artesanais que participaram desta etapa eram informados quanto aos objetivos iniciais da pesquisa e aqueles que consentiram em participar foram entrevistados. Dos pescadores com quem eu tive contato para informar sobre a pesquisa, quatro não quiseram participar alegando que não sabiam falar direito ou que não gostavam de dar entrevistas. Um dos pescadores que foi entrevistado não quis assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ver Anexo 01 no CD), e sua entrevista não será aqui considerada. Estas recusas já eram esperadas uma vez que muitos pescadores temem que a entrevista possa trazer algum tipo de comprometimento com a Lagoa de Santo Antônio ou com a Polícia Ambiental, a qual esteve presente nos locais de pesca em dois dos dias em que se realizou a entrevista. Buscando-se que os pescadores tivessem maior liberdade ao responderem os questionamentos, a questão do sigilo do entrevistado era assegurada antes de se iniciar a entrevista, apesar dela estar especificada no Termo de Consentimento.

Embora o registro fonográfico nem sempre seja bem recebido, pois muitos informantes o percebem como uma técnica invasiva a sua privacidade (VIERTLER, 2002), todos os pescador artesanais entrevistados permitiram que a entrevista fosse gravada. Após a aplicação das entrevistas, que foram gravadas em fitas K-7 devidamente etiquetadas, foi realizado a transcrição do conteúdo. A etiquetagem foi também utilizada no trabalho de

Assunção (2005), sendo que aqui ela se mostrou bastante útil quando se precisou localizar determinada entrevista em uma das oito fitas gravadas.

A transcrição das entrevistas foi uma etapa bastante demorada e trabalhosa. Assim como no trabalho de Santos (2008), demorei muito tempo para transcrever cada arquivo de áudio. Como muitas entrevistas ocorreram nos locais de pesca, onde não havia locais devidamente abrigados das condições ambientais, o vento dificultou a transcrição de várias gravações. O “ouve, pára, tenta entender e escreve” se repetiu muitas vezes em trechos que pareciam indecifráveis. Com o auxílio de inúmeras pessoas, inclusive de uma com deficiência visual que tem a audição bastante apurada, foi possível a reprodução das oito fitas gravadas. Optei por manter a construção gramatical das frases faladas durante a entrevista, com seus erros de concordância verbal e com suas formas de pronúncia. Isso, segundo Ferreira (2006), evidencia a construção gramatical típica e o sotaque da população estudada. Os textos integrais das entrevistas fazem parte do Anexo 02 (no CD).

Ao final de cada entrevista informações adicionais referentes à mesma eram anotadas no diário de campo e estão transcritas no protocolo de entrevistas dentro de Informações Complementares (ver Anexo 02 no CD). Estes momentos foram ricos de informações sobre a Lagoa de Santo Antônio, a pesca e o modo como os pescadores se identificam com o ambiente lagunar.

Buscava-se que, com a entrevista semi-estruturada, os temas introduzidos a partir dos questionamentos gerassem narrativas sobre a Lagoa de Santo Antônio, sua importância e complexidades.

Devido as narrativas terem um potencial educativo muito grande (BRUNER *apud* COMPIANI, 2005), buscava-se através das entrevistas com os pescadores a construção de narrativas, as quais seriam utilizadas na intervenção com estudantes de sexta série. Entendo

as narrativas como motores da história e não apenas suas representações e por isso o contato por parte dos estudantes com elas era uma das intenções do projeto.

No entanto, as entrevistas semi-estruturadas não possibilitaram uma construção de narrativas dos pescadores artesanais sobre a Lagoa, pois as narrativas foram um registro de eventos ou situações em termos de agente/paciente e causa/efeito. O que foi conseguido com as entrevistas dos pescadores foram falas que por mais que estejam impregnadas por interpretações, não eram um registro de eventos ou situações. Desta forma, não parecia produtivo, no momento da intervenção na escola, me utilizar do material produzido através das entrevistas com os pescadores.

Desta forma, os relatos orais obtidos através das entrevistas serviram, na etapa com os estudantes, como uma base para a elaboração das atividades da intervenção, assim como elencar as questões motivadores que poderiam ser relevantes para se tentar vislumbrar o modo como os estudantes enxergam a Lagoa.

Assim como no trabalho de Saldanha (2005), a análise das entrevistas transcorreu principalmente via uma “fragmentação” das entrevistas a partir dos temas anteriormente elencados (estado de saúde, problemas que afetam a Lagoa, biodiversidade, vislumbramento do futuro da Lagoa e da pesca artesanal) e a partir de uma análise temática onde se detectou os tópicos que se repetiam nas diferentes entrevistas e como esses tópicos poderiam auxiliar a entender como os pescadores vislumbram a Lagoa de Santo Antônio. Foi realizada uma pesquisa na literatura sobre os tópicos que haviam sido destacados, se utilizando para tal, trabalhos publicados sobre o Complexo Lagunar Centro-Sul Catarinense.

A análise de conteúdo enfatizou evidenciar o vislumbramento dos fatos narrados pelos pescadores artesanais, dando voz às diferentes realidades mostradas através dos relatos orais dos pescadores. De acordo com Assunção (2005), numa “pesquisa qualitativa

a quantidade de aparições de um dado ou informação, ainda que relevante para a análise e interpretação, não se consubstanciava em elemento determinante. Assim, a aparição de fatos com baixa frequência tem o mesmo valor no resultado final da análise de conteúdo” (ASSUNÇÃO, 2005).

4.2 A intervenção no ambiente escolar.

O que motivou a realizar o trabalho também em sala de aula foi o fato de que na escola estamos imersos em diferentes universos do conhecimento. Quando estamos no ambiente escolar, temos contado principalmente com as “visões escolares” da ciência, e muitas vezes neste contexto, acaba se desvalorizando o saber tradicional que é fundamentado através das práticas, do conhecimentos empíricos e dos costumes, sendo portanto cultura e socialmente construído e modificado. Por isso a sala de aula se torna “um local privilegiado para investigar as relações entre visões científicas e cotidianas e entre discursos científicos e narrativas” (COMPIANI, 2005).

A escolha da escola em que se realizaria a intervenção se deu principalmente por sua localização, a qual é próxima a Lagoa de Santo Antônio e propicia o atendimento a diversos bairros da cidade, e pelo interesse por parte da diretora pela proposta da intervenção. Desta forma o colégio escolhido para se realizar a ação educativa foi a Escola de Educação Básica Ana Gondin, a qual é uma escola da rede pública estadual. A diretora facilitou o contato com a professora de Geografia que rapidamente se prontificou a disponibilizar suas aulas para a intervenção.

A escolha da sexta série para esta proposta educativa foi baseada no fato da questão da água ser curricularmente trabalhada na quinta série na disciplina de Ciências e na sexta série serem trabalhados saberes escolares associados à Botânica e Zoologia. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais de Ciências Naturais (BRASIL, 1998), na sexta série

um dos conteúdos centrais para o desenvolvimento de conceitos, procedimentos e atitudes é a comparação de diferentes ambientes em ecossistemas brasileiros quanto à vegetação e fauna, suas inter-relações e interações com o solo, o clima, a disponibilidade de luz e de água e com as sociedades humanas.

A idéia inicial era fazer a intervenção não no momento em que os alunos estão em aula, mas sim em horários livres. Mas ao longo da pesquisa uma frase que me foi enviada por e-mail fez com que eu refletisse sobre a ocasião mais propícia para se fazer a intervenção. A frase dizia que existe “uma tendência em se realizar atividades de educação ambiental em horários livres, o que pode acabar fazendo com que os estudantes não atribuam os mesmos valores à intervenção e aos momentos de construção de conhecimento em sala”. Desta forma, realizar a ação educativa nos horários das aulas dos estudantes seria mais coerente com o valor que eu queria transmitir à intervenção, pois se o trabalho desenvolvido fosse em horários livres os alunos poderiam considerar a atividade com uma importância menor em relação aos demais conteúdos trabalhos em sala. A escola também considerou a ação educativa relevante e concordou em a mesma ser realizada no período normal de aulas.

Três semanas antes de se fazer a intervenção, tive o primeiro contato com os estudantes. Eles se mostraram bem receptivos e participativos, fazendo inúmeras perguntas sobre como seria a ação educativa, se teriam que trazer alguma coisa e qual era minha formação. Não me identifiquei como estudante de Ciências Biológicas para que durante o trabalho a ser desenvolvido as respostas deles não fosse direcionada apenas para aspectos biológicos da Lagoa de Santo Antônio.

A intervenção foi realizada no período matutino com a sexta série 01, a qual contava no dia com dezenove alunos. A ação educativa ocorreu no dia 29 de outubro de 2008 e foi registrada de diferentes formas, de acordo com o tipo de dinâmica realizada em

cada momento da aula. Foram coletados registros através de desenhos, de forma escrita e falados, os quais foram gravados e posteriormente transcritos. A utilização do material produzido durante o período em sala de aula foi consentida pelos pais dos alunos que participaram da atividade, confirmado pela assinatura dos mesmos de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido presente no Anexo 03 deste trabalho (Ver CD).

O desenvolvimento metodológico quando se trabalha com aspectos do meio ambiente permite agrupar esforços de várias áreas do conhecimento (GONÇALVES, 2006), além de diversas estratégias. Neste sentido, a intervenção, que durou cento e cinquenta minutos, era constituída por uma seqüência de atividades que trabalhavam com desenho, escrita e fala. O primeiro momento consistia em os alunos desenharem como a Lagoa de Santo Antônio é para eles, a qual foi seguida pela exposição dos desenhos produzidos. Depois disso, ocorreu a intitulação individual das ilustrações e uma nova exposição das mesmas. Neste momento surgiram comentários sobre o que os alunos mudariam nos desenhos. Por fim, houve uma atividade de escrita onde os alunos tinham que elencar as primeiras palavras que vinham a mente quando pensavam em Laguna, meio ambiente, ser humano e Lagoa de Santo Antônio.

A primeira atividade desenvolvida com os estudantes foi o desenho (ver Anexo 04 no CD), a qual demorou setenta minutos. Tive a preocupação de ver antes que eles começassem a desenhar, se eles sabiam o que é a Lagoa de Santo Antônio. Desta forma, antes de lançarem os primeiros traços no papel houve um exposição dialogada com os estudantes, onde se lançou um questionamento a respeito da Lagoa com o intuito de estimular a participação dos estudantes. Apesar desta conversa prévia poder influenciar o modo como os estudantes iriam retratar a Lagoa em seus desenhos, era necessário esta delimitação da área de abrangência da mesma, para que assim se pudesse analisar os

desenhos, de modo que os mesmos representassem o que entende-se por Lagoa de Santo Antônio.

Após todos os desenhos terem sido feitos, eles foram expostos no quadro da sala e os alunos observaram as ilustrações dos colegas. Alunos das outras séries entravam na sala de aula e também vislumbravam os desenhos dos companheiros de escola, tecendo inúmeros comentários sobre os “erros” presentes nas ilustrações e sobre a atividade pesqueira. Eu fiquei admirada com esse interesse demonstrado pelos estudantes das outras salas, e somente após eles terem saído me perguntei se isso não causou um certo desconforto por parte dos alunos, pois muitos estavam com vergonha de expor “suas criações” aos estudantes da própria turma.

Após esta observação cada estudante teve que dar um título a sua ilustração. O título era escrito em um pedaço de papel e colocado próximo ao desenho. Os alunos foram convidados a voltar a olhar os desenhos. Depois disso, eles comentaram se mudariam algo em seus desenhos. Esta atividade era importante para ver como o contato com os outros desenhos levou o estudante a refletir sobre o seu.

Posteriormente, outra atividade foi realizada na intervenção, onde os alunos tiveram que escrever as primeiras palavras que lhe vem a mente quando pensam em Laguna, meio ambiente, ser humano e Lagoa de Santo Antônio (ver Anexo 05 no CD). Estas eram perguntas presentes nas entrevistas realizadas com os pescadores que me trouxeram muitas informações, principalmente em relação à Laguna e meio ambiente, e me parecia interessante fazê-las aos estudantes. Além disso, fazer estas mesmas questões serviria para poder ter uma perspectiva quanto as aproximações e distanciamentos entre os relatos orais dos pescadores e o vislumbramento dos estudantes em relação a estas palavras.

Talvez tivesse sido mais interessante se esta fosse a primeira atividade realizada na intervenção, visto que os desenhos provavelmente influenciaram as respostas dos alunos quanto as primeiras palavras quando pensam na Lagoa de Santo Antônio.

Visando a participação oral dos estudantes na construção do conhecimento relacionado a Lagoa, foi proposta no fim da intervenção uma questão motivadora que desencadeou uma longa e interessante conversa. A questão motivadora referia-se a qual a importância da Lagoa, mas desencadeou uma conversa que tratou de biodiversidade, poluição e pesca. A transcrição dos diálogos desenvolvidos durante a intervenção foram bem menos trabalhosos do que a das entrevistas dos pescadores, principalmente por ter ocorrido num local abrigado do vento.

O Perfil do Aluno foi distribuído aos alunos no final da intervenção, para que os questionamentos ali presentes não causassem receio por parte dos estudantes ou influenciassem no decorrer da intervenção. Neste perfil havia questões referentes a idade, bairro em que mora, naturalidade, profissão dos pais, profissão que gostaria de exercer, disciplina que mais/menos gosta, etc. Buscava-se através deste material obter informações sobre como a atividade pesqueira está imersa no universo social de cada estudante, seja através da profissão dos pais ou da comunidade em que o mesmo reside. Isso porque o espaço geográfico apropriado pelos estudantes é extremamente importante na construção da identificação social e cultural (HAESBAERT, 1999).

De posse dos desenhos e seus títulos, da transcrição das conversas e do material escrito durante a intervenção, fez-se a identificação e a interpretação das categorias ou temas mais freqüentemente abordados nos desenhos, diálogos e “textos”, tal como ocorreu no trabalho de Bezerra *et al.* (2007).

Depois da interpretação dos desenhos, os mesmos foram classificados em categorias, sendo utilizadas como inspiração as estabelecidas no trabalho de Pereira (2008),

de modo a estas se adequarem aos desenhos dos estudantes sobre a Lagoa de Santo Antônio.

5. Os pescadores convidam a um momento de reflexão.

5.1 Identificando os pescadores

Foram entrevistados 20 pescadores artesanais, todos do sexo masculino com idade entre trinta e dois e sessenta e cinco anos, sendo que destes apenas três não nasceram no município de Laguna (15%).

Quanto ao grau de instrução, dos vinte pescadores entrevistados, quinze possuem apenas entre a terceira e a sétima série do Ensino Fundamental (75%), sendo que destes três cursaram apenas até a terceira série, três até a quarta série, seis até a quinta série, um até a sexta e dois até a sétima série do Ensino Fundamental. Dos entrevistados um era analfabeto, apesar de saber assinar seu nome, o que foi evidenciado na assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, dois estudaram até o primeiro ano do Ensino Médio e dois chegaram a concluir o ensino médio. No trabalho de Santos (2006) e Zappes (2007), também se observa a pequena quantidade de pescadores artesanais que cursaram o Ensino Médio.

Isto pode ter sido facilitado devido ao fato de que onze dos pescadores entrevistados afirmaram que começaram a trabalhar quando ainda eram jovens, com idade inferior a vinte anos, de modo a poder auxiliar no sustento da família. O trecho abaixo se refere a resposta do pescador P09 quando o mesmo foi perguntado sobre seu nível de escolaridade, mostrando esta realidade.

“Até terceiro ano primário só. Na época a gente tinha que trabalhar e ajudar o pai e daí parei”.

Pescador P09.

As diferenças nos níveis de instrução não se mostraram perceptíveis ao longo da maioria das entrevistas. No entanto, em uma das entrevistas em que o pescador apresentava

Ensino Médio completo (P20), este pareceu falar de forma mais rebuscada, utilizando-se de expressões como “dejeito fecal”, “fungicida”, “herbicida”, as quais podem ser explicadas pelo fato de que o pai do pescador em questão exerce a profissão de agricultor.

“(…) Outra é o agricultor, que nós aqui constatamos agora, no início do Carnaval foi encontrado muitos frascos de produtos químicos, como fungicida, herbicida, todo esse tipo de material(…)”.

Pescador P20.

Nas entrevistas piloto, os pescadores artesanais entrevistados mostraram familiaridade com termos como “variabilidade”, “ser humano”, “meio ambiente”, “preservação” e “responsabilidade”. No entanto durante as entrevistas, como muitos dos pescadores apresentavam baixo nível de escolaridade, estes termos me parecem não serem os mais adequados, embora as respostas para os questionamentos que continham estes termos terem sido satisfatórias. Uma linguagem mais próxima a do cotidiano dos pescadores talvez pudesse ter funcionado melhor.

Dentre os entrevistados existem pescadores que realizam a atividade de pesca há quarenta anos e pescadores com poucos anos de pescaria (dois anos). No trabalho de Peterson *et al.* (2008), também apareceu esta diferença no tempo de exercício da atividade entre os pescadores entrevistados, havendo indivíduos com menos de dez anos de pescaria até pescadores com mais de cinquenta e um anos de profissão. Treze (65%) dos vinte pescadores entrevistados pescam todos os dias, o que evidencia a importância da atividade como fonte de recursos financeiros para o grupo de pescadores entrevistados.

Dentre as variedades pescadas pelos entrevistados há algumas espécies de peixe (tainha, savelha, cardosa, bagre, corvina, robalo e anchova), além do camarão e do siri. No trabalho de Peterson (2005), os pescadores artesanais de Laguna também citaram estes dois

crustáceos, sendo que neste trabalho foram citados um maior número de morfotipos de peixes.

5.2 Os pescadores, seus conflitos e a realidade da Lagoa.

Através do modo como os pescadores vislumbram a Lagoa, eles constroem suas relações e seus modos de usufruírem dos bens e serviços fornecidos por ela. Serviços que vão construindo identidades culturais, senso de lugar e patrimônio cultural.

Pelos relatos orais dos pescadores artesanais, buscavam-se os valores atribuídos à Lagoa de Santo Antônio, os quais provavelmente orientam as decisões e os sentimentos individuais que perpassam o processo da pesca. Os relatos orais dos pescadores são construídos no cotidiano para viabilizar as práticas e afirmar determinadas formas de ser e de habitar.

Para poder estabelecer significações em relação à Lagoa de Santo Antônio, o pescador teria que saber qual é o ambiente que a representa. Como os limites no espaço físico são construídos através das representações de grupo (Saldanha, 2005), era esperado que o local onde começa/termina a Lagoa não fosse uma voz uníssona entre os pescadores artesanais que seriam entrevistados. No entanto, um dos pescadores que foi entrevistado no Bairro Magalhães afirmou que ali se localizava a Lagoa do Imaruí. Ele também falou da “entrada da barra”, apontou em direção ao Centro da cidade. Este pescador é natural de Laguna e pesca há aproximadamente vinte anos, evidenciando um longo tempo de diálogos com o ambiente lagunar. Esta identificação daquele ambiente como sendo a Lagoa do Imaruí é bastante interessante uma vez que mostra que a localização estabelecida geograficamente pelos mapas para a Lagoa de Santo Antônio, e aceita pela grande maioria dos pescadores artesanais entrevistados, não é a única existente entre os pescadores da cidade de Laguna.

“Isso aqui é Imaruí, aqui não é Lagoa de Santo Antônio. Isso aqui é mais assim uma entrada de barra, uma boca assim. E já fica lá mais para cima entre Imaruí e Laguna”.

Pescador P03.

Quanto às ações decorrentes do conhecimento em relação à Lagoa e aos seres que vivem dela, ao analisar as falas dos pescadores percebo que existe uma preocupação por parte de seis pescadores em relação ao tamanho da malha das tarrafas.

“O papel do pescador artesanal na preservação da Lagoa deveria ser ter o regulamento de malha, porque não fazer aquelas malhas tão miudera, porque a natureza repõe tudo aquilo que é dela. Mas aí se o homem começar a acabar, aí como é que vai ficar? Vai terminando cada vez mais, né”.

Pescador P17.

O pescador P17 ao afirmar que a natureza repõe tudo que é dela, mas se o homem destruir a natureza não irá conseguir mais repor e o pescado irá diminuir cada vez mais. É interessante este vislumbramento que o pescador tem da natureza, como algo que está se repondo de modo a manter um determinado equilíbrio. Este vislumbramento da natureza como algo que se automantém e se auto-regula foi durante certo tempo aceito no meio científico, sendo atualmente questionado (MORAN, 1994; CAPRA, 1996).

“(…) O próprio pescador as vezes é culpado de... da extinção de alguns peixes inclusive. Que ele pega na época da arte proibida e também eu vejo aí, toda vida, desde a vida ... desde o tempo que eu só pescava, o pescador pega o peixe pequeno que as vezes não tem comércio, não dá para aproveitar, mas não tem como. Ele pega aquele peixe e aquele peixe depois vai fazer falta, né. E quando pega esse peixe pequeno, pega em bastante quantidade, porque ele vem em mais quantidade e aí é isso aí que atrapalha, né. Eles não tem... não tem noção de que esse peixe vai faltar mais tarde, né. Porque muitas das artes eram tudo de boa malha, daí traz só peixe

bom, né. E nós temos muitos pescador aí e outros que consideramos esse lado. Então, nossas tarrafas é tudo malha boa, malha seis, sete. Essa aqui que é a malha mais miúda que eu tenho, ó. É a malha cinco e meio, é a mais miudera que eu tenho. Então essa minha tarrafa aqui é a mais miudera que eu tenho, é melhor, mas mesmo assim eu não gosto. O certo era uma malha tudo maior, porque também seleciona o peixe. Só que não é isso que tá acontecendo (...)

Pescador P09.

O pescador P09 afirma que o tamanho da malha propicia a seleção dos pescados, de modo que quanto maior a malha, maior o tamanho do peixe capturado pela tarrafa. Ele relata que nem todos os pescadores se utilizam de uma malha maior, o que faz com que se pegue peixes pequenos, os quais são capturados em grande quantidade. Ele com esta informação justifica a “*extinção*” de algumas espécies de peixe. No trabalho de Assunção (2005), alguns pescadores artesanais afirmaram que se todos se utilizassem da malha adequada na tarrafa, a situação da Lagoa de Santa Marta iria melhorar.

“(...) quando a malha tá dentro da Lagoa, malha da rede do camarão, não ajuda muito, né. Muita gente continua matando e não consegue crescer”.

Pescador P18.

O pescador P18 afirma que a malha além de matar os animais não possibilita seu crescimento. Esta fala em relação à malha se distingue das outras duas, por agora não estar se referindo ao tamanho da malha, mas a sua presença. É importante salientar que as redes de captura de camarão (aviãozinho) são levantadas ou abaixadas conforme o período ser ou não de defeso, e desta forma causam impactos diferentes sobre os seres vivos que habitam a Lagoa.

“(…) levantar as redes de aviãozinho que pescam lá em cima, que são redes de camarão que ficam fixas o ano todo dentro da Lagoa. Agora eles levantam porque tá no defeso do camarão, e eles são obrigados a levantar as redes (…)”.

Pescador P05.

Segundo Assunção (2005), o principal argumento contra a utilização do aviãozinho é o fato desta arte de pesca não ser seletiva no momento de captura, pegando os mais variados seres vivos. Sendo assim,

“(…) a seletividade deverá ser feita pelos pescadores e pelas pescadoras que a utilizam. Este é um dos argumentos mais significativos na rejeição da arte de pesca por aqueles que a criticam. A seletividade no uso da arte de pesca está mais que evidente que é uma questão de consciência, portanto, requer um processo educativo: um querer fazer, por parte do pescador e da pescadora”.

(ASSUNÇÃO, 2005, p. 105).

Esta captura não seletiva é evidenciada através do trabalho de Schiefler (2008), onde ele realizou um levantamento da fauna capturada com redes de aviãozinho no Complexo Lagunar. Em seu trabalho além do camarão foram capturados siris e representantes de vinte e três famílias de peixe.

Para Baptista (2007), os conflitos envolvendo os atores ligados direta e indiretamente a pesca são inúmeros e estão distantes do olhar da sociedade em geral. Esta autora afirma que em decorrência desses conflitos a pesca não é um assunto meramente

ambiental, sendo sobretudo um assunto político. Ela afirma que “não se trata especificamente do recurso pesqueiro, mas da sociedade envolvida” (BAPTISTA, 2007).

Quanto aos conflitos existentes devido a pesca na Lagoa de Santo Antônio, percebe-se nos relatos uma preocupação por parte de alguns pescadores artesanais com pessoas que realizam a atividade apesar de estarem aposentados ou exercerem outra profissão.

“(…) Não pode tirar hoje o polícia que pesca na Lagoa, o aposentado que estrova o pescador. Então, enfim se fosse só o pescador hoje, ele teria condições de viver bem da Lagoa”.

Pescador P04.

Outro pescador (P08) após o término da entrevista também se mostrou incomodado pelo fato de que muitos dos que estavam pescando na Lagoa não exercerem a atividade de pescador artesanal e acabarem de certa forma prejudicando quem sobrevive a partir desta atividade.

Este mesmo conflito com pescadores amadores ou que exercem outra profissão também foi observado pelos trabalhos de Medeiros (2004), Assunção (2005) e Peterson *et al.* (2008), sendo que nos dois últimos trabalhos além do conflito referente a competição pelos recursos pesqueiros apareceram dois outros conflitos, um referente a apropriação dos espaços coletivos (ASSUNÇÃO, 2005; PETERSON, 2005; PETERSON *et al.*, 2008) e o outro fazendo referência ao fato de que os pescadores que não exercem a atividade atrapalham a execução da mesma por não conhecerem o momento certo de lançar a tarrafa (PETERSON, 2005; PETERSON *et al.*, 2008) ou não utilizam-se do tamanho adequado da malha da tarrafa (ASSUNÇÃO, 2005). No trabalho de Assunção (2005), os pescadores artesanais denominam os pescadores amadores como “turistas”, “intrusos”, “pessoal de fora” e, segundo os pescadores artesanais são estes “intrusos” que “exaurem os recursos ambientais” por não terem “comprometimento algum com o território”, o que difere da

“concepção dos pescadores artesanais, que têm uma história de vida umbilicalmente ligada ao território”. Peterson *et al.* (2008), atribui como fatores que facilitam a existência desse conflito entre pescadores artesanais e amadores a tecnologia simples utilizada pelos pescadores artesanais, o relativo baixo custo de lançar as redes e o fácil acesso a alguns locais de pesca, como os mais próximos à praia.

Para Brandão (2005), quando “alguém de fora” visita um lugar pode até valorizá-lo por critérios estéticos, importância ecológica, econômica, social, mas não há laços de afetividade e por isso a forma desta pessoa olhar o ambiente será diferente daqueles que apresentam por ele um sentimento de pertencimento. Talvez isso possa explicar a falta de comprometimento dos “intrusos” em relação à Lagoa de Santa Marta, o qual foi relatado pelos pescadores artesanais no estudo de Assunção (2005).

É interessante salientar que dos vinte pescadores entrevistados, três estão aposentados, e destes dois ainda exercem a atividade da pesca como uma fonte de recurso que complementa a renda familiar.

“(…) Hoje aí, eu arranjei outro serviço e me aposentei e então agora eu continuo pescando. Agora eu pesco mais de tarrafa, ainda mais que o peixe agora é só mais para mim e pra a família e tal. Mas já pesquei muito nas boas épocas de pesca aí, na pesca da tainha. Mas daí vivia uma vida muito difícil e aí comecei a trabalhar e me aposentei. Me aposentei por tempo de serviço, então aí me aposentar pelo tempo de serviço e por pescar, tinha carteira, tinha condicional, tudo, que é o meu caso. Mas de vez em quando eu venho pescar, eu venho aqui pescar. De vez em quando eu vinha pescar. Então agora a gente sempre continua, vem dando uma pescada aí, pegando um peixe e tal, sempre ajuda, né. A gente não ganha muito e ajuda na diária. Fora que é um lugar lindo e dói os olhos só se olhar, sem dúvida”.

Pescador P09.

Outro conflito presente é com a própria identidade de pescador artesanal. O pescador P02 fala que é pescador artesanal antes de iniciar-se a entrevista e, ao longo dela afirma algumas vezes que não era pescador.

“(...) Este ano foi um ano fraco aqui de tainha. Eu não sou pescador, mas eu venho aqui e vejo que está se acabando isso aqui (...)”.

Pescador P02.

O que motivou a esta falta de identificação provavelmente foi a aproximação de integrantes da Polícia Ambiental enquanto a entrevista ia sendo realizada. O pescador parece ter certo receio de como suas respostas possam ser interpretadas pelos policiais e por isso identifica-se algumas vezes ao longo da entrevista como não pertencente a este grupo.

Os pescadores muitas vezes citaram a Polícia Ambiental ao longo das entrevistas. O reconhecimento deste órgão por parte dos pescadores se faz principalmente através da embarcação da instituição, a qual pode ser avistada facilmente nas Docas ou no Iate Clube de Laguna.

“(...) A Ambiental dorme normalmente do lado do cais e tão aí só para bonito. O governo pagando eles aí e não fazem nada (...)”.

Pescador P01.

Os pescadores reclamam das atitudes tomadas pela Polícia Ambiental, que para eles não cuida da Lagoa como deveria e ainda prejudica a atividade da pesca artesanal. A fiscalização é uma atribuição do Estado e este, ao ausentar-se ou praticá-la de forma incorreta, acaba propiciando insegurança e estimula o senso de impunidade (ASSUNÇÃO,

2005). A perda de confiança nas instituições pelos pescadores artesanais foi considerada por Medeiros (2004) como um dos problemas típicos da região do Complexo Lagunar.

“(...) a Ambiental faz bem pouco por nós, aí. Devia tomar muita conta dessa Lagoa, né. É complicado. Só querem multar os pescadores, só querem... as vezes até atrapalhar a gente e não conseguimos pescar, né”.

Pescador P05.

A Polícia Ambiental também é lembrada em outro momento durante a entrevista. Muitos pescadores quando perguntados de quem é a responsabilidade de resolver os problemas enfrentados pela Lagoa de Santo Antônio, colocam a cargo da Polícia Ambiental esta tarefa.

“(...) A Ambiental tem que cuidar mais da arte que é proibida”.

Pescador P14.

Outras entidades/pessoas também aparecem nas falas dos pescadores como responsáveis por resolver os problemas da Lagoa, dentre os quais o IBAMA, a Colônia de Pescadores, a Prefeitura, o Governo Federal, a FATMA e os próprios pescadores.

No trabalho de Assunção (2005), quando os pescadores foram perguntados sobre o que/quem poderia salvar a Lagoa de Santa Marta, a instituição mais lembrada pelos pescadores foi o IBAMA. Isto difere dos resultados encontrados neste trabalho, onde a Polícia Ambiental foi a instituição mais lembrada (onze pescadores), sendo que o IBAMA só foi citado por três pescadores.

Segundo Medeiros (2004), existe uma rivalidade entre a Colônia de Pescadores e os órgãos públicos, e isso acaba dificultando a busca por alternativas para melhorar a qualidade da pesca e a condição ambiental enfrentada pelas Lagoas do Complexo Lagunar.

Os pescadores têm consciência de que a fiscalização do Complexo Lagunar é dificultada pelo tamanho do mesmo e pela pequena quantidade de pessoal para a fiscalização. Medeiros (2004) atribui a dificuldade na fiscalização do Complexo Lagunar ao volume capturado pela pesca predatória, bem como a falta de recursos humanos e financeiros.

O fato de alguns pescadores serem conscientes quanto a isso me pareceu importante para eles atribuírem aos órgãos responsáveis pela fiscalização a devida expectativa.

“(…) Eles também não tem culpa, porque não tem gente e não tem aparelhagem adequada. Como é que vai fiscalizar? Fiscaliza aqui e aí vamos supor, como é que vai fiscalizar a Lagoa de Imaruí, a Lagoa Mirim e Ribeirão Pequeno, Ribeirão Grande, Parobé. Tudo isso é escoado por aqui. Como é que eles vão ter tanta gente para ... então falta gente para trabalhar. Então se tivesse mais fiscalização, mais lancha, mais gente, a fiscalização seria mais severa e a Lagoa seria mais limpa. Entendeu? Porque daí eles viriam em cima. E em cima também dos criadores, dos plantadores de arroz, dos plantadores de mandioca porque isso aí é uma lavagem que é tudo, hoje em dia que é tudo na base do veneno”.

Pescador P02.

Os pescadores enumeram algumas problemáticas ambientais enfrentadas pela Lagoa de Santo Antônio, dentre as quais destacam-se as provenientes da poluição, os lixos, a pequena profundidade da Lagoa, a falta de fiscalização e a “arte proibida”, como o arrasto.

“Ah... O lixo, a poluição do Rio Tubarão que desce aí nas Lagoa, ela vem pra a Lagoa; a água envenenada, os peixes morrem e muitos peixes cegos; e as Lagoas baixas, o causamento é mais este aí das Lagoas baixas”.

Pescador P01.

A profundidade da Lagoa é preocupação de muitos dos pescadores artesanais entrevistados, e de acordo com os relatos apresentados por eles houve uma diminuição rápida em um período de aproximadamente quarenta anos. Essa diminuição na profundidade, segundo os pescadores entrevistados, leva a uma perda de navegabilidade em alguns trechos da Lagoa, além de causar uma diminuição na quantidade de pescados. Segundo Berreta (2007), as regiões mais profundas da Lagoa de Santo Antônio apresentam aproximadamente 11,7 metros.

“(…) Que tem lugar aí... tem lugar aí que nos tarrafeava era fundo e hoje você em dia de maré baixa aí você vai de sapato a bem dizer, a diferença né. Então ali, a onde criava-se o peixe ali, o peixe não vem mais. Isso aí faz falta. Vai... o peixe vai se afastando da Lagoa, né. Tem tudo isso aí”.

Pescador P09.

“(…) As nossas Lagoas aí a trinta, quarenta anos atrás ela tinha oito, dez metros, até treze metros de profundidade e hoje tem lugar que nós temos um metro e meio(…)”.

Pescador P01.

As fontes de poluição também são lembradas quando os pescadores relataram o estado de saúde da Lagoa de Santo Antônio. A poluição é vista pelos pescadores como sendo resultado do lançamento de esgotos na Lagoa, dos fertilizantes utilizados na rizicultura, pirita do carvão, etc. O fato de os pescadores vivenciarem o problema da poluição fez com que eles falassem com propriedade sobre as fontes, conseqüências e relações entre a poluição da Lagoa de Santo Antônio e os demais corpos d'água da Bacia do Rio Tubarão.

“No momento está sendo muito prejudicada pela plantação de arroz, mandioca, água que constitui o carvão, aquelas piritas, que lavam o carvão aqui em Capivari. É tudo escoado por aqui. Aqui é

o funil de tudo o que vem de lá. Eu acho que até, eu não sei bem... mas acho que até o negócio de saneamento é tudo saído por aqui, porque não tem outro lugar lá para ele sair”.

Pescador P02.

O carvão é vislumbrado por três pescadores artesanais como um dos responsáveis pela problemática ambiental da Lagoa. O carvão também aparece em outros trabalhos como sendo responsável por parte da contaminação dos Rios e Lagoas da Bacia do Rio Tubarão e Complexo Lagunar. No trabalho de Santos (2002), quando os pescadores artesanais falaram sobre seu vislumbramento da qualidade das águas das Lagoas de Santo Antônio dos Anjos e do Ribeirão, o “carvão trazido pelo Rio Tubarão” apareceu como uma das causas da poluição destas Lagoas.

Já no trabalho de Lunardi (2005) há três referências ao carvão, duas delas ao carvão mineral, quando atores sociais tem que listar os problemas ambientais enfrentados na Bacia, sendo elas as áreas degradadas pela extração, a própria extração do carvão e o desmatamento para poder obter-se o carvão vegetal. Isso demonstra que a preocupação com a atividade carbonífera não é restrita aos pescadores artesanais.

A exploração do carvão na Bacia Hidrográfica do Rio Tubarão iniciou-se em 1885 (ESPINOSA, 2008) e foi à base da economia dos municípios da região por mais de 80 anos (BENINCÁ, 2006). “Embora, gradualmente, as práticas estejam evoluindo para formas menos agressivas ao ambiente e muitas minas tenham sido fechadas, o processo poluidor continua enquanto houver material piritoso exposto à oxidação” (ESPINOSA, 2008).

A pirita (sulfeto de ferro), a qual é citada pelo pescador P02, é um mineral associada ao carvão que contém elementos-traço que podem apresentar um elevado potencial de toxicidade quando liberados no ambiente (MONTEIRO, 2004). Segundo Espinosa (2008), os problemas de poluição hídrica nas regiões carboníferas, nos locais de lavra ou de

beneficiamento, devem-se, principalmente, à oxidação da pirita. Exposta ao ar e às chuvas, a pirita oxida-se gerando ácido sulfúrico e compostos de ferro, que acabam sendo carregados até os cursos de água, gerando uma acidificação dos cursos de água (ESPINOSA, 2008). Isso resulta na solubilidade de uma grande variedade de metais pesados, que mesmo em concentrações muito baixas, podem ter efeito letal para as diferentes seres vivos da Bacia (SANTOS, 2002).

A Bacia Hidrográfica do Rio Tubarão é altamente contaminada devido à extração do carvão, o qual era retirado do solo, lavado e tinha seus dejetos lançados diretamente no rio (BENINCÁ, 2006).

A atividade da rizicultura e o lançamento de esgoto das águas da Lagoa, foram os dois fatores mais citados pelos pescadores como sendo responsáveis pelo atual estado de saúde da Lagoa, sendo que cada um apareceu na fala de sete pescadores artesanais.

“(…) Nossa Lagoa tá muito poluída, né. É muitos esgotos, muito veneno dos arroz, dos arrozeiros por aí. Mas tá mais nessa Lagoa do Imaruí que tem muito arrozeiro e tem poluição, tá bem poluída estas Lagoas”.

Pescador P16.

As plantações de arroz são elencadas por pescadores artesanais em outros trabalhos (MEDEIROS 2004; ASSUNÇÃO, 2005; PETERSON, 2005) como responsáveis pela poluição do Complexo Lagunar. Segundo Assunção (2005), os agrotóxicos pulverizados na rizicultura põem em risco à saúde do ambiente lagunar, uma vez que contaminam a água e matam a biota, e também à saúde humana. No trabalho de Assunção (2005) “as águas poluídas pelo veneno do arroz é apontada pelos (pescadores) entrevistados como a mais gravosa” fonte de poluição do Complexo Lagunar.

Quanto às redes de esgoto (Figura 08), como já mencionei anteriormente, há muitos canais pluviais direcionados às Lagoas, principalmente de populações ribeirinhas e a maioria das cidades conta com um tratamento de efluentes domésticos deficitário (BERRETA, 2007). A questão dos efluentes residenciais e domésticos também é lembrada pelos pescadores artesanais nos trabalhos de Assunção (2005) e Peterson (2005), sendo que Assunção afirma que “o comprometimento da qualidade das águas do Complexo Lagunar é tão acentuado que, não raro, os habitantes próximos ao estuário comentam que as nossas lagoas estão servindo de fossas de outras cidades”.

FIGURA 08: Rede de esgoto sendo direcionada às águas da Lagoa de Santo Antônio, nas proximidades da Câmara de Vereadores. Foto: Maíra Marques de Oliveira.

O estado de saúde da Lagoa é vislumbrado pela maioria dos pescadores como bastante precário. No entanto, esta não é uma voz uníssona e alguns pescadores entendem que o estado de saúde da Lagoa é “bom”. Isto evidencia que existe uma pluralidade de vozes sobre a questão da poluição na Lagoa de Santo Antônio, sendo que esta pluralidade ocorre, provavelmente, devido a forma como estruturam-se os diálogos que cada pesquisador estabelece com este ecossistema.

“ (...) Eu acho que está em bom estado. Ela está em bom estado. A Lagoa nossa é limpa”.

Pescador P08

Esta visão de que a Lagoa não está poluída também aparece no trabalho de Peterson (2005), onde os pescadores justificaram que o bom estado de saúde devia-se à ligação que a mesma apresenta com o oceano, sendo que esta comunicação possibilitaria que as águas fossem “renovadas”.

“P07: (...) Antes também o cativeiro que tinha aí, de camarão né, que desemboca uma água meia ruim na Lagoa.
PESQUISADORA: Qual é o atual estado de saúde da Lagoa? P07: No meu entendimento tá boa agora. Não tem mais cativeiro de camarão, daí tá bem bom...”.

Trecho da entrevista realizada com o Pescador P07.

Percebe-se na fala de P07 referência a atividade da carcinicultura, a qual, segundo ele, causava impactos ambientais importantes na Lagoa. Para Medeiros (2004), a tecnologia utilizada para a criação de camarão em cativeiro no Complexo Lagunar não era adequada, o que poderia causar prejuízos ambientais a curto prazo.

No trabalho de Santos (2002), os pescadores artesanais perceberam como um possível dano provocado pela carcinicultura a “desestruturação sócio-econômica das comunidades de pesca artesanal tradicionais”. Neste trabalho são os carcinicultores que vislumbram os possíveis danos que podem ser causados ao ecossistema devido a uma alta densidade no cultivo do camarão.

Nos trabalhos de Peterson (2005) e Assunção (2005), a criação de camarão em cativeiro foi citada como um dos fatores responsáveis pela poluição na região. Já no trabalho de Medeiros (2004), a carcinicultura é vista pelos pescadores artesanais como uma atividade que não é amplamente prejudicial, sendo que ela não é considerada por eles como um dos principais fatores responsáveis pela diminuição na quantidade de camarão nas Lagoas do Complexo Lagunar.

Durante as entrevistas, a questão da carcinicultura apareceu somente na fala de um dos pescadores (P07), o que poderia significar que a atividade não é vista pelos pescadores como sendo um fator importante quanto a problemática ambiental enfrentada pela Lagoa de Santo Antônio. No entanto, como a atividade da carcinicultura é pouco exercida atualmente, isso deve ter favorecido o fato de a mesma não ter sido mencionada por outros pescadores.

Outro pescador afirma que o estado de saúde da Lagoa varia de acordo com a estação do ano devido ao regime de chuvas.

“P19: Agora tá saudável. Nessa época de inverno dá muita maré alta e aí entra muita água salgada.

PESQUISADORA: E no verão o estado de saúde dela piora?

P19: Piora, porque aí desce toda a... Dá muita chuva e aí desce a poluição do Rio Tubarão tudo pra nossa Lagoa, né”.

Trecho da entrevista realizada com o Pescador P19.

Isso porque quando chove muito e eleva-se o nível do Rio Tubarão, a Lagoa recebe muitos materiais que podem acabar poluindo-na. Esta relação período de chuva-poluição relatada por alguns pescadores também aparece na literatura (ASSUNÇÃO, 2005; PETERSON, 2005) e, tal como nesta pesquisa, os pescadores artesanais atribuíram a maior intensidade de poluição ao período de chuva.

FIGURA 09: Situação da Praia do Mar Grosso após um longo período de chuva. Foto: Maíra Marques de Oliveira.

A Figura 09 mostra uma grande quantidade de material que foi depositado nas areias da praia do Mar Grosso, sendo que o mesmo provavelmente percorreu as águas da Lagoa de Santo Antônio antes de ali depositar-se. Se isso ocorre, pode acabar inviabilizando algumas artes de pesca e até mesmo destruir alguns artefatos.

“Os problemas dessas enchentes que dá, né. Da onde que vem tudo. Tudo o que não presta vem lá de cima. Tudo o que não presta, madeira, é gado, é cobra. Tudo passa por aqui. Tudo (...)”.

Pescador P02.

Dois dos pescadores artesanais entrevistados (P02 e P10) fizeram referência ao gado morto como algo que pode ser encontrado na Lagoa de Santo Antônio após uma enchente. Esta referência ao gado morto também aparece em uma reportagem publicada na Revista Época em 1999¹⁵, onde há uma alusão à enchente ocorrida em 1997, onde a Prefeitura de Laguna, para retirar o material que “desceu pelo rio” utilizou-se de noventa e sete caminhões. Segundo esta reportagem, a sujeira era proveniente de dezesseis municípios e, nesta ocasião, foram retirados além do gado morto, madeira e sofás.

Quando pensam no futuro da Lagoa e da pesca artesanal, por mais pessimista que a atual situação possa parecer para muitos dos pescadores entrevistados, alguns apresentam a esperança de um futuro melhor caso alguma providência seja tomada. No trabalho de Medeiros (2004), o “futuro incerto da pesca artesanal” foi considerado pelos pescadores artesanais como um dos fator de grande importância para a pesca.

As providências que podem melhorar a atual situação da Lagoa de Santo Antônio são entendidas, sob o olhar dos pescadores artesanais entrevistados, como a abertura do Canal da Barra, uma dragagem ou uma maior fiscalização das águas da Lagoa. A fiscalização da pesca e o apoio dos órgão competentes foram considerados de extrema importância pelos pescadores artesanais que participaram do trabalho de Medeiros (2004).

¹⁵ D'AMARO, P. Boto em perigo: O raro fenômeno dos golfinhos que ajudam pescadores está ameaçado pela poluição de Laguna, em Santa Catarina. Revista Época, São Paulo, 7 junho 1999. Disponível em:<<http://epoca.globo.com/edic/19990607/ciencia6.htm>>. Acesso: 18 janeiro 2009.

Nos dois trechos a seguir, o primeiro reflete um pouco uma situação já vivenciada pelos pescadores, que já sentem a diminuição na quantidade de tainha e o desaparecimento do linguado. O segundo trecho, o qual faz parte da entrevista com o pescador P19, ele fala do futuro da Lagoa, que provavelmente terá seus recursos pesqueiros diminuídos se o homem não fiscalizar as “artes proibidas”, como a rede de arrasto e malhas muito pequenas e parar de jogar lixos na Lagoa.

“Pro futuro é o seguinte... É o que eu já falei, né. Se eles não tomarem uma providência, o futuro vai ser cada vez pior. Vai chegar época aí que o peixe aí não vai conseguir. O peixe desse mais difícil como o borriquete, o linguado. O linguado você não vê mais aí. De primeiro você via linguado pela beirada desse fundo todo aí, você pegava de tarrafa. Hoje nunca mais vi um linguado nesse fundo aí. Entendeu? Essa é a intenção se não tomar providência, cada ano vai ficando pior. Olha, esse ano... esse ano e ano passado de tainha, foi um ano fracasso de tainha pra nós. Não deu nem pra nós, nem pro pescador ali da baleira ali de fora, nenhum. Não quiseram nem pescar”.

Pescador P09

“Daqui uns dez anos se não proibirem isso aí, se não proibirem essas artes proibidas aí e se não pararem de jogar lixo na Lagoa eu acho que não vai ter mais nenhum camarão”.

Pescador P19.

Estes dois trechos apresentados nos levam a refletir sobre a realidade da Lagoa. Segundo Assunção (2005), as artes proibidas ganham significados diferentes com o passar dos anos, devido ao fato de que o “surgimento de novas artes e manejos, a escassez de pescado, o desenvolvimento da consciência ambiental, entre outros, podem ser motivos de abandono ou de re-significação dos objetos, fatos e concepções”.

É interessante o fato de que o pescador P19 afirmou que se não forem tomadas as devidas providências, não haverá mais camarão na Lagoa, pois o pescador P03 havia dito no decorrer de sua entrevista que o futuro da pesca artesanal é o camarão. Existe uma esperança por parte do pescador P03 que este crustáceo possa ser a fonte de renda para inúmeros pescadores, evitando que a profissão de pescador artesanal desapareça. O defeso do camarão apareceu no trabalho de Medeiros (2004) como o fator de maior importância para os pescadores dentre vinte e cinco fatores elencados por Medeiros, mostrando que os pescadores o consideram como fundamental para a manutenção da atividade pesqueira. Nestes vinte e cinco elementos elencados pelo autor haviam fatores que faziam alusão ao cultivo de espécies (cultivo de camarão pelos pescadores, carcinicultura, etc), parcerias locais (apoio dos órgãos competentes, importância da colônia para os pescadores, etc), artes de pesca auto-sustentáveis (definir quais as artes que podem ser utilizadas nas Lagoas, criar novas alternativas de pesca), educação dos profissionais da pesca (mais escolas para a pesca, não precisa mudar nada na pesca artesanal, etc), investimento financeiro e tecnológico (financiamento para a pesca, projetos para a pesca, etc), gestão natural de recursos (fiscalização da pesca, despoluição da Lagoa, abertura do Molhes da Barra, etc) e mudanças na legislação (fechar a pesca para veranistas e pescadores amadores e defeso do camarão). Com toda esta variedade de fatores, o fato de o defeso ter sido considerado o de maior importância acaba revelando que os pescadores vislumbram o camarão como um importante recurso do ambiente lagunar.

5.3 Os pescadores e o meio ambiente

Quando os pescadores tiveram que responder quais as primeiras palavras que vem a mente quando pensam em meio ambiente, acabou-se obtendo o vislumbramento que os mesmos apresentam sobre o meio ambiente. Alguns adjetivaram o meio ambiente segundo

o modo como o vêem, sendo que muitos pescadores o consideram ruim, devido a situação em que o mesmo se encontra. A adjetivação também aparece dando um sentido positivo para o meio ambiente.

“Meio ambiente é meio ruim. Precisa de orientação de alguém que faça alguns projetos, que as nossas lagoas estão se acabando também, já poluída e é por aí”.

Pescador P01.

“Meio ambiente... Tá muito prejudicado, tá complicado assim”.

Pescador P05.

“Meio ambiente também é um... é uma coisa boa também, né. Que sobrevive de meio ambiente todo mundo, né (risos)”.

Pescador P09.

O pescador P09 afirma que todas as pessoas sobrevivem de meio ambiente, numa clara referência aos serviços proporcionados por ele. Os principais serviços que um ecossistema proporciona por meio de sua diversidade são os serviços que mantêm as condições de vida no planeta, os produtos obtidos do ecossistema e os serviços culturais que agrupam benefícios não materiais obtidos do ecossistema, dentro dos quais destacam-se a “diversidade e identidade cultura (BRASIL, 2007).

Quando os pescadores falaram os elementos que fazem parte do meio ambiente, três fizeram-se presentes na fala de seis pescadores, sendo que estes são os botos, os peixes e pesca de uma forma mais generalizada. O quarto elemento que mais apareceu foram os animais domésticos, seguidos pelo siri, o qual apresentou três citações. O camarão, a limpeza, a natureza e a poluição foram citados por dois pescadores.

A atividade pesqueira, bem como o local onde a mesma é exercida, também foram lembrados quando os pescadores pensam em meio ambiente. Nesta relação com a pescaria,

um dos entrevistado afirma que esquece até da casa, o que provavelmente acontece porque a atividade lhe proporciona momentos de prazer.

“Primeira coisa que vem na cabeça o que é que é? É a pesca. É a pesca que tu vem... Isso aqui é uma coisa para tu nunca mais esquecer. Tu vem para cá, tu esquece até da casa”.

Pescador P03.

“Lagoa”.

Pescador P13.

“Rio Tubarão”.

Pescador P19.

O fato de os locais onde pratica-se a pesca artesanal terem sido lembrados quando os pescadores pensaram em meio ambiente evidencia uma relação de pertencimento que os pescadores tecem com o lugar. Essa relação é construída e reconstruída de modo que de acordo com a maneira como os pescadores vivenciam um ambiente acabam fazendo com que uma rede de significações sejam tecidas. Para Brandão (2005), nós “atribuímos aos lugares de onde somos e onde vivemos diferentes sentimentos, saberes e significados, de acordo com a maneira como os vivenciamos com os nossos sentidos, a nossa mente e as nossas sensibilidades”.

Seres vivos também aparecem quando os pescadores pensam em meio ambiente, em especial a figura dos botos (*Tursiops truncatus*), a qual é bastante presente durante as entrevistas. O boto foi um dos elementos mais citados (seis pescadores) quando os pescadores falaram sobre que elementos fazem parte do meio ambiente.

No litoral de Santa Catarina a espécie pode ser frequentemente avistada em águas costeiras, penetrando na foz de rios, lagunas e manguezais (SIMÕES-LOPES, 1991). É interessante salientar que em Laguna os pescadores reconhecem individualmente cada boto através de suas características morfológicas e comportamentais (PETERSON, 2005), e eles dão nomes próprios para os botos baseados nestas características (SIMÕES-LOPES, 1991; SIMÕES-LOPES *et al.*, 1998).

A biodiversidade da Lagoa de Santo Antônio aparece em diversos momentos durante a entrevista e, segundo Diegues (2000), a diversidade biológica dos ambientes pertence ao domínio do natural e do cultural¹⁶, pois proporciona serviços que vislumbram estes dois campos que conectam-se através da relação que o homem apresenta com o meio ambiente.

Quando os pescadores tiveram que enumerar os seres vivos que dependem da Lagoa (ver Tabela 01), percebe-se através das falas que os peixes e o boto são os seres vivos mais lembrados, sendo que as aves, o camarão, o marisco, a foca, o siri e o homem também são lembrados.

TABELA 01: Seres vivos que dependem direta ou indiretamente da Lagoa de Santo Antônio, segundo os vinte pescadores artesanais entrevistados da cidade de Laguna, SC.

| SER VIVO | |
|----------|---|
| Homem | <p>“Ah... isso aí depende muita gente... Isso aí depende eu acho que aqui na nossa lagoa eu acho que umas dez mil pessoas”.</p> <p style="text-align: right;">Pescador P01.</p> |

¹⁶ O domínio cultural é o responsável por permitir as populações tradicionais entender, representar mentalmente e manusear a biodiversidade (DIEGUES, 2000).

| | |
|--|---|
| Peixes (tainha, bagre, corvina, borriquete, robalo, savelha, anchova, corvina) | <p>“(…) A corvina, o linguado, o borriquete. E os peixes que as vezes eles entram na criação, eles entram pequenininho com a maré de enchente, entram os filhotizinhos e lá dentro eles se criam, né”.</p> <p>Pescador P09.</p> |
| Camarão | <p>“Isso aí é o bagre, é o siri, é a tainha, o camarão e os peixes que se criam aí dentro, né (…)”.</p> <p>Pescador P09.</p> |
| Siri | <p>“(…) Siri que está em extinção, que acabou-se por causa da poluição, né. Já está em extinção porque antigamente nós pegava aqui e já não se pega mais”.</p> <p>Pescador P02 .</p> |
| Foca | <p>“(…) tem foca e esses bichos aí”.</p> <p>Pescador P08.</p> |
| Boto | <p>“(…)Tem os botos aí. Tem os botos que a gente aí vê direto, eles vivem disso aí, né (…)”.</p> <p>Pescador P08.</p> |
| Marisco | <p>“(…) ainda tem marisco, marisco branco enterrado nessa areia. Se a lagoa tiver com óleo, poluída, daí não tem marisco”.</p> <p>Pescador P06.</p> |
| Aves | <p>“(…) os passarinhos, principalmente as gaivotas que vivem de pegar os peixinhos pra alimentação e outros bichos”.</p> <p>Pescador P17.</p> |

Na fala dos pescadores, para os peixes existe uma nomenclatura quanto as espécies que são encontradas na Lagoa. Esta nomenclatura deve ter sido influenciada pelo fato de os pescadores apresentarem interesse pelos nomes dos peixes, visto que eles são o responsável pelo seu sustento e diferentes peixes apresentam diferentes valores comerciais.

Segundo o Relatório do PROVIDA (SCHIEFLER, 2008), algumas das espécies de peixes que são encontradas no Complexo Lagunar são a corvina (*Micropogonias furnieri*), sardinha (*Sardinella brasiliensis*), enchova (*Pomatomus saltatrix*), bagre urutu (*Genidens genidens*), bagre branco (*Netuma barba*), peixe-rei (*Xenomelaniris brasiliensis*), tainha (*Mugil platanus*) (Figura 10), parati-olho-de-fogo (*Mugil gaimardianus*), parati (*Mugil curema*) e cará (*Geophagus brasiliensis*). Schiefler (2008) em seu estudo capturou peixes nas redes de aviãozinho, os quais pertenciam a pelo menos quarenta e quatro espécies, sendo que algumas delas são o muçum (*Gobioides broussoneti*), pampo (*Trachinotus carolinus*), bagre (*Arius spixii*, *Genidens genidens*, *Netuma barba*, *N. planifrons*), corvina (*Micropogonias furnieri*), sardinha (*Sardinella brasiliensis*), cará (*Geophagus brasiliensis*), manjuba (*Lycengraulis grossidens*), linguado (*Citharichthyes aureus*, *Citharichthyes spilopterus*) e gordinho (*Eucinostomus argenteus*, *Eucinostomus melanopterus*).

Os pescadores artesanais denominam os peixes do gênero *Mugil* por pelo menos oito nomes vernaculares distintos, os quais são dados de acordo com o tamanho corpóreo, habitat, sexo e desenvolvimento reprodutivo da espécie (PETERSON, 2005). Esta distinção quanto ao tamanho do mugilídeo foi evidenciada na fala de um dos pescadores entrevistados que ao falar do que pescava afirmou que:

“(...) O virote é a mesma tainha só que menos, pequena (...)”.

Pescador P03.

FIGURA 10: Tainhas capturas na Praia da Tesoura com o auxílio dos botos. Foto: Máira Marques de Oliveira.

Dentre os crustáceos encontrados nas águas da Lagoa de Santo Antônio destacam-se o siri azul (*Callinectes sapidus* e *Callinectes danae*) e camarão rosa (*Farfantepenaeus paulensis*), sendo que ambos foram citados pelos pescadores. Eles são importantes recursos pesqueiros e financeiros no Complexo Lagunar (SCHIEFLER, 2008) e foram citados diversas vezes durante o decorrer das entrevistas.

A possível extinção dos siris foi relatada por dois pescadores artesanais. Segundo eles, antigamente era comum ir a praia e ver muitos destes animais caminhando pelas areias ao anoitecer. Hoje isso não é mais visto, mas acredito que o termo extinção local seja inadequado, pois não houve uma extinção, mas uma diminuição na quantidade deste crustáceo.

Neste ponto, uma afirmação de Ferreira (2006) me parece bastante adequada. Segundo a autora, não apenas as transformações na cultura local geram alterações na biodiversidade, como também as mudanças na diversidade biológica culminam numa mudança de cultura.

As conseqüências da perda da diversidade biológica e a perturbação de ecossistemas são com freqüência mais severas para populações que dependem de forma mais imediata dos serviços ambientais para a sua sobrevivência (BRASIL, 2006). Desta forma os pescadores artesanais da cidade de Laguna são muito suscetíveis às alterações nos ecossistemas e, não havendo mais siris, os pescadores que possuíam neste tipo de pesca uma fonte complementar de renda terão que buscar alternativas para sua sobrevivência, o que acaba culminando com uma alteração em sua cultura.

Segundo informações obtidas junto ao Jornal de Laguna, houve a aparição de uma foca na Lagoa de Santo Antônio nas proximidades do Mercado Público em setembro de 2007. Talvez o fato deste animal ter aparecido nas águas da Lagoa há tão pouco tempo, fez com que ele fosse representado na fala dos pescadores artesanais. Provavelmente o animal que os pescadores referiam-se durante as entrevistas seja, na realidade, um lobo-marinho.

A figura do pingüim é mais presente na Lagoa do que a da foca e, este animal é quase sempre avistado na mesma região que em que a foca foi avistada. No período de realização das entrevistas podiam ser vistos na Lagoa de Santo Antônio pelo menos três pingüins (Figura 11).

FIGURA 11: Pesquisadora e o pingüim: Um olho vê, o outro sente. Foto: Antonio de Oliveira.

Quando os pescadores artesanais foram interrogados quanto à importância da variabilidade dos organismos vivos apareceram alguns tipos de argumentação, sendo que esta categorização foi baseada no trabalho de FERREIRA (2006).

TABELA 02: Argumentos apresentados pelos pescadores artesanais entrevistados da cidade de Laguna quando perguntados sobre a importância da variabilidade dos organismos vivos.

| TIPO DE ARGUMENTAÇÃO (BASEADO EM FERREIRA, 2006) | EXEMPLOS |
|---|---|
| ARGUMENTOS ECOLÓGICO E UTILITARISTA | <p>“Mostrar que é uma Lagoa limpa, uma Lagoa saudável. Desde a hora que tenha uma Barra boa, a Lagoa tando limpa tem peixe.”</p> <p style="text-align: right;">Pescador P04.</p> |
| ARGUMENTO ESTÉTICO | <p>“Ah... Para a Lagoa ficá uma Lagoa bonita. Olha só... esses pinheiros foi tudo nós que plantamos. Plantamos tudo isso aí.”</p> <p style="text-align: right;">Pescador P10.</p> |
| ARGUMENTOS ESTÉTICO E UTILITARISTA | <p>“Porque aí vamos dizer, quanto mais tiver diversidade de bichinho mais bonito fica, porque daí tem bastante bichinho vivo. O pescado aumentando a quantidade, diminui o preço e fica mais fácil para a população carente. Tudo isso é resultado desse caso.”</p> <p style="text-align: right;">Pescador P17.</p> |
| ARGUMENTOS UTILITARISTAS | <p>“A importância é grande. Porque quanto mais... quanto mais pescado tiver mais a gente sobre... mais renda a gente tira da Lagoa. Se não tiver o pescado, aí vai viver do quê?”</p> <p style="text-align: right;">Pescador P05.</p> <p>“Importante é porque da Lagoa, não só eu mas todos os que vivem da Lagoa tenham essa</p> |

diversidade para usufruir. É camarão, siri, tainha, cardosa, savelha e todos os outros tipos de peixe que aqui habitam. ”

Pescador P20.

No argumento ecológico utilizado pelo pescador P04, a variabilidade dos organismos é entendida como um fator que serve para afirmar que a Lagoa é saudável. Existe um entrelaçamento na fala do pescador, pois segundo ele, uma vez que se a Lagoa esteja sadia haverá peixes e se houver variabilidade de organismos significa que ela está limpa. Os argumentos ecológicos baseiam-se no fato de que a biodiversidade é importante para a manutenção do equilíbrio e manutenção dos ecossistemas (FERREIRA, 2006).

Os valores estéticos normalmente aparecem quando perguntamos sobre a importância da biodiversidade, pois eles são entendidos como elementos que ajudam a proporcionar qualidade de vida, uma vez que determinados ambientes são vistos como de “rara beleza” proporcionando momentos de prazer e contemplação (FERREIRA, 2006). Desta forma, já era esperado que valores estéticos fossem atribuídos à Lagoa em diferentes momentos durante as entrevistas. Segundo o Pescador P10, a Lagoa fica bela quando há uma grande variabilidade de organismos vivos, e o mesmo tipo de argumentação também aparece na fala dos Pescador P17.

Ainda na fala do pescador P17 vislumbra-se outro tipo de importância atribuída à biodiversidade, que é a utilitarista, a qual aparece quando ele refere-se que aumentando a quantidade de pescados haverá uma diminuição dos preços dos pescados para a população carente. Vale ressaltar que o pescador P17 é aposentado, o que pode ser um fator importante para que o aumento na quantidade de pescados tenha aparecido como argumentação para a diminuição dos preços dos pescados e não para o aumento dos recursos financeiros do pescador.

Os argumentos utilitaristas fundamentam-se na utilidade que a biodiversidade tem para o homem, tal como valor econômico da espécies, potencial para melhorar a qualidade de vida humana, valor psicológico¹⁷ e potencial para a realização de pesquisas (FERREIRA, 2006).

Nos argumentos utilitaristas utilizados pelos pescadores P05, P14 e P20 percebemos uma abordagem que evidencia a variabilidade como um recurso que pode ser usufruído através da pesca. Esse foi o principal argumento utilizado pelos pescadores artesanais entrevistados quando lhes foi perguntado sobre a importância da variabilidade dos organismos vivos.

¹⁷ Ao conferir a sensação de bem estar às pessoas que apresentam contato com a natureza (FERREIRA, 2006).

6. Muitos olhos, inúmeros olhares.

6.1 A turma.

O trabalho na escola com a realidade local possibilita um universo acessível e conhecido dos alunos, o que favorece o aprendizado e a reflexão. Além disso, existe uma necessidade cada vez maior em fazer os estudantes se apropriarem da complexidade das questões ambientais dos locais onde vivem.

A intervenção foi realizada com a sexta série 01 do nível fundamental da Escola de Educação Básica Ana Gondin. Esta turma contava na data da intervenção com dezenove alunos com idade entre doze e dezesseis anos, sendo que a maioria tinha doze anos (52,63%).

Quanto a naturalidade sete alunos nasceram em Laguna (37,1%), outros quatro são naturais de Tubarão-SC (21,3%). Os demais estudantes são provenientes de Imbituba-SC (5,2%), Orleans-SC (5,2%), Florianópolis-SC (5,2%), Joinville -SC (5,2%), Curitiba-PR (5,2%), Novo Hamburgo-RS (5,2%), Guarujá-SP (5,2%), Santos-SP (5,2%).

A maioria dos estudantes que participou da intervenção mora no bairro Magalhães (52,6%). Quatro residem na Vila Vitória (21,1%), três no Mar Grosso (15,8%) e dois na Ponta das Pedras (10,5%). Estas quatro comunidades localizam-se nas proximidades da escola e os alunos parecem gostar dos bairros em que moram, o que ficou evidenciado pelo Perfil do Aluno.

Este Perfil do Aluno não fará parte dos anexos por pedido dos próprios alunos, que reclamaram muito de uma possível repreensão por parte dos professores e da diretora sobre o que escrevam no material. No entanto, questões que me parecerem interessantes de serem comentadas e relevantes à pesquisa, serão aqui trabalhadas, sendo que houve concordância por parte dos estudantes com isso.

No Perfil do Aluno, quanto ao bairro Magalhães as respostas evidenciaram que a maioria tem afeição por residir no bairro em razão da tranquilidade, da localização e da beleza do lugar. Só um dos estudantes afirmou não gostar de viver no Magalhães por causa do barulho. Quanto a Vila Vitória três dos alunos afirmam que apreciam morar no bairro, enquanto um afirma não gostar devido à “muita bandidagem, drogas”. Os dois alunos que residem na Ponta das Pedras estimam o local onde vivem e dos três que residem no Mar Grosso, um afirma que não aprecia o bairro porque ele “é sujo”.

6.2 Um festival de cores, sensações e sentimentos.

Logo no início da intervenção, perguntei aos estudantes se eles sabiam o que era a Lagoa de Santo Antônio e muito me admirei das informações que eles me diziam. Eles falaram de sua relação com o Rio Tubarão e com o Oceano Atlântico e das atividades de pesca desenvolvidas em suas águas.

Depois desta conversa foi solicitado aos dezenove alunos que cada um fizesse um desenho que mostrasse como a Lagoa de Santo Antônio é para ele. Bem ao contrário de uma obrigação, tentei fazer com que os estudantes entendessem o ato de desenhar como uma prodigiosa arte de se expressar, e que independentemente da facilidade que eles apresentassem com o lápis, o que era importante era mostrar o modo como cada um vislumbra a Lagoa.

A medida que eu ia explicando como ocorreria a confecção dos desenhos, os alunos pareciam ficar mais tranquilos. Esta aflição me pareceu ser principalmente decorrente do fato de que na aula em que eu fui apresentada aos alunos, a professora lhes informou que a atividade valeria uma nota, tanto que em vários momentos durante toda a intervenção alguns alunos me perguntaram a respeito disso.

Minha intenção com os desenhos era de tentar saber como a Lagoa é vista pelos estudantes, mas o que consegui através dos desenhos foi muito mais do que isso, pois "a partir do desenho a criança organiza informações, processa experiências vividas e pensadas, revela seu aprendizado e pode desenvolver um estilo de representação singular do mundo" (GOLDBERG *et al.*, 2005). Cada desenho se assemelha a uma fórmula: uma boa dose de reflexão, uma pitada de sensibilidade e alguns ingredientes que são revelados enquanto os traços ganham o papel, através de olhares, sorrisos, expressões... Esses ingredientes são produzidos no decorrer da história pessoal dos alunos, sendo portanto representações sociais.

Nos trabalhos dos alunos percebe-se a presença de barcos em treze (68,4%) dos dezoito desenhos produzidos. Em oito ilustrações (42,1%) a atividade da pesca aparece bem caracterizada com redes, barcos, tarrafas, etc. Algo bastante interessante é que todas as atividades relacionadas à pesca representadas nos desenhos acontecem em embarcações. Considerando as informações obtidas por Simões-Lopes *et al.*, (1998) e Peterson (2005), temos uma lista com dezessete pontos onde se pratica a pesca com interação com o boto, sendo que em pelo menos nove destes locais a atividade ocorre sem a presença de barco (SIMÕES-LOPES *et al.*, 1998; PETERSON, 2005), evidenciando que a pesca não embarcada é bastante comum na cidade.

Em uma das ilustrações, apesar de a pesca não aparecer retratada, a mesma aparece posteriormente no título que a aluna deu ao desenho (Figura 12). A exposição das ilustrações dos demais estudantes provavelmente influenciou a escolha para o título, uma vez que são recorrentes as imagens em que aparecem o boto auxiliando na pesca. Quando foi perguntado a esta aluna se ela mudaria alguma coisa em seu desenho, a mesma afirmou que colocaria um barco, o que evidencia ainda mais a influência que a exposição pode ter causado nela em relação à importância atribuída pelos estudantes à pesca.

Os animais retratados pelas ilustrações produzidas durante a intervenção são peixes (52,6% das ilustrações), aves (52,6%), ser humano (52,6%), boto (36,8%), polvo (5,2%), estrela do mar (5,2%), água viva (5,2%). Destes animais apenas a estrela do mar não apareceu novamente nas falas dos estudantes durante o decorrer da intervenção.

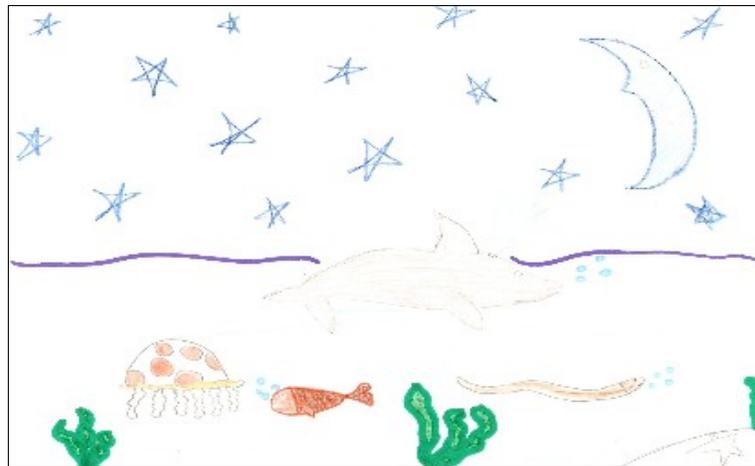


FIGURA 12: Vislumbamento da Biodiversidade da Lagoa por uma das estudantes que participou da intervenção.

É interessante que os animais que apareceram nas ilustrações e que não pertencem a fauna encontrada na Lagoa fazem parte dos personagens do desenho animado Bob Esponja. Inclusive, observando com maior atenção a água viva desenhada por um dos estudantes (Figura 12), notaremos uma semelhança muito grande entre ela e o cnidário existente na animação.

Isso me parece favorecer uma aquisição de conhecimento a partir de algo que lhes é comum, visto que este desenho televisivo é transmitido durante a programação da televisão aberta. De acordo com Kominsky & Giordan (2002) as visões de mundo dos estudantes provavelmente são influenciadas pelo pensamento científico e pelas “expressões de sua cultura, cujos traços são parcialmente divulgados na mídia”. Desta forma, a presença de

seres vivos que nos remetem ao desenho animado revela uma aproximação com a linguagem visual midiática, sendo bastante interessante ao mostrar uma tentativa de associação da fauna da Lagoa com o que eles experienciam através da televisão.

Nas ilustrações em que o boto aparece, ele geralmente está associado à atividade de pesca, sendo que em apenas uma das ilustrações o boto não está vinculado a ela. Os botos (*Tursiops truncatus*) desenvolvem um importante trabalho de pesca cooperativa com os pescadores (PRYOR *et al.*, 1990; SIMÕES-LOPES *et al.*, 1998; SIMÕES-LOPES & FABIÁN, 1999; PETERSON, 2005; SIMÕES-LOPES, 2005; PETERSON *et al.*, 2008), e talvez por isso este mamífero tenha sido relacionado principalmente à atividade pesqueira.

A pesca cooperativa com o boto pode ser observada a partir de diversos locais da cidade, incluindo a Ponta das Pedras, Toca da Bruxa, Balsa, Cabeçudas, Praia da Tesoura e Molhes (SIMÕES-LOPES *et al.*, 1998; PETERSON, 2005), podendo ser observada durante uma caminhada entre um bairro e outro (Figura 13).

FIGURA 13: Pesca não embarcada sendo praticada no Molhes da Barra. Foto: Máira Marques de Oliveira.

No decorrer da ação educativa, ficou evidente que os estudantes sabiam falar com propriedade de como ocorre a atividade da pesca cooperativa entre pescadores e os botos nas águas da Lagoa de Santo Antônio.

“PESQUISADORA - Pra que o boto é bom? Por que ele é importante?

E12 - Ele ajuda os pescador.

PESQUISADORA – E como ele ajuda os pescador?

E12 - Ele ajuda porque é o boto que faz os peixes vir.

PESQUISADORA - Vir pra onde?

E12 - Vir pras tarrafas dos pescadores.

E03 - Ele pula, coloca a cabeça pra fora da água e os pescadores jogam a rede e os peixe vêm tudo.

E12 - Os botos que avisam onde tá os peixes, daí é só jogar a rede e tirar os peixes dela.

E05 - E depois comer (risos). Sem esquecer do xixi dos doentes¹⁸ (risos)”.

Trecho de um diálogo ocorrido durante a intervenção em sala.

Os dois estudantes que falaram sobre a pesca mostrando um maior conhecimento (E12 e E03), moram na comunidade de Ponta das Pedras, comunidade onde muitos moradores exercem a atividade da pesca. Eles falaram da pesca com naturalidade e após ter se finalizado a intervenção, ambos afirmaram que o que eles sabiam haviam aprendido com parentes ou observando a pesca na própria comunidade da qual fazem parte.

Os botos podem associar-se à pesca da tainha, onde cada movimento deste cetáceo apresenta influência direta na atitude dos pescadores artesanais (SIMÕES-LOPES, 2005). Os estudantes sabem deste fato, o que fica evidenciado com a fala do E03, onde o estudante afirma que após o boto pular, o pescador lança a tarrafa. Este movimento de “pulo do boto” foi o mais citado pelos pescadores artesanais na pesquisa de Peterson (2005), quando a mesma os questionou em relação à qual é o exato momento de se lançar a tarrafa na pesca cooperativa. No trabalho de Simões-Lopes *et al.* (1998) são relatados quatro movimentos dos botos que funcionam como um sinal específico para que o pescador possa arremessar a tarrafa, sendo eles em ordem de comportamentos mais visualizados: apresentação do dorso do boto; emersão parcial, onde aparece apenas a nadadeira dorsal; a batida de cabeça; e a batida de cauda.

6.3 Buscando singularidades.

A classificação dos dezenove desenhos produzidos apresentou como base as três maneiras que Pereira (2008) classificou os desenhos de estudantes sobre o meio ambiente. Esta classificação tem como base a representação que o meio ambiente adquire nos

¹⁸ Alusão ao esgoto hospitalar, o qual havia sido citado anteriormente pelos alunos como uma das fontes poluidoras da Lagoa de Santo Antônio.

desenhos, podendo ser sem a presença do homem, com aspectos naturais já influenciados pela ação humana ou com marcações do processo de urbanização.

Há cinco ilustrações (26,4%) que retratam a Lagoa sem a presença ou interferência humana (Figura 14), mostrando o ambiente como um sinônimo de “natureza organizada”. Tal representação também aparece nos trabalhos de Pereira (2008) e Bergmann (2007), sendo que nestes trabalhos esta é a categoria que mais desenhos engloba. De acordo com Bezerra *et al.* (2007) esta é uma visão naturalista, pois se limita “aos componentes bióticos e abióticos, restritos à dimensão ecológica”.

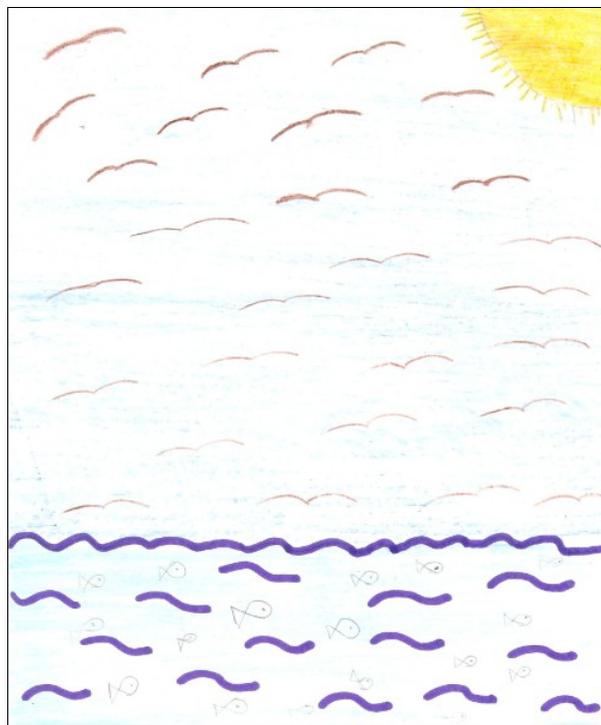


FIGURA 14: Título: “A Lagoa é limpa”.

Outra categoria utilizada por Pereira (2008), diz respeito aos desenhos que “expressam paisagens já influenciados pela ação humana e com a figura do ser humano”.

Esta categoria abrange poucos desenhos (12,5%) do trabalho desta autora, sendo uma categoria representativa nos desenhos relativos à Lagoa de Santo Antônio, englobando sete ilustrações (36,8%). Destas ilustrações percebemos que existe a presença de embarcação em todos os desenhos (Figura 15), sendo que em apenas uma das ilustrações a atividade pesqueira não está representada. Isto acaba evidenciando que os estudantes vislumbram uma forte ligação entre o ser humano e a Lagoa de Santo Antônio, especialmente por esta ser um local onde se estabelecem as atividades de pesca, tão bem representadas através das ilustrações produzidas.



FIGURA 15: Título: “A pesca na lagoa”.

Uma terceira categoria é representada no trabalho de Pereira (2008) por apenas uma das vinte e quatro ilustrações produzidas pelos estudantes. Esta categoria diz respeito aos desenhos “que expressam paisagens e aspectos naturais, quase que extintos pela ação humana, com a figura do ser humano e fortes traços do processo de urbanização”, e compreende sete desenhos (36,8%) que retratam a Lagoa de Santo Antônio. Na Figura 16

se observa a presença de uma margem artificial que também aparece em outros desenhos, principalmente nos que retratam as Docas .

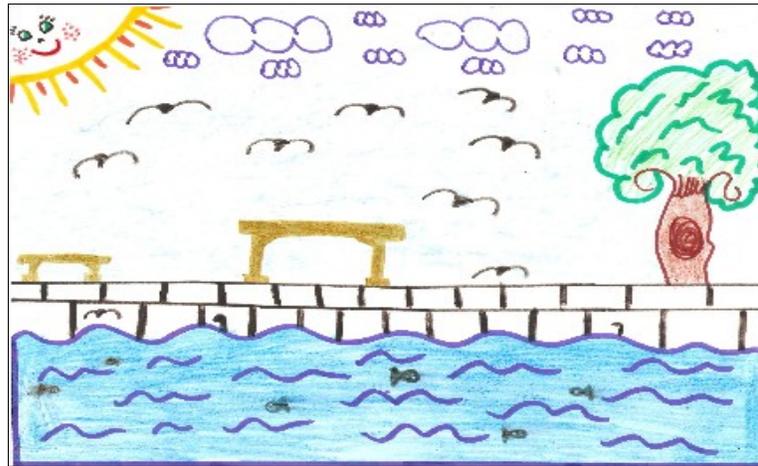


FIGURA 16: A Lagoa e sua margem.

Em nenhuma das ilustrações produzidas pelos estudantes em relação à Lagoa de Santo Antônio há poluição ou lixo representado, seria como denomina Pereira (2008), uma representação de natureza “limpa e bela”, onde existe uma visão de “meio ambiente romântica”. No trabalhos de Bergmann (2007) houve a referência a poluição em seis das oito turmas de ensino fundamental que a pesquisadora desenvolveu um trabalho com representação sobre meio ambiente, sendo que em uma das turmas 60% dos desenhos apresentavam “algum tipo de poluição”.

Alguns dos títulos dos desenhos produzidos pelos estudantes a respeito da Lagoa de Santo Antônio (“A Lagoa é limpa” e “Sem poluição!”) ajudam a evidenciar este vislumbramento da mesma como sendo um ambiente não poluído. Na atividade em que os estudantes tiveram que escrever as primeiras palavras que vem a mente quando pensam na Lagoa, também não apareceu nenhuma menção à poluição. No entanto, nesta mesma atividade, quando a palavra em questão era meio ambiente oito estudantes citaram aspectos

negativos como lixo, poluição, queimadas e desmatamento. Segundo Fiori (2006), esta representação da Lagoa como um local não poluído e sem resíduos sólidos, mostra que a mesma não é vislumbrada pelos estudantes como um “problema”.

No entanto, em outro momento no decorrer da intervenção, os estudantes relataram a Lagoa como um ambiente repleto de lixo, com esgoto, sacos plásticos e dejetos humanos. Isto demonstra que esta representação da Lagoa como um ambiente “limpo e belo” não é o único vislumbramento que os estudantes apresentam dela. Eles comentaram que as redes de esgoto lançados na Lagoa também são provenientes da cidade de Tubarão e da comunidade do Camacho, o que evidencia que os alunos apresentam conhecimento de que a mesma estabelece conexão com outros corpos d’água, o que já havia sido evidenciado no início da intervenção.

6.4 A exposição dos desenhos e os diálogos.

Durante a exposição das ilustrações dos alunos houve bastante interesse dos mesmos, de forma a muitos deles não saírem para o recreio e permanecerem na sala de aula observando as imagens que estavam fixadas no quadro negro. Alunos de outras séries também entravam na sala e observavam as imagens, e muitos comentários eram feitos em relação aos desenhos.

Após a exposição, foi solicitado aos alunos que criassem um título para o seu desenho. Um título que merece destaque é o “A Lagoa Profunda”. Através dos relatos orais obtidos com os pescadores se identifica que a pequena profundidade da Lagoa é um dos fatores que mais causa preocupação entre eles. O aluno ao denominar seu desenho como Lagoa Profunda afirmou que a mesma ia aumentando gradativamente sua profundidade e no meio ela devia ter “uns trinta metros ou mais”, valor bem diferente ao apresentado por Berreta (2007). Neste sentido, pode-se afirmar que a questão da pouca profundidade na

Lagoa não é de conhecimento dos estudantes, visto que nenhum deles se manifestou quando ele falava sobre a “grande profundidade” da Lagoa.

Quando questionados sobre a importância da Lagoa de Santo Antônio, os estudantes elencaram quatro categorias para a Lagoa de Santo Antônio, sendo elas relacionadas a atividade pesqueira, ao turismo, a cultura e a importância para os organismos que vivem nela.

“PESQUISADORA - E a Lagoa tem mais alguma importância?

E05 - A cultura.

PESQUISADORA - Que cultura a gente tem na Lagoa?

E05 - Não sei.

PESQUISADORA - Alguém sabe?

E07 - Tem a cultura dos pescadores.

PESQUISADORA - E por que ela é cultura?

E09 - Porque é passada de pai pra filho”.

Trecho de um diálogo ocorrido durante a intervenção em sala.

É interessante como os estudantes conceituaram cultura, sendo, segundo eles, algo que é transmitido. A cultura orienta o uso dos recursos e condiciona até certo grau as opções de vida do grupo étnico (LEFF, 2000). A cultura é definida por Kormondy & Brown (2002) como um conjunto de regras necessárias para a convivência em grupo, incluindo valores, linguagem e tecnologias. Trata-se portanto de um conhecimento adquirido, transmitido, construído e reconstruído pela comunidade que a adota, pois ela é um meio de adaptação aos diferentes ambientes não deixando de ser um processo acumulativo, pois o que foi aprendido em determinado ambiente não é deletado, sendo apenas transformado.

7.0- Considerações finais:

Não tive a pretensão de estabelecer ao longo deste trabalho, quando analisei o material produzido através do contato com os pescadores e estudantes, uma realidade uníssona, mas a pluralidade de vozes sobre a Lagoa de Santo Antônio mesmo que elas algumas vezes fossem contraditórias. Se eu abordasse simplesmente as principais concepções relatadas sobre a Lagoa nas falas dos estudantes e pescadores, estaria anulando as diferenças ali existentes.

Após esta pesquisa, consegui responder em parte as perguntas que tanto atormentavam minha mente, sendo que as respostas acabaram por se tornar ponto de partida para outros questionamentos tão difíceis de serem respondidos quanto os anteriores.

Os pescadores vislumbram a importância da variabilidade dos organismos principalmente sob o argumento utilitarista, entendendo que um aumento na diversidade ocasionaria um aumento no número de pescados e em sua renda. Estes são os argumentos mais usados quando se fala em preservação da biodiversidade ou importância de um determinado ambiente (FERREIRA, 2006). Argumentos estéticos e ecológicos também apareceram nas entrevistas, só que em número relativamente menor.

Quando houve o questionamento sobre a importância da Lagoa de Santo Antônio, os estudantes fizeram uso de argumentos ecológicos, utilitaristas e estéticos, sendo estes relacionados à atividade pesqueira, ao turismo, à cultura e à importância para os organismos que vivem na Lagoa.

Em relação à biodiversidade, os estudantes citam diversos animais pertencentes à fauna da Lagoa, sendo que nem todos são encontrados habitando suas águas. Isso no entanto não evidencia um desconhecimento em relação à biodiversidade da Lagoa, e sim que os estudantes a consideram como um ambiente mais biodiverso do que realmente é, o

qual pode ter sido influenciado pelos artefatos midiáticos. A foca e o pingüim aparecem nas falas dos estudantes e dos pescadores, sendo que estes são ocasionalmente vistos nas águas da Lagoa. Provavelmente o animal que eles denominam como foca seja, na verdade, um lobo-marinho.

Existe por parte dos pescadores uma preocupação com o atual estado de saúde da Lagoa principalmente em relação à poluição e à profundidade da mesma. As principais fontes de poluição são vislumbradas pelos pescadores e estudantes como sendo o lançamento de esgotos e de fertilizantes utilizados na rizicultura, a exploração do carvão, o lixo, etc. Embora a questão da poluição tenha aparecido na fala dos estudantes durante a intervenção, a mesma não apareceu nos desenhos e nem foi citada quando os estudantes escreveram as primeiras palavras que vem a mente quando pensam na Lagoa de Santo Antônio.

Uma das principais reclamações por parte dos pescadores em relação ao atual estado de saúde da Lagoa fazia referência à profundidade que a mesma apresenta, que segundo eles, está diminuindo e já torna as águas da mesma rasas. É interessante que a questão da profundidade também apareceu na intervenção com os estudantes, só que considerando a Lagoa um ambiente aquático profundo.

Muitos pescadores artesanais se mostraram preocupados com o futuro da Lagoa e da pesca artesanal, afirmando que se nenhuma atitude for tomada provavelmente a pesca e a Lagoa estão com seus dias contados.

Desta forma, destaca-se a importância da preparação para mudanças e para desafios que o futuro irá impor. Devido a economia da cidade ter na pesca um de seus alicerces, talvez a necessidade de se procurar novas alternativas para se poder manter a produtividade da Lagoa, bem como opções de emprego e renda para os inúmeros pescadores que poderão

ficar desempregados, sejam duas atitudes que devam ser pensadas e planejadas nos dias de hoje, sem que se espere as conseqüências para se pensar nas alternativas.

O material produzido com as entrevistas dos pescadores artesanais retrata parte do conhecimento ecológico que os mesmos apresentam em relação à Lagoa de Santo Antônio, onde são reconhecidas as alterações sofridas pelo ambiente, sendo que elas são consideradas positivas ou negativas e relacionadas com diversos fatores.

Ao longo dos momentos passados com os pescadores e com os estudantes, muitas sensações foram em mim sendo construídas e são estas sensações que procurei ter causado no leitor, para que o mesmo se sinta incomodado com a realidade da Lagoa que é refletida pelo olhar e pelos relatos dos pescadores e estudantes.

Espero que cada um de nós antes de pensar sobre um determinado ambiente se lembre que as pessoas mais afetadas com a depredação são aqueles que usufruem de forma mais direta os recursos disponibilizados por ele. Assim, quando refletirmos sobre a poluição da Bacia Hidrográfica do Rio Tubarão, além de procurar as possíveis fontes poluidoras e seus responsáveis, devemos tentar entender qual é o efeito desta poluição para as comunidades de pescadores, lembrando que os efeitos não se restringem a uma diminuição na quantidade de pescados, sendo refletidos muitas vezes numa reconstrução da relação pescador-Lagoa.

8.0 Referências bibliográficas:

ASSIS, M. **Dom Casmurro**. São Paulo: Klick editora, 1997.

ASSUNÇÃO, A. F. **Contribuição ao desenvolvimento sustentável em zona costeira: usos e ocupações da Lagoa de Santa Marta e entorno, município de Laguna, SC**. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais)- Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2005.

BAPTISTA, G. C. S. **A Contribuição da etnobiologia para o ensino e a aprendizagem de Ciências: estudo de caso em uma escola pública do estado da Bahia**. Dissertação (Mestrado em Ensino, Filosofia e História das Ciências)- Universidade Federal da Bahia e Universidade Estadual de Feira de Santana, Salvador, 2007.

BARROSO, F. E. C. **O efeito dos polissacarídeos sulfatados da água marinha vermelha *Botryocladia occidentalis* (Rhodophyta, Rhodimenniales) na sobrevivência de pós-larva do camarão *Litopenaeus vannamei*, adaptadas em águas oligohalinas**. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Pesca)- Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.

BENINCÁ, C. **Biomonitoramento das Lagoas estuarinas do Camacho- Jaguaruna (SC) e Santa Marta- Laguna (SC): utilizando *Geophagus brasiliensis* (Cichlidae)**. Dissertação (Mestrado em Genética)- Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006.

BERGMANN, M. **Análise da percepção ambiental da população ribeirinhas do Rio Santo Cristo e de estudantes e professores de duas escolas públicas, município de Giruá, RS**. Dissertação (Mestrado em Ecologia)- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

BERRETA, M. S. R. **A Qualidade das águas da Lagoa do Imaruí e dos efluentes da Carcinicultura - Laguna, SC**. Dissertação (Mestrado em Geografia)- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

BEZERRA, T. M. O.; FELICIANO, A. L. P.; ALVES, A. G. C. Percepção ambiental de alunos e professores do entorno da Estação Ecológica de Caetés – Região Metropolitana do Recife-PE. **Biotemas**, Florianópolis, 21 (1): 147-160, 2008.

BRANDÃO, C. R. **Aqui é onde eu moro, aqui nós vivemos: escritos para conhecer, pensar e praticar o município educador sustentável.** Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2005.

BRASIL. **IBGE-Cidades.** Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso: 15 maio 2008.

BRASIL. **Panorama da Biodiversidade Global 2.** Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2006.

BRASIL. **Inter-relações entre biodiversidade e mudanças climáticas- recomendações para a integração das considerações sobre biodiversidade na implementação da Convenção- Quadro das Nações Unidas sobre Mudanças do Clima e seu Protocolo de Kyoto.** Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2007.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: Ciências Naturais.** Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1998.

CAPRA, F. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos.** São Paulo: Cultrix, 1996.

CLAUZET, M.; RAMIRES, M.; BARRELLA, W. A. Pesca artesanal e conhecimento local de duas populações caiçaras (Enseada do Mar Virado e Barra do Una) no litoral de São Paulo, Brasil. **Linguagem da Ciência: Multiciência**, Campinas, 4: 1-22, 2005.

COMPIANI, M. **Discursos, narrativas geocientíficas no ensino fundamental.** VII Congreso Enseñanza de las Ciencias, 2005. Disponível em: <enciencias.uab.es/webblues/www/congres2005/material/comuni_orales/4_Procesos_com_uni/4_1/compiani_752.pdf>. Acesso: 09 novembro 2008.

DIEGUES, A. C. S.; ARRUDA, R. S. V.; SILVA, V. C. F.; FIGOLS, F. A. B.; ANDRADE, D. (Orgs.). **Os saberes tradicionais e a biodiversidade no Brasil.** São Paulo: Ministério do Meio Ambiente, 2000.

DIEGUES, A. C. S. **Conhecimento e manejo tradicionais; ciência e biodiversidade.** 2000. Disponível em: <<http://www.usp.br/nupaub/cienciabio.pdf>>. Acesso: 24 setembro 2008.

ESPINOSA, H. R. M. **Impactos e conflitos na gestão de recursos hídricos do sul de Santa Catarina, Brasil.** Disponível em: <http://www.aguabolivia.org/situacionaguaX/IIIEncAguas/contenido/trabajos_azul/TC-049.htm>. Acesso: 14 dezembro 2008.

FERREIRA, M. A. V. **A abordagem ecológica como fundamento para a educação ambiental e gestão dos recursos hídricos em pequenas propriedades rurais da Bacia do Alto Rio Pardo (São José do Rio Pardo, SP).** Tese (Doutorado em Ciências)- Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2006.

FIORI, A. **A percepção ambiental como instrumento de apoio de programas de educação ambiental da Estação Ecológica de Jataí (Luiz Antônio, SP).** Tese (Doutorado em Ciências) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2006.

GOLDBERG, L. G., YUNES, M. A. M. e FREITAS, J. V. O desenho infantil na ótica da ecologia do desenvolvimento humano. **Psicologia em Estudo**, Maringá, 10 (1): 97-106, 2005.

GONÇALVES, S. A. S. **Percepção sobre meio ambiente e educação ambiental: o caso da população do entorno da mata da EAJSJE-MG.** Dissertação (Mestrado em Meio Ambiente e Sustentabilidade)- Centro Universitário de Caratinga, Caratinga, 2006.

HAESBAERT, R. Território, Cultura e des-territorialização. In: ROSENDAHL, Z., CÔRREA, R. L. (Orgs). **Religião, Identidade e território.** Rio de Janeiro: UERJ, 1999.

KOMINSKI, L.; GIORDAN, M. Visões de ciências e sobre cientista entre estudantes do Ensino Médio. **Química Nova na Escola**, São Paulo, 15: 11-8, 2002.

KORMONDY, E. J.; BROWN, D. E. **Ecologia Humana.** São Paulo: Editora Atheneu, 2002 .

LACERDA, E. P. **O Atlântico açoriano: uma antropologia dos contextos globais e locais da açorianidade.** Tese (Doutorado em Antropologia Social)- Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

LEFF, Enrique. **Ecologia, Capital e Cultura.** Blumenau: Editora da FURB, 2000.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: Editora Pedagógica Universitária, 2005.

LUNARDI, G. M. **A Bacia Hidrográfica do Rio Tubarão e Complexo Lagunar: educação ambiental e sustentabilidade sob a ótica de alunos e professores do ensino médio.** Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais)- Universidade do Extremo Sul de Santa Catarina, Criciúma, 2005.

MEDEIROS, S L. **Proposta de ferramenta para tornar a pesca artesanal extrativista de camarão do Complexo Lagunar da região sul de Santa Catarina em projetos auto-sustentáveis.** Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção)- Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

MONTEIRO, K. V. **Carvão: o combustível de ontem.** Porto Alegre: Núcleo Amigos da Terra, 2004.

MORAN, E. F. **Adaptabilidade Humana: uma introdução à Antropologia Ecológica.** São Paulo: EDUSP, 1994.

NETO, F. G.; SCHLICKMANN, F. **Produtores e comercializadores da carcinicultura catarinense: relações comerciais.** Chapecó: II Encontro de Economia Catarinense, 2008.

PEREIRA, P. B. **O Meio Ambiente e a Construção de Sentidos no Ensino Fundamental.** Dissertação (Mestrado em Educação Científica e Tecnológica)- Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

PETERSON, D. **Etnobiologia dos botos (*Tursiops truncatus*) e a pesca cooperativa em Laguna, Samta Catarina.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Biológicas)- Universidade Federal de Santa Catarina, 2005.

PETERSON, D.; HANAZKI, N.; SIMÕES-LOPES, P. C. (2008) Natural resource appropriation in cooperative artisanal fishing between fishermen and dolphins (*Tursiops truncatus*) in Laguna, Brazil. **Ocean & Coastal Management**, 51: 469-475, 2008.

PLÁ, G. P. **Modelo para análise de alternativas ponderadas entre custos de recuperação e níveis de indicadores ambientais com aplicação na Bacia do Rio Tubarão, SC.** Tese (Doutorado em Engenharia de Produção e Sistemas)- Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

PRYOR, K.; LINDBERGH J.; LINDBERGH S.; MILANO R. A dolphin-human fishing cooperative in Brazil. **Marine Mammal Science**, 6(1):77-82, 1990

SALDANHA, I. R. R. **Espaços, recursos e conhecimento tradicional dos pescadores de manjuba (*Anchoviella lepidentostole*) em Iguape/SP.** Dissertação (Mestrado em Ciência Ambiental)- Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

SANTA CATARINA. **Bacias Hidrográficas de Santa Catarina: diagnóstico geral.** Florianópolis: Secretaria do Estado do Meio Ambiente, 1997.

SANTA CATARINA. **Plano integrado de recursos hídricos da Bacia Hidrográfica do Rio Tubarão e Complexo Lagunar.** Florianópolis: Secretaria de Estado do Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente, 2002.

SANTOS, A. R. **Metodologia científica: a construção do conhecimento.** Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2ª edição, 1999.

SANTOS, J. A. S. **Sociedades tradicionais e modernidades: Estudo de caso das transformações das relações entre o homem e o meio ambiente, com ênfase no Distrito de Ribeirão Pequeno, Laguna, SC.** Dissertação (Mestrado em Engenharia Ambiental)- Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

SANTOS, J. E. **Meio Ambiente e Fotografia: pedagogias em um Parque Urbano.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Biológicas)- Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

SANTOS, L. M. K. **Dinâmica da pesca artesanal em duas comunidades ribeirinhas tradicionais do rio Cuiabá: uma abordagem ecológica.** Dissertação (Mestrado em

Ecologia e Conservação da Biodiversidade)- Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2006.

SCHIEFLER, A. F. **Estudo da fauna capturada na pesca do camarão rosa (*Farfantepenaeus paulensis*) com redes de aviãozinho, no Complexo Lagunar Sul Catarinense.** Disponível em: <<http://www.institutobotoflipper.com.br/?secao-artigos>>. Acesso: 04 outubro 2008.

SILVA, R. M. **Pescando pescadores- uma experiência de Educação Ambiental em Valores humanos junto com pescadores da Vila Anselmi em busca do conhecimento ecológico.** Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental)- Fundação Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2005.

SIMÕES-LOPES, P. C. Interaction of coastal populations of *Tursiops truncatus* (Cetacea, Delphinidae) with the mullet artisanal fisheries in Southern Brazil. **Biotemas**, Florianópolis, 4 (2): 83-94, 1991.

SIMÕES-LOPES, P. C. Intraspecific agonistic behavior of *Tursiops truncatus* (Cetacea, Delphinidae) during dolphin-human in southern Brazil. **Biotemas**, Florianópolis, 11(2): 165 – 171, 1998.

SIMÕES-LOPES, P. C., FABIÁN, M. E., Menegheti, J. O Dolphin interactions with the mullet artisanal fishing on southern Brazil: A qualitative and quantitative approach. **Revista Brasileira de Zoologia**, Curitiba, 15(3): 709 – 726, 1998.

SIMÕES-LOPES, P. C., FABIÁN, M. E. Residence patterns and site fidelity in bottlenose dolphins, *Tursiops truncatus* (Montagu) (Cetacea, Delphinidae) off Southern Brazil. **Revista Brasileira de Zoologia**, Curitiba, 16(4):1017-1024, 1999.

SIMÕES- LOPES, P. C. **O Luar do Delfim: A maravilhosa aventura da historia natural.** Joinville: Editora Letradágua, 2005.

VIEIRA, S. J.; ORTH, D. M.; SILVA, D. J. **A transdisciplinaridade como metodologia de gestão ambiental- Bacia Hidrográfica do Rio Tubarão- sul de Santa Catarina.** Disponível em: <<http://www.bvsde.paho.org/bvsacd/abes22/dcxxo.pdf>>. Acesso: 04 setembro 2008a.

VIEIRA, J. S.; ORTH, D. M.; ZIMMERMANN, C. C. **Água um bem que deve ser valorizado- Sub-Bacia do Rio Braço Do Norte-Sul de Santa Catarina.** Disponível em: <www.bvsde.paho.org/bvsacd/abes22/dcxxvii.pdf>. Acesso: 04 setembro 2008b.

VIERTLER, R. B. Métodos antropológicos como ferramenta para estudos em etnobiologia e etnoecologia. In: AMOROZO, M. C. M.; MING, L. C.; SILVA, S. M. P. (Orgs.). **Método de coleta e Análise de Dados em Etnobiologia, Etnoecologia e Disciplinas Correlatas - I Seminário de Etnobiologia e Etnoecologia do Sudeste.** Rio Claro: Divisa Gráfica-Editora, 2002.

ZAPPES, C. A. **Estudo etnobiológico comparativo do conhecimento popular de pescadores em diferentes regiões do litoral brasileiro e implicações para a conservação do Boto-cinza *Sotalia guianensis* (Van Bénédén, 1864) (Cetacea, Delphinidae).** Dissertação (Mestrado em Ciências Biológicas)- Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2007.

ANEXO 01

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O senhor(a) está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa “A abordagem etnoecológica como instrumento para a educação socioambiental em comunidade pesqueira na Lagoa de Santo Antônio (Laguna, SC)”, no caso de o senhor aceitar o convite, favor assinar ao final do documento. Sua participação não é obrigatória, e, a qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição.

Título do Projeto: A abordagem etnoecológica como instrumento para a educação socioambiental em comunidade pesqueira na Lagoa de Santo Antônio (Laguna,SC).

Pesquisadora Responsável: Maíra Marques de Oliveira.

Instituição a que pertence o Pesquisador Responsável: Universidade Federal de Santa Catarina.

Endereço: Bairro Trindade - Florianópolis - Santa Catarina - Brasil - CEP 88040-970.

Telefones para contato: (48) 8417-4806

Nome do voluntário:

Idade: anos

R.G.:

Responsável legal (quando for o caso):

R.G. Responsável legal:

OBJETIVOS: Esta pesquisa busca verificar a importância atribuída à Lagoa de Santo Antônio pelos pescadores artesanais de Laguna. Este entendimento se faz necessário para que uma educação socioambiental possa ser desenvolvida de forma coerente com a realidade da Lagoa.

PROCEDIMENTOS DO ESTUDO: Se concordar em participar da pesquisa, o senhor(a) será convidado a responder a uma entrevista relacionada à Lagoa de Santo Antônio. Esta entrevista poderá ser gravada com o seu consentimento e tem duração aproximada de 30 minutos. Os dados obtidos a

partir da entrevista serão utilizados somente em trabalhos de cunho científico, tal como o Trabalho de Conclusão de Curso da pesquisadora.

CUSTO/REEMBOLSO PARA O PARTICIPANTE: O senhor(a) não arcará com nenhum gasto decorrente da sua participação e também não irá receber qualquer espécie de reembolso ou gratificação devido à participação na pesquisa.

CONFIDENCIALIDADE DA PESQUISA: É garantido a confidencialidade, o que assegura a privacidade do senhor(a) quanto aos dados obtidos via entrevista, sendo que somente serão divulgados dados diretamente relacionados aos objetivos da pesquisa, não sendo vinculada identificação do entrevistado em nenhum momento.

CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, _____
portador do RG _____, declaro que li as informações contidas nesse documento, fui devidamente informada pela pesquisadora Máira Marques de Oliveira dos procedimentos que serão utilizados, benefícios, custo/reembolso dos participantes, confidencialidade da pesquisa, concordando em participar da pesquisa. Foi-me garantido que posso retirar o consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade.

LOCAL E DATA: Laguna, ___ de _____ de 2008.

NOME E ASSINATURA DO SUJEITO OU RESPONSÁVEL (menor de 21 anos):

(Nome por extenso)

(Assinatura)

NOME E ASSINATURA DA PESQUISADORA:

(Nome por extenso)

(Assinatura)

ANEXO 02

PROTOCOLO DE ENTREVISTAS

ENTREVISTA COM PESCADOR P01

Dados complementares:

Data: 21/07/2008 Número da entrevista: 01 Local da entrevista: Bairro Magalhães

Horário de início da entrevista: 13:05 Horário de término da entrevista: 13:39

Condições ambientais: Sol e vento sul.

Informações complementares: Após o gravador ser desligado, o pescador P01 falou bastante de sua indignação com a atual gestão da Prefeitura Municipal em Laguna e seu descaso com a Lagoa de Santo Antônio. Também afirmou que em uma gestão anterior houve um mutirão para limpeza da mesma.

PESQUISADORA: Qual a sua idade?

P01: Sessenta e quatro anos.

PESQUISADORA: Em que bairro o senhor mora?

P01: Ponta das Pedras.

PESQUISADORA: Há quanto tempo o senhor pesca?

P01: 40 anos.

PESQUISADORA: O que o senhor pesca?

P01: Pesco camarão siri, tainha e todos os pescados que têm na Lagoa. De tarrafa, de rede. E... não tem hora pra a gente pescar, pesco qualquer hora. Não tem noite, não tem dia. E descanso para o pescador não tem.

PESQUISADORA: Com que frequência o senhor pesca?

P01: Todo santo dia.

PESQUISADORA: Qual o seu nível de escolaridade?

P01: Não tenho , não tenho, não tenho nível.

PESQUISADORA: Qual a profissão do seu pai?

P01: Meu pai era pescador.

PESQUISADORA: Qual a profissão dos seus filhos?

P01: Meus filhos são estudantes.

PESQUISADORA: Quantas pessoas dependem do que o senhor pesca em sua casa?

P01: Eu acho que... umas quatro pessoas.

PESQUISADORA: O senhor nasceu em Laguna?

P01: Sim, nasci...

PESQUISADORA: O senhor vai me dizer as primeiras palavras que lhe vem a mente quando pensa em Laguna.

P01: Ah (suspiro) ... Laguna é terra boa. A Laguna é o melhor lugar, é a cidade que se tem por aí, né. É que a gente conhece. Só a Laguna mesmo pode fazer qualquer coisa, porque as belezas estão tudo aqui.

PESQUISADORA: Ser humano?

P01: Ser humano? Aqui tem tudo de bom, né.

PESQUISADORA: Meio ambiente?

P01: Meio ambiente é meio ruim. Precisa de orientação de alguém que faça alguns projetos, que as nossas Lagoas estão se acabando também, já poluída e é por aí.

PESQUISADORA: Lagoa de Santo Antônio?

P01: É. a Lagoa de Santo Antônio é essa que eu estou falando, né. É a mesma Lagoa, é. A poluição aí é que está acabando a pau aí.

PESQUISADORA: Quais elementos fazem parte do meio ambiente?

P01: É a pesca né. Sou da área da pesca. O meio ambiente para nós é a pescaria e mais não tem nada bom não. Tem muita muita poluição na Lagoa já, as Lagoas estão morrendo e não tão tomando providência e olha vai se acabar se não tomar providência.

PESQUISADORA: Qual é a sua relação com a Lagoa?

P01: Olha, a minha relação com a Lagoa é que eu nasci aqui na Lagoa, bem dizer, e nela estou vivendo e acho que nela morrerei porque isso aqui é muito importante, a Laguna.

PESQUISADORA: Que seres vivos dependem direta ou indiretamente da Lagoa?

P01: Ah... Isso aí depende muita gente... Isso aí depende eu acho que aqui na nossa Lagoa eu acho que umas dez mil pessoas.

PESQUISADORA: E animais, plantas?

P01: Que depende da Lagoa né, os peixe, os pescados, já são pouco porque as Lagoas, elas não tão tendo recursos de nada, ninguém tá fazendo nada. Então tá indo água abaixo, aí, os pescadores passando dificuldade.

PESQUISADORA: Você se sente incomodado por algum aspecto relacionado à Lagoa?

P01: Ah! Me incomoda sim. Sobre a área da poluição, e é que entra prefeitos e vereadores e aí gente grande aí que não faz nada pela nossa Lagoa e a Lagoa vai morrer.

PESQUISADORA: Qual é o atual estado de saúde da Lagoa?

P01: É o oxigênio. O estado de saúde da Lagoa é o oxigênio que não tem. As nossas Lagoas aí a trinta quarenta anos atrás ela tinha oito, dez metros, até treze metros de profundidade e hoje tem lugar que nós temos um metro e meio. Aí não tem oxigênio e os peixes aí está se acabando e vai se acabar, né?.

PESQUISADORA: É possível salvar a Lagoa e a pesca artesanal?

P01: É possível, sim.

PESQUISADORA: Como se faria isso?

P01: Isso aí é a política né que faz muitas coisas pela Lagoa. Não tem uma política desenvolvida, né. A não ser se entre alguém mais novo que se interesse pela política e que faça alguma coisa, porque com essa política que está aí não vai dar nada.

PESQUISADORA: Quais problemas afetam a Lagoa?

P01: Ah... O lixo, a poluição do Rio Tubarão que desce aí nas Lagoa, ela vem pra a Lagoa; a água envenenada, os peixes morrem e muitos peixes cegos; e as Lagoas baixas, o causamento é mais este aí das Lagoas baixas.

PESQUISADORA: Quais são os fatores responsáveis estes problemas?

P01: Olha, tem muita gente que é o responsável por estes problemas da Lagoa só que na hora de fazer as coisas, eles metem a mão nos bolsos, e guardam o dinheiro do governo e deixa nós aí a deriva, passando dificuldade aí ó sem a Lagoa, e a Lagoa morrendo.

PESQUISADORA: Como estes problemas afetam sua vida?

P01: A gente não tá se sentindo muito bem, não... Nas Lagoas antigamente o salito, a salina, o salito... e o oxigênio da água era mais forte e já tá diminuindo. Então a água quase não tem oxigênio e se não tem oxigênio para nós né, ela vai causar problemas.

PESQUISADORA: De quem é a responsabilidade de resolver estes problemas?

P01: É verdade... Ah... os problemas esses aí são velho. Nós temos problemas aqui de trinta anos atrás aí que entra prefeito, sai prefeito... Eles só trabalham para eles e deixam para a metade para a pesca. A área da pesca aí é que sofre mais aí, nós temos a maior dificuldade. Tem vez que nós não pega um peixe, porque né, não tem pra onde peixe parar, a Lagoas tão baixas. Então se tivesse uma dragagem, eu acho que isso aí não sei quando vai, eles vão fazer alguma coisa pela nossa Lagoa.

PESQUISADORA: O que a população pode fazer para ajudar a preservar a Lagoa?

P01: Fazer uma guerra, entende? Chegar em cima destes caras grandes aí ou fazer um abaixo assinado e apertar eles para eles ver o como é bom viver embaixo d'água. Eles

fazem as políticas para comer o dinheiro enquanto a gente fica aí sofrendo aí, a deriva do mar aí. Eu acho que os culpados são eles mesmos.

PESQUISADORA: Os moradores de Laguna estão conscientes dos problemas envolvendo a Lagoa?

P01: Olha, todo mundo sabe disso aí, só que poucas pessoas se desenvolvem, falam alguma coisa que tem até medo de falar. Sofrem, morrem e não lutam pelas Lagoas. Eu pelo menos estou fazendo alguma coisa de uns tempo para cá que é para ver se alguém cria vergonha na cara e faça, né. Salve pelo menos a Lagoa.

PESQUISADORA: Para você qual é a importância da variabilidade de organismos vivos ?

P01: Olha boa coisa aí é pouca coisa. Aqui na Lagoa a maioria é esgoto e água... e o lixo. A gente pesca aí existe mais lixo do que peixe. As autoridades não fazem nada. Então a Prefeitura mesmo que não faz nada. A Ambiental dorme normalmente do lado do cais e tão aí só para bonito. O governo pagando eles aí e não fazem nada. E assim vai, cada vez pior.

PESQUISADORA: Então tem mais lixo do que seres vivos na Lagoa?

P01: Bota lixo nisso! Lixo e poluição na Lagoa, né. Lixo mais boiado e contaminação na água. A Lagoa tá baixa e ninguém tá se interessando.

PESQUISADORA: O que você espera do futuro da pesca artesanal?

P01: Eu não sei, mas acho que aqui tá muito difícil. É muito difícil. Já deixaram isso aí para trás há muito anos aí e que vem vindo vai dizendo: olha, para mim não vai dar porque é projeto para trinta anos e vai tocando, um vai passando para o outro e quem perde é a gente que é o pescador, né.

PESQUISADORA: O que você espera do futuro da Lagoa de Santo Antônio?

P01: Essa nossa Lagoa aqui é considerada uma das Lagoas mais limpas do nosso país, mas tão deixando morrer. Tá se acabando e ninguém toma providência. Eu não sei quem vai fazer isso aí.

PESQUISADORA: Qual é o papel do pescador na preservação da Lagoa?

P01: Olha, o papel do pescador pra mim aqui na preservação da Lagoa é que tem muitos pescador ainda que não tão ajudando a Lagoa. Eles as vezes... eles são os próprias a jogar o lixo fora aí nessas Lagoas aí que a gente veja aí. Só que tem muito pescador que são contra isso aí, mas só que as vezes é interesse das próprias pessoas.

PESQUISADORA: Tem mais alguma coisa que queira falar?

P01: Olha, se eu for falar eu levo não sei quanto tempo mais. Que é difícil alguém tapar os buracos que tem nessa Lagoa aí, é difícil. Nossa Lagoa tá que tá num estado. Confio em vocês que são novo ainda.

ENTREVISTA COM PESCADOR P02

Dados complementares:

Data: 21/07/ 2008 Número da entrevista: 02 Local da entrevista: Praia da Tesoura.

Horário de início da entrevista: 15:31 Horário de término da entrevista: 15: 56

Condições ambientais: Sol, vento sul.

Informações complementares: Como a entrevista foi realizada no Praia da Tesoura, a entrevista foi realizada na praia da Tesoura e haviam quatro botos auxiliando os pescadores na pescaria.

PESQUISADORA: Qual é a sua idade?

P02: cinquenta e oito anos.

PESQUISADORA: Mora em que bairro?

P02: Mar Grosso.

PESQUISADORA: Há quanto tempo pesca?

P02: Quarenta anos.

PESQUISADORA: O que pesca?

P02: Tainha.

PESQUISADORA: Com que frequência?

P02: Total, aqui na Tesoura.

PESQUISADORA: Qual é o seu nível de escolaridade?

P02: Eu tenho o primeiro ano do segundo grau.

PESQUISADORA: Qual era a profissão do seu pai?

P02: Portuário, mas se aposentou como agente federal.

PESQUISADORA: Qual a profissão dos seus filhos?

P02: Ai vareia, né. Tem um que é segurança, outro é cantor (risos), outro é pescador, outro trabalha aqui no Ravena de controlista.

PESQUISADORA: Número de dependentes?

P02: Depende eu a esposa e os filhos tudo, né, porque tudo ganha pouco, né minha filha.

PESQUISADORA: O senhor nasceu em Laguna?

P02: Sim, nasci em Laguna.

PESQUISADORA: Eu vou falar uma palavra e o senhor vai me dizer a que vem a mente quando pensa nela. Laguna?

P02: Uma cidade maravilhosa, cidade acolhedora de tudo o que vem para cá, menos o mal, né.

PESQUISADORA: Ser humano?

P02: Bom.

PESQUISADORA: Meio ambiente?

P02: Péssimo.

PESQUISADORA: Lagoa de Santo Antônio?

P02: Péssima.

PESQUISADORA: Quais elementos fazem parte do meio ambiente?

P02: Alimento é o meu meio ambiente. É o peixe, né.

PESQUISADORA: Qual é a sua relação com a Lagoa?

P02: Pouca. Só a pesca mesmo, né.

PESQUISADORA: Que seres vivos dependem direta ou indiretamente da Lagoa?

P02: Camarão, tainha, bagre, corvina e outras variedades. Siri que está em extinção, que acabou-se por causa da poluição, né. Já está em extinção porque antigamente nós pegava aqui e já não se pega mais.

PESQUISADORA: Você se sente incomodado por algum aspecto relacionado à Lagoa?

P02: Aqui, o que prejudica aqui a Lagoa é o seguinte é a poluição dessa plantação de arroz porque o agrotóxico que eles colocam lá é desaguado tudo aqui. Tudo o que entra no Tubarão, Braço do Norte é tudo escoado aqui pela Barra da Laguna. Então é o meio ambiente que deveria mais cuidar dessa parte aí, que prejudica na pesca e na saúde do povo.

PESQUISADORA: Então o estado atual de saúde da Lagoa é ruim?

P02: É. No momento está sendo muito prejudicada pela plantação de arroz, mandioca, água que constitui o carvão, aquelas piritas, que lavam o carvão aqui em Capivari. É tudo escoado por aqui. Aqui é o funil de tudo o que vem de lá. Eu acho que até, eu não sei bem... mas acho que até o negócio de saneamento é tudo saído por aqui, porque não tem outro lugar lá para ele sair.

PESQUISADORA: E ainda é possível salvar a Lagoa?

P02: É possível ... é possível. A Lagoa é possível se abrir a Barra do Camacho. Se abrir a Barra do Camacho e ser escoada por lá, não prejudica a Lagoa de Santo Antônio porque

uma parte sai por lá, né. De qualquer jeito vai sair uma parte por aqui, porque aqui é Lagoa e canal, né. Então sai uma parte por lá e uma parte por aqui. Mas infelizmente o que está mandando aí no momento é o dinheiro e tem muito arroteiro aí que não querem né, porque vai ter que passar por cima do que é deles.

PESQUISADORA: E ainda é possível salvar a pesca artesanal?

P02: É possível. É possível se o meio ambiente preservar principalmente a malha, principalmente a malha, né. Eu acharia que para pegar tainha aqui deveria ser malha seis e não a cinco como eles querem. Cinco pega peixe pequeno, malha seis que aí quando se pega, já se pega uma tainha de porte médio, não esses peixinhos miúdo. E o camarão ser mais fiscalizado, né. Mais fiscalizado, porque mesmo assim ainda aparece camarão no mercado pra vender. Da onde é que vem? Alguém tá pescando no defeso, porque se não, não apareceria.

PESQUISADORA: Quais problemas afetam a Lagoa?

P02: Os problemas dessas enchentes que dá, né. Da onde que vem tudo. Tudo o que não presta vem lá de cima. Tudo o que não presta, madeira, é gado, é cobra. Tudo passa por aqui. Tudo. Tudo escoar pela Barra da Laguna, porque não tem outro meio para escoar, a não ser a Barra do Camacho que ficou aberta.

PESQUISADORA: Como estes problemas afetam sua vida?

P02: Benefício não trás nada, né. Só trás o que não presta. Vários tipos de doença que ocorrem aí e que a gente não sabe até pode ser de algum peixe que a gente come e a gente nem tá sabendo porque são peixes que se criam na Lagoa, envenamento, de repente muito tóxico.

PESQUISADORA: De quem é a responsabilidade de resolver estes problemas?

P02: Das autoridades né, das autoridades públicas, né. Meios para acabar com isso aí o que é que é? Vamos começar pelo governo né. O governo é que tem que ver isso aí, né. Para

que eles também dêem uma força para o meio ambiente e para eles terem mais gente pra começar a fiscalizar. Porque se não tem, não adianta uma Lagoa desse tamanho aí com quatro soldados para fiscalizar. Eles também não tem culpa, porque não tem gente e não tem aparelhagem adequada. Como é que vai fiscalizar? Fiscaliza aqui e aí vamos supor, como é que vai fiscalizar a Lagoa de Imaruí, a Lagoa Mirim e Ribeirão Pequeno, Ribeirão Grande, Parobé. Tudo isso é escoado por aqui. Como é que eles vão ter tanta gente para ... então falta gente para trabalhar. Então se tivesse mais fiscalização, mais lancha, mais gente, a fiscalização seria mais severa e a Lagoa seria mais limpa. Entendeu? Porque daí eles viriam em cima. E em cima também dos criadores, dos plantadores de arroz, dos plantadores de mandioca porque isso aí é uma lavagem que é tudo, hoje em dia que é tudo na base do veneno.

PESQUISADORA: O que a população pode fazer para ajudar a preservar a Lagoa?

P02: A população. O que a população pode fazer é nada, porque hoje em dia tá tudo na mão do governo.

PESQUISADORA: Os moradores de Laguna estão conscientes dos problemas envolvendo a Lagoa?

P02: A maioria não sabe né, minha filha, porque não sabe nem o que é que eles estão comendo, nem o que eles estão bebendo. Você pega... Vamos por parte... Você pega uma caixa d'água que você tem na sua casa, água da CASAN, você leva três anos sem limpar para você ver o que é que tem embaixo do solo d'água no da caixa. É só lama. Da onde é que vem essa lama? É água que não é bem tratada. E essa água vai para onde? Vai para a sua alimentação. Amanhã ou depois ah... surgiu um problema de câncer, um problema de diabete ou de circulação e a gente nem tá sabendo do que que é. Mas é da própria alimentação. Muito veneno hoje em dia e a gente cria um frango e está dois meses, três meses para o abate para comer e antigamente era para comer um frango era seis meses.

Então a galinha caipira com seis meses se estava comendo, hoje com dois meses está comendo um frango. Não tem, é que tá muita evolução, muita gente também que tem que ter mais produção, tem que ser assim né. Se não fizer assim como é que vai ter alimentação para esse pessoal todo. O governo uma parte não tem culpa, uma parte não tem culpa porque hoje em dia existe muita pouca fiscalização por aí, né. Então a gente nem pode dizer a verdade, o que é o certo, o que é o correto. Só que ele deveria ter mais, mais ou eu acharia que o meio ambiente deveria ter mais gente para fiscalizar.

PESQUISADORA: Para você qual é a importância da variabilidade de organismos vivos ?

P02: Mostra que a Lagoa é sadia né. A Lagoa limpa, né. Uma Lagoa limpa é você... É a mesma coisa de você lavar a roupa num tanque e deixar a água e lavar uma roupa suja, vai ficar a mesma roupa suja. Se você colocar uma água limpa é claro que a sua roupa vai ficar limpa. Então nos precisamos do quê? Preservar sim, a Lagoa em primeiro lugar.

PESQUISADORA: O que o senhor espera do futuro da Lagoa?

P02: O futuro da Lagoa se for continuando no passo que vai é acabar a de peixe e camarão. As parte principal tainha e o camarão, né. Quantos vivem disso daí. Se a pessoa ganha o defeso para não pescar, deveria ser mais confiscado para não pescar. Não que eu saiba que alguém pesque entende, mas se aparece camarão no mercado, alguém pescou. Então o que deveria fazer o meio ambiente? Fiscalizar lá dentro do mercado porque por lá eles tiram quem pescou.

PESQUISADORA: O que o senhor espera do futuro da pesca artesanal?

P02: O futuro da pesca artesanal se for preservado vai ficar melhor, mas se continuar como está vai se acabando, né. Como já está se acabando, né. Este ano foi um ano fraco aqui de tainha. Eu não sou pescador, mas eu venho aqui e vejo que está se acabando isso aqui. Eu moro aqui já, a cinquenta anos aqui na praia, então a gente vê aqui com o passar do tempo vai se acabando aos poucos. Por quê? Porque tem aparelhagem são mais sofisticadas Tem

mais aparelho. Menos peixe, mais aparelho, melhor. Então eles tem que ter material, não têm. Tem aparelhagem para pegar

PESQUISADORA: Qual é o papel do pescador na preservação da Lagoa?

P02: Eles que devem procurar, né minha filha. Eu não sou pescador. Eles que... eu deveria... No momento eles que deveriam, o pescador mesmo é que deveria ter... já que a colônia não toma conta, não providencia disto, eles deveriam ter um sindicato aí e ir para cima né, para eles ter força. O que é um sindicato? Sindicato é uma reunião de amigos, uma associação. Não é isso? Então, faça um sindicato que aí vamos ter gente competente para debater isso aí. No momento não tem ninguém, entende? Que combate aí o meio ambiente mas são poucos, são pouca gente. Eles não tem capacidade de com os policiamentos que eles tem de cuidar toda a Lagoa. A Lagoa de Santo Antônio mesmo é grande. Ela não é isso aqui que a gente vê, ela se expande de Imaruí ao Mirim, lá por cima. Aqui vai até o Ribeirão Grande, sai pelo Rio da Madre e deságua aonde? Pelo Camacho, Lagoa de Santa Marta. Tudo isso aqui é Lagoa e vários braços de Rio que tem ainda, né. Então eu acharia que o ambiente é brabo aqui na Lagoa, que deveria ter mais policiamento, mais força dos governos, né. Saísse mais curso, mais policiamento, especializasse mais. Não tô dizendo que eles não são especializados, os que estão aí, sim, mas precisa de mais.

PESQUISADORA: O senhor tem mais alguma coisa que queira dizer?

P02: Não, sobre aqui não. De vez em quando morre boto aí, por quê? Aparece umas manchas. Do que é que é? É claro que é veneno. Veneno que eles pegam, que aparece lá no Rio, na boca do Rio, vão até a Madre. Os caras que botam veneno lá para o arroz e para a mandioca, onde é que vai desaguar, quando dá esses enchentes? Na Lagoa. E aonde que vai a Lagoa? A Lagoa quando toca maré de enchente vai espalhando pela Lagoa toda. Portanto, aparece quando dá essas enchentes de água doce aqui, aparece vários peixes mortos aí. Então não é da água doce não, a água doce não mata. O que mata é o veneno que deságua e

desce tudo da plantação de arroz da mandioca e de outros derivados de plantação, tudo isso aí.

ENTREVISTA COM PESCADOR P03

Dados complementares:

Data: 22 /07/2008 Número da entrevista: 03 Local da entrevista: Bairro Magalhães.

Horário de início da entrevista: 09:19 Horário de término da entrevista: 09:31

Condições ambientais: Sol entre nuvens e vento sul bastante forte.

Informações complementares: O pescador estava se arrumando para entrar na Lagoa para ir pescar. Ele abria a tarrafa e durante a entrevista ficava observando os botos e o comportamento dos mesmos. Após o término da entrevista ele me perguntou se eu sabia o nome dos botos que ali estavam, ao falar que não ele me falou o nome de cada um dos dois botos que ali estavam (Caroba e Scoob) e fala que não imagina sua vida sem estes animais e sem o camarão.

PESQUISADORA: Qual a sua idade?

P03: Trinta e dois anos.

PESQUISADORA: Que bairro o senhor mora?

P03: Eu moro no Centro.

PESQUISADORA: Há quanto tempo pesca?

P03: Há uns 20 anos mais ou menos.

PESQUISADORA: O que o senhor pesca?

P03: Pesco tainha. Tainha, camarão.

PESQUISADORA: Com que frequência?

P03: É assim né, no tempo da pesca ... depende. Por exemplo, agora a pesca do camarão está fechada e a gente pesca o virote, a tainha né. O virote é a mesma tainha só que menos, pequena. E camarão, não. O camarão a pesca fechou e a gente só tá se virando na tainha.

PESQUISADORA: Qual é o seu nível de escolaridade?

P03: Eu estudei até a quinta.

PESQUISADORA: Qual é a profissão do seu pai?

P03: Meu pai era pescador também.

PESQUISADORA: Qual a profissão dos seus filhos?

P03: Estudantes.

PESQUISADORA: Número de Dependentes?

P03: Ah... quatro.

PESQUISADORA: O senhor nasceu em Laguna?

P03: Sim, nasci em Laguna.

PESQUISADORA: Quais são as primeiras palavras que vem a mente quando pensa em Laguna?

P03: Laguna é uma terra para sobreviver, né. Que tu tem... a única sobrevivência da Laguna aqui é a pesca, só isso.

PESQUISADORA: E em ser humano?

P03: Ser humano para nós aqui mesmo aqui é só o boto, que trás a pescaria para a gente

PESQUISADORA: Meio ambiente?

P03: Primeira coisa que vem na cabeça o que é que é? É a pesca. É a pesca que tu vem... isso aqui é uma coisa para tu nunca mais esquecer. Tu vem para cá, tu esquece até da casa.

PESQUISADORA: Lagoa de Santo Antônio?

P03: Isso aqui é Imaruí, aqui não é Lagoa de Santo Antônio. Isso aqui é mais assim uma entrada de barra, uma boca assim. E já fica lá mais para cima entre Imaruí e Laguna.

PESQUISADORA: Mas o que vem na cabeça quando pensa em Lagoa de Santo Antônio?

P03: O que vêm é que eu nasci aqui e todo mundo que fala, fala só de bom.

PESQUISADORA: Quais elementos fazem parte do meio ambiente?

P03: Camarão, tainha, anchova, siri, tudo isso...

PESQUISADORA: Qual é a sua relação com a Lagoa?

P03: Minha relação com a Lagoa que eu tenho é minhas embarcação, tenho minhas tarrafas, tenho minhas redes de pegar camarão.

PESQUISADORA: Que seres vivos dependem direta ou indiretamente da Lagoa?

P03: Tem as focas, né. Tem os botos que é daqui da nossa Lagoa. O siri, o siri também vive.

PESQUISADORA: Você se sente incomodado por algum aspecto relacionado à Lagoa?

P03: Não. Isso aqui é o paraíso.

PESQUISADORA: Qual é o atual estado de saúde da Lagoa?

P03: É bom. É ótimo. Não tem nada de ruim não.

PESQUISADORA: Para você qual é a importância da variabilidade de seres vivos ?

P03: É importante para a pesca, isso aí.

PESQUISADORA: O que você espera do futuro da Lagoa?

P03: O que eu espero é que eles vão abrir essa barra aí para dar emprego para os pescadores.

PESQUISADORA: O que você espera para o futuro da pesca artesanal?

P03: O futuro... é o camarão.

PESQUISADORA: Qual é o papel do pescador na preservação da Lagoa?

P03: Tu tendo a carteira, tendo uma embarcação boa, que esteja tudo certinho. E agora eu vivo também disso aí ó. Agora, esse ano nós recebemos o camarão, o seguro defeso.

ENTREVISTA COM O PESCADOR P04

Dados complementares:

Data: 22/07/2008 Número da entrevista: 04 Local da entrevista: Ponta das Pedras

Horário de início da entrevista: 15:21 Horário de término da entrevista: 15:43

Condições ambientais: Sol e vento sul.

Informações complementares: O pescador se preparava para sua pescaria noturna quando a entrevista foi realizada. Ele arrumava a tarrafa, fazendo os remendos necessários e seu companheiro de pescaria, um senhor aparentemente mais velho, permaneceu o tempo todo a seu lado durante a entrevista. No local havia também um rádio, em que o pescador ouvia músicas em um volume bastante elevado. No final da entrevista o mesmo continuou a arrumar a tarrafa, enquanto que seu colega foi buscar café para eles tomarem antes de, como ele mesmo disse, entre risadas, se “aventurar nas águas rasas da Lagoa”.

PESQUISADORA: Qual é a sua idade?

P04: Quarenta e dois anos.

PESQUISADORA: Qual a comunidade ou bairro que o senhor mora?

P04: Ponta das Pedras.

PESQUISADORA: Há quanto tempo o senhor pesca?

P04: Há trinta anos.

PESQUISADORA: O que o senhor pesca?

P04: Frutos do mar, peixe, camarão, siri.

PESQUISADORA: Com que frequência?

P04: Direto.

PESQUISADORA: Qual é o seu nível de escolaridade?

P04: Estudei até a quinta.

PESQUISADORA: Qual a profissão do seu pai?

P04: Meu pai era pescador.

PESQUISADORA: Qual a profissão dos seus filhos?

P04: Estudantes.

PESQUISADORA: Número de Dependentes?

P04: Tem cinco.

PESQUISADORA: O senhor nasceu em Laguna?

P04: Sim.

PESQUISADORA: Eu vou falar uma palavra e o senhor vai me dizer as primeiras palavras que vem a mente quando pensa nisso. Laguna.

P04: Vida.

PESQUISADORA: Ser humano.

P04: Tudo.

PESQUISADORA: Meio ambiente.

P04: Preservação.

PESQUISADORA: Lagoa de Santo Antônio

P04: Riqueza.

PESQUISADORA: Quais elementos fazem parte do meio ambiente?

P04: Água, ar, boto.

PESQUISADORA: Qual é a sua relação com a Lagoa?

P04: Eu dependo dela para viver.

PESQUISADORA: Que seres vivos dependem direta ou indiretamente da Lagoa?

P04: Principalmente o ser humano. O ser humano hoje está vivendo da Lagoa, né.

PESQUISADORA: Você se sente incomodado por algum aspecto relacionado à Lagoa?

P04: Política.

PESQUISADORA: Por quê?

P04: Porque gente que não são daqui querem mandar aqui.

PESQUISADORA: Qual é o atual estado de saúde da Lagoa?

P04: É bem precário.

PESQUISADORA: Por quê?

P04: É esgoto, é poluição, é varias coisas.

PESQUISADORA: E ainda é possível salvar a pesca artesanal?

P04: Sim. É possível desde a hora que tire os estrovador da Lagoa e deixe só o pescador profissional que vive disso hoje, é possível.

PESQUISADORA: E é possível salvar a Lagoa de Santo Antônio?

P05: Eu acho difícil, eu acho muito difícil.

PESQUISADORA: Quais problemas afetam a Lagoa?

P04: A poluição né Causada por estes esgotos que tão por toda a Lagoa.

PESQUISADORA: Como estes problemas afetam sua vida?

P04: Eles afetam a minha vida por causa da limpeza da Lagoa que não vem peixe para dentro da Lagoa, não vem camarão. Polui muito e os produtos não entram para a Lagoa.

PESQUISADORA: De quem é a responsabilidade de resolver estes problemas?

P04: Governo federal, Prefeitura e do pescador mesmo.

PESQUISADORA: O que a população pode fazer para ajudar a preservar a Lagoa?

P04: Não poluindo, não. Trazendo mais recursos para o pescador. Eu acho que seria... o pescador tendo mais recursos, ele não poluía tanto a Lagoa.

PESQUISADORA: Os moradores de Laguna estão conscientes dos problemas envolvendo a Lagoa?

P04: Pior que nem se importa.

PESQUISADORA: Para você qual é a importância da variabilidade de seres vivos?

P04: Mostrar que é uma Lagoa limpa, uma Lagoa saudável. Desde a hora que tenha uma barra boa, a Lagoa tando limpa tem peixe.

PESQUISADORA: O que você espera do futuro da Lagoa?

P04: O futuro só Deus preverá porque a gente, a gente não pode mais calcular para frente o que vem, porque continua poluindo a Lagoa e cada vez mais pescadores vai se afastando.

PESQUISADORA: O que você espera do futuro da pesca artesanal?

P04: O futuro... O futuro é alguém fazer alguma coisa pela Lagoa, né. Desde a hora de fazer alguma coisa pela Lagoa deve melhorar.

PESQUISADORA: Qual é o papel do pescador na preservação da Lagoa?

P04: Olha, o papel do pescador hoje é conscientizar e não poluir a Lagoa, né. Desde a hora que ele tiver consciência e não poluir a Lagoa ele está fazendo a parte dele. Desde a hora que ele tando fazendo a parte dele só falta o órgão público fazer a deles.

PESQUISADORA: Tem mais alguma coisa que o senhor queira falar?

P04: Eu acho que assim, a nossa colônia de pescador hoje dá muito pouco apoio ao pescador, porque o pescador hoje, ele não tem um empréstimo para poder fazer alguma arte, para poder passar melhor a vida. Não pode tirar hoje o polícia que pesca na Lagoa, o aposentado que estrova o pescador. Então, enfim se fosse só o pescador hoje, ele teria condições de viver bem da Lagoa.

ENTREVISTA COM PESCADOR P05

Dados complementares:

Data: 27/07/2008 Número da entrevista: 05 Local da entrevista: Molhes da Barra.

Horário de início da entrevista: 08:25 Horário de término da entrevista: 08:48

Condições ambientais: Vento Sul, sol e temperatura baixa.

Informações complementares: Havia uma baleia franca com filhote na Praia do Mar Grosso e isso chamava muito a atenção dos pescadores que estavam na Lagoa pescando. Quando havia informação de que as baleias estavam se aproximando da praia, muitos pescadores que não se encontravam dentro da água iam até o outro lado para observar melhor estes animais. A entrevista foi realizada no lado norte do molhes (lado no qual está localizada a Praia do Mar Grosso) e haviam três botos próximos aos surfistas.

PESQUISADORA: Qual é a sua idade?

P05: Quarenta e oito anos.

PESQUISADORA: Em que bairro o senhor mora?

P05: Eu moro na Passagem da Barra.

PESQUISADORA: Há quanto tempo pesca?

P05: Vinte e cinco anos.

PESQUISADORA: O que o senhor pesca?

P05: Com a tarrafa eu pesco tainha, né. A pesca da tainha.

PESQUISADORA: Com que frequência?

P05: Todos os dias.

PESQUISADORA: Qual é seu nível de escolaridade?

P05: Estudei até a sétima série.

PESQUISADORA: Qual a profissão do seu pai?

P05: Meu pai era da Marinha. Ele trabalhava em navio.

PESQUISADORA: Qual a profissão dos seus filhos?

P05: Meus filhos são tudo estudantes.

PESQUISADORA: Número de Dependentes?

P05: Eu, minha mulher, minha esposa no caso, e minha filha. Tenho uma comigo, eu tenho outra. Eu casei duas vezes, né.

PESQUISADORA: O senhor nasceu em Laguna?

P05: Eu nasci em Laguna.

PESQUISADORA: Qual são as primeiras palavras que lhe vem a mente quando pensa em Laguna?

P05: Laguna... Um paraíso que o Brasil tem.

PESQUISADORA: Ser humano?

P05: Ser humano... O ser humano tá demolindo com a nossa natureza toda, né. É complicado.

PESQUISADORA: Meio ambiente?

P05: Meio ambiente... Tá muito prejudicado, tá complicado assim.

PESQUISADORA: Lagoa de Santo Antônio?

P05: Lagoa de Santo Antônio? É esta maravilha que tais vendo aqui né. Daqui para cima lá ó. Aqui é um Complexo grande. São três Lagoas Lagoa de Santo Antônio, Mirim e Imaruí, que é o Complexo Lagunar que chamam.

PESQUISADORA: Quais elementos fazem parte do meio ambiente?

P05: É assim ó ... o mar, a natureza, limpeza que tá faltando, né. Que entrou muita sujeira e todo mundo a sujar, menos poluição que a coisa tá feia todo mundo a poluir e bem poucos a limpar e a cuidar.

PESQUISADORA: Qual é a sua relação com a Lagoa?

P05: Minha relação é que eu tiro o sustento dela, né. Então a gente precisa muito assim dum... dum cuidado melhor dessa Lagoa, tá muito desprezada. .

PESQUISADORA: Que seres vivos dependem da Lagoa?

P05: Depende os botos, tainhas, robalos, bagres, savelha, enchova, corvininha, e camarão, siri. Tudo isso depende da nossa Lagoa, né.

PESQUISADORA: Você se sente incomodado por algum aspecto relacionado à Lagoa?

P05: Eu me sinto incomodado é com o seguinte: é muitas pessoas a poluir e poucas a cuidar. Fiscalização nenhuma, não tem fiscalização. Bem pouco, a Ambiental faz bem pouco por nós, aí. Devia tomar muita conta dessa Lagoa, né. É complicado. Só querem multar os pescadores, só querem ... as vezes até atrapalhar a gente e não conseguimos pescar, né.

PESQUISADORA: Qual é o atual estado de saúde da Lagoa?

P05: Ah... Se é cem por cento, vamos colocar cinquenta por cento, né, porque tá... é... é muita rede de esgoto, é muito lixo, é muita coisara que eles jogam aí.

PESQUISADORA: Mas é possível salvar a Lagoa?

P05: Ah... Com certeza.

PESQUISADORA: E é possível salvar a pesca artesanal?

P05: Ah... Pois a gente vive mais da pesca artesanal né porque a pesca industrial é complicado. A industrial só esse barcos ai fora, né? E aqui dentro da Lagoa é tudo artesanal, a maioria.

PESQUISADORA: E o que pode ser feito para manter o bom estado da Lagoa e a profissão do pescador artesanal?

P05: O que pode ser feito? Assim o... levantar as redes de aviãozinho que pescam lá em cima, que são redes de camarão que ficam fixas o ano todo dentro da Lagoa. Agora eles levantam porque tá no defeso do camarão, e eles são obrigados a levantar as redes. E então é como que eu digo, mais fiscalização, mais cuidado, né porque tem muita poluição. É que o ... As vezes a gente repete muitas vezes isso, é muita poluição. O ser humano tá acabando com tudo.

PESQUISADORA: Quais problemas afetam a Lagoa?

P05: A poluição que eu já te falei e... Às vezes assim, quando dá muita chuva, e aí vem lá da parte de Tubarão, do Rio Tubarão, que desce muita sujeirada, né. Tudo o que vêm de lá de ruim, desce tudo aqui nessa Lagoa. Isso aqui fica sendo assim, vamos dizer assim numa linguagem certa, um sumidouro dos outros, das outras cidades.

PESQUISADORA: Como estes problemas afetam sua vida?

P05: Olha aí ó. O meu pé todo rachado, aí ó. Isso tudo devido à Lagoa, o veneno que tem na Lagoa aí, o pé da gente todo rachado aí, com este veneno todo aí. Eu que o diga. Muita poluição, né.

PESQUISADORA: De quem é a responsabilidade de resolver estes problemas? O que a população pode fazer para ajudar a preservar a Lagoa?

P05: Ah... Aí depende de político, depende da fiscalização, que no caso é a Ambiental. Depende da conscientização do povo também porque é muita, como eu falei, muita rede de esgoto jogada nessa Lagoa, muito lixo e pouco cuidado

PESQUISADORA: Os moradores de Laguna estão conscientes dos problemas envolvendo a Lagoa?

P05: A população pode fazer o quê? Evitar de sujar nosso meio ambiente, né. Quanto menos sujeira jogar na Lagoa melhor. Que a gente... Isso aqui é uma Lagoa praticamente fechada, tem esse... essa boca da Barra, mas lá pra cima fica praticamente as águas paradas, né.

PESQUISADORA: Para você qual é a importância da variabilidade de organismos vivos ?

P05: A importância é grande. Porque quanto mais... quanto mais pescado tiver mais a gente sobre... mais renda a gente tira da Lagoa. Se não tiver o pescado, aí vai viver do quê?

PESQUISADORA: O que o senhor espera do futuro da Lagoa?

P05: Do futuro da Lagoa. Ah... Eu espero que as autoridades tomem bastante cuidado, bastante conta, que ajude bastante nós e que a fiscalização seja em dobro, porque tá muito fraquinha a fiscalização. Então tudo isso ajuda nós.

PESQUISADORA: O que o senhor espera do futuro da pesca artesanal?

P05: O futuro da pesca artesanal é cada vez mais fraco, né. Infelizmente. Porque... a gente não queria que fosse assim. A gente queria que cada vez fosse mais. Mais é muito a pescar e pouca reprodução do produto.

PESQUISADORA: Qual é o papel do pescador na preservação da Lagoa?

P05: Não polui, não agride o meio ambiente, só pega o produto certo na época certa. E quem tem rede pesca o ano todo, tudo o que vim eles leva, eles carregam tudo. Aí então leva os menores, leva os maiores, levam tudo. E a gente pesca com uma certa malha. Na malha da nossa tarrafá é uma malha seis, malha sete e malha oito. Só pega os peixe maior e os peixe miúdo ficam tudo para poder crescer e se reproduzir com abundância, vamos dizer assim com bastante com bastante peixe, com bastante fartura. Que tá faltando pra nós, cada vez menos, uma judiaria. A gente tá aí o dia todo e oito peixes. O dia todo aí, dois tarrafeando aí o dia todo. A gente chega aí seis e meia, sete horas da manhã e fica até às

cinco, cinco e meia da tarde, seis horas, não tem hora para ir embora. Então é... a gente tem que ficar, porque não tem da onde tirar, né.

PESQUISADORA: Mais alguma a coisa que queira falar sobre a Lagoa?

P05: Então é assim oh. Se vocês pudessem fazer até um... tentar botar mais fiscalização, mais cuidado na nossa Lagoa seria melhor. É o que tá faltando.

ENTREVISTA COM O PESCADOR P06

Dados complementares:

Data: 27/07/2008 Número da entrevista:06 Local da entrevista: Praia da Tesoura.

Horário de início da entrevista: 09:39 Horário de término da entrevista: 09:51

Condições ambientais: Vento Sul, sol e temperatura baixa.

Informações complementares: Depois de concluída a entrevista o pesquisador entrevistado reclamou muito das dunas, atribuindo a elas a diminuição da profundidade da Lagoa nos últimos anos. Como o vento era muito forte, era visível o aporte de areia nas água. O pescador se mostrava preocupado com a atual situação e reclamou da Prefeitura Municipal de Laguna não tomar nenhuma providência no sentido de retirar as dunas que margem a Lagoa da Santo Antônio.

PESQUISADORA: Qual a sua idade?

P06: Sessenta e cinco anos.

PESQUISADORA: Mora em que bairro?

P06: Eu moro no Mar Grosso.

PESQUISADORA: Há quanto tempo o senhor pesca?

P06: Faz uns quarenta anos.

PESQUISADORA: O que o senhor pesca?

P06: De tarrafa tainha e corvininha.

PESQUISADORA: Com que frequência?

P06: Quase todo dia estou aí.

PESQUISADORA: Qual é o seu nível de escolaridade?

P06: Até quarto ano primário.

PESQUISADORA: Qual é a profissão do seu pai?

P06: Agricultor.

PESQUISADORA: Qual é a profissão dos seus filhos?

P06: Meus filho,eu tenho três filhos. Um é formado em administração de empresa, trabalha em Florianópolis, tenho outra uma filha que trabalha no BRADESCO em Lages ali formada em administração de empresa e tem uma filha que trabalha em

PESQUISADORA: Número de Dependentes?

P06: Tem eu e minha esposa só. Meus filhos já trabalham.

PESQUISADORA: O senhor nasceu em Laguna?

P06: Sim, nasci em Laguna.

PESQUISADORA: Primeiras palavras que vem a mente quando pensa em Laguna?

P06: Terra boa para aposentado.

PESQUISADORA: Ser humano?

P06: Ser humano... Ser humano é difícil de entender.

PESQUISADORA: Meio ambiente?

P06: Nós graças a Deus nós temos este vento aí que não deixa o ar poluído, mas nossas Lagoas estão.

PESQUISADORA: Lagoa de Santo Antônio?

P06: Lagoa de Santo Antônio... A Lagoa está melhor, mas está muito assoreada. Não tem dragagem, não tem nada, né.

PESQUISADORA: Quais elementos fazem parte do meio ambiente?

P06: Pescaria, peixe, a maré que nos ajuda a recolher as tarrafas e não deixar lixo na beira mar. Como eu poderia responder melhor para você... a conservação aqui ó. Nós temos que conservar para que não aconteça essa poluição, né. O problema da poluição, também é isso... A limpeza do mar. É uma série de coisas.

PESQUISADORA: Qual é a sua relação com a Lagoa?

P06: Minha relação com a Lagoa de Santo Antônio é a pesca, né. Nossa Lagoa é bem rica de pescado, mas já foi melhor.

PESQUISADORA: Que seres vivos dependem direta ou indiretamente da Lagoa?

P06: O camarão, o siri, a tainha, o bagre, a corvina. Tudo isso depende da Lagoa e ainda tem marisco, marisco branco enterrado nessa areia. Se a Lagoa tiver com óleo, poluída, daí não tem marisco.

PESQUISADORA: Você se sente incomodado por algum aspecto relacionado à Lagoa?

P06: É que a nossa Laguna hoje, de Santa Catarina deveria ser hoje o primeiro porto, né, de atracagem, de carga e descarga de navio. Mas infelizmente, quem projetou nossa boca de barra, na época aí, sessenta anos, cem anos inclusive tá mal, né. Então hoje nós temos que o portinho da Lagoa aí, um barco de pesca hoje para entrar aqui com no máximo... com maior tonelagem não entra porque tá tudo assoreado, né. Tá muito assoreado.

PESQUISADORA: Qual é o atual estado de saúde da Lagoa?

P06: Para mim é meio precário.

PESQUISADORA: O que pode ser feito para salvar a Lagoa?

P06: Aí tem muita gente grande aí que tá envolvido com nossa poluição, que é o arroz, que é essa criação de porcos lá para São Martinho, lá em cima que deságua na sombra do Rio e desce pelo Rio Tubarão.

PESQUISADORA: O que pode ser feito para salvar a pesca artesanal?

P06: Melhor fiscalização, mais fiscalização. Exigir uma bitola de malha de rede de tarrafa.

PESQUISADORA: Quais problemas afetam a Lagoa? E quem são os responsáveis por isso?

P06: Problemas... ah. Por exemplos, nós temos as águas de Rio, do Rio Tubarão que é péssima. Do Mar Grosso toda a água, toda a sujeira de fossa dos prédios desce tudo e deságua aqui no porto aqui, isso aí...

PESQUISADORA: Como estes problemas afetam sua vida?

P06: Eu acho que o que afeta é a Lagoa com os peixes, o alimento nosso, né. Que nós tiramos pescados, os pescados aí ficam doente e a gente come, né. O pessoal compra e come, eu acho que é isso aí.

PESQUISADORA: De quem é a responsabilidade de resolver estes problemas?

P06: Nós temos aqui a Ambiental, o IBAMA, a Prefeitura, né. Tudo isso aí envolvido, né. Tudo isso envolve. Não sei como o governo resolve, não sei. Com certeza eu acho que é isso aí.

PESQUISADORA: O que a população pode fazer para ajudar a preservar a Lagoa?

P06: Pois agora, né? Agora tem que ter um responsável por isso para mudar, para acabar com essa poluição, com isso tudo aí, né. E não aparece ninguém e vai ficando assim.

PESQUISADORA: Os moradores de Laguna estão conscientes dos problemas envolvendo a Lagoa?

P06: Sem dúvida. Principalmente as comunidades de pescadores lá de cima lá. Lá do Rio de cima eles estão conscientes, estão cientes do que tá acontecendo.

PESQUISADORA: Para você qual é a importância da variabilidade de organismos vivos ?

P06: Olha é grande. Eu acho que poderia ter maior ainda se existisse uma dragagem desde lá de Cabeçadas, uma dragagem aqui para aprofundar mais o canal teria muito melhor criação, muito melhor... O siri por exemplo você nunca mais pegou aqui na praia. O siri desapareceu. Muitas coisas vai se acabando.

PESQUISADORA: O que você espera do futuro da pesca artesanal?

P06: Vai acabar. No futuro vai se acabando.

PESQUISADORA: E para o futuro da Lagoa de Santo Antônio?

P06: Se não tiver um melhoramento, se não tiver uma dragagem. Se não tiver... vai atulhando, vai assoreando tudo.

PESQUISADORA: Qual é o papel do pescador na preservação da Lagoa?

P06: Olha, isso aí eles tem falado muito em reuniões aí sobre a pastoral da pesca, eles tem feito muitas reuniões aí a este respeito e quase até agora não, para mim não é resolvido nada. Eles têm feito muitas expansões na pesca aí e fazem reunião, aí.

ENTREVISTA COM O PESCADOR P07

Dados complementares:

Data: 27/07/2008 Número da entrevista: 07 Local da entrevista: Praia da Tesoura.

Horário de início da entrevista: 15:03 Horário de término da entrevista: 15:17

Condições ambientais: Vento sul, sol e temperatura baixa.

Informações complementares: Enquanto se realizava a entrevista, o pescador P07 observava as condições da maré e o comportamento dos botos. Após o término da

entrevista ele afirma que a pescaria será bastante fraca naquele dia pois “as condições de vento e de maré não estão boas pra peixe”.

PESQUISADORA: Qual a sua idade?

P07: Eu tenho quarenta e cinco anos.

PESQUISADORA: Em que bairro o senhor mora?

P07: Barra.

PESQUISADORA: Há quanto tempo pesca?

P07: Tem mais que vinte e poucos anos.

PESQUISADORA: O que o senhor pesca?

P07: Peixe.

PESQUISADORA: Com que frequência?

P07: Eu pesco o mês inteiro. Com o pessoal aí eu pesco o ano inteiro.

PESQUISADORA: Qual seu nível de escolaridade?

P07: Segundo grau completo.

PESQUISADORA: Qual é a profissão do seu pai?

P07: Meu pai é pedreiro aposentado, trabalhava na Prefeitura.

PESQUISADORA: Qual é a profissão dos seus filhos?

P07: Meus filhos são pequenos ainda, ninguém trabalha.

PESQUISADORA: São estudantes?

P07: É, são estudantes todos dois.

PESQUISADORA: Número de Dependentes?

P07: Três.

PESQUISADORA: O senhor nasceu em Laguna?

P07: Sim.

PESQUISADORA: Quais são as primeiras palavras que vem a sua mente quando o senhor pensa em Laguna?

P07: Terra de gente boa.

PESQUISADORA: Ser humano?

P07: Mais ou menos.

PESQUISADORA: Meio ambiente?

P07: Meio degradado, né.

PESQUISADORA: Lagoa de Santo Antônio?

P07: Ótima.

PESQUISADORA: Quais elementos fazem parte do meio ambiente?

P07: Toda a natureza, né.

PESQUISADORA: Qual é a sua relação com a Lagoa?

P07: Minha relação é pouca, mais quando pesco.

PESQUISADORA: Que seres vivos dependem direta ou indiretamente da Lagoa?

P07: Olha. Eu acho que trinta por cento da população daqui depende.

PESQUISADORA: E que outros seres vivos?

P07: De animais tem os botos que dependem da Lagoa, tem as aves aí, os pássaros que também dependem da Lagoa com certeza. Tem um monte de infinidades.

PESQUISADORA: Você se sente incomodado por algum aspecto relacionado à Lagoa?

P07: Não entendo muito disso daí, mas tem pessoas que dizem que esse... esgoto que vem de Tubarão aí desemboca aí, né. Acabam com a Lagoa. Antes também o cativeiro que tinha aí, de camarão né, que desemboca uma água meia ruim na Lagoa.

PESQUISADORA: Qual é o atual estado de saúde da Lagoa?

P07: No meu entendimento tá boa agora. Não tem mais cativeiro de camarão, daí tá bem bom.

PESQUISADORA: Para você qual é a importância da variabilidade de organismos vivos ?

P07: No meu ponto de vista é porque tem muita gente que depende aqui da Lagoa para tirar o sustento. E se essa Lagoa aí se acaba isso aí, se acaba tudo. Agora está na época do defeso né. Ninguém vai entrar na água, ninguém vai pescar e acaba a Lagoa. E aqui no Molhes ninguém vai mais pescar. E até os botos vão ter que partir da aqui. No estado só... não... no Brasil o único lugar que tem boto deste tipo desse aí é aqui.

PESQUISADORA: O que você espera do futuro da Lagoa?

P07: Olha. Do futuro que o pescador tenha consciência e que ela possa render mais do que rende aí em matéria de peixe. Pois é, mais do que da Lagoa e que do peixe, quem está se degradando muito é o próprio pescador.

PESQUISADORA: E do futuro da pesca artesanal?

P07: Eu acho que depende muito também da... do que eles estão abrindo aí, a barra também vai melhorar bastante isso. Vai melhor também o turismo de boto. Pra melhorar o futuro da pesca artesanal eu acho que setenta por cento é o pescador que deve ter mais consciência e se limitar a pescar conforme a época, né.

PESQUISADORA: Então o papel do pescador na preservação da Lagoa seria se conscientizar sobre a época em que se deve pescar?

P07: Isso, isso. Com certeza. Assim a Lagoa vai vive bem.

ENTREVISTA COM O PESCADOR P08

Dados complementares:

Data: 29 /07/ 2008 Número da entrevista: 08 Local da entrevista: Praia da Tesoura.

Horário de início da entrevista: 15:42 Horário de término da entrevista: 15: 59

Condições ambientais: Sol, vento nordeste.

Informações complementares: No momento da entrevista, o pescador estava retirando de sua tarrafa quatro tainhas que acabara de pescar. No decorrer da entrevista, algumas pessoas se aproximaram da pesquisadora e do pescador com o intuito de comprar as tainhas recém pescadas. Após o término da entrevista, o pescador comenta que estas foram suas primeiras tainhas do dia e que a pesca está realmente fraca e que muitos daqueles que estão na água pescando realmente não precisam, porque muitas vezes são bancários e comerciantes que já se aposentaram e que tem uma renda suficientemente boa a ponto de não os obrigar a procurar novas formas de aumentar sua renda. O mesmo também afirma que muitos dos que estão ali são pescadores que já se aposentaram, ou pessoas que se aposentaram com um ou dois salários mínimos e que estes realmente precisam e como ele, são prejudicados por aqueles que não precisariam pescar.

PESQUISADORA: Qual a sua idade?

P08: cinqüenta e sete eu vou fazer sexta feira.

PESQUISADORA: Parabéns.

P08: Obrigado.

PESQUISADORA: Em que bairro o senhor mora?

P08: Centro, bairro do Centro.

PESQUISADORA: Há quanto tempo o senhor pesca?

P08: Há não faz uns dois anos. Eu não mora aqui, né. Vim para cá e agora estou a pescar.

PESQUISADORA: O que o senhor pesca?

P08: O que der né, o peixe que pegar. É tainha, é robalo que a gente pega bem.

PESQUISADORA: Com que frequência?

P08: Todo dia quase, todo dia.

PESQUISADORA: Qual é o seu nível de escolaridade?

P08: Terceiro ano só, terceira série.

PESQUISADORA: Qual é a profissão do seu pai?

P08: Meu pai já morreu mas era lavrador.

PESQUISADORA: Qual a profissão dos seus filhos?

P08: Comerciantes. Todos os três que eu tenho são comerciantes.

PESQUISADORA: Número de Dependentes?

P08: Só eu e minha mulher.

PESQUISADORA: Onde o senhor nasceu?

P08: São Ludgero. Braço do Norte, São Ludgero. Moro em Laguna a uns dois anos e pouco.

PESQUISADORA: Quais são as primeiras palavras que vem a mente quando pensa em Laguna?

P08: Ah... Eu penso muito contente que é um lugar bom de morar, lugar muito bom de morar.

PESQUISADORA: Ser humano?

P08: Ih.. (risos) Não sei responder, não. É complicado falar da gente.

PESQUISADORA: Meio ambiente?

P08: Bom. Olha isso tudo aqui, como é que não vai ser bom.

PESQUISADORA: Lagoa de Santo Antônio?

P08: Bom. Boa de peixe.

PESQUISADORA: Quais elementos fazem parte do meio ambiente?

P08: Só cachorrinho e gato.

PESQUISADORA: Qual é a sua relação com a Lagoa?

P08: Vai tudo bem.

PESQUISADORA: Que seres vivos dependem direta ou indiretamente da Lagoa?

P08: Ah... Tem bastante. Tem os botos aí. Tem os botos que a gente aí vê direto, eles vivem disso aí, né. Tem outros bichos que vivem aí que tem, tem foca e esses bichos aí.

PESQUISADORA: Você se sente incomodado por algum aspecto relacionado à Lagoa?

P08: Não. Tá tudo bem.

PESQUISADORA: Qual é o atual estado de saúde da Lagoa?

P08: Bom. Eu acho que está em bom estado. Ela está em bom estado. A Lagoa nossa é limpa.

PESQUISADORA: Para você qual é a importância da variabilidade de organismos vivos?

P08: Pro pessoal viver, né, pro pessoal viver. Muita gente vive do peixe, do siri do camarão. Quanta gente vive disso daí? Muita, né.

PESQUISADORA: O que você espera do futuro da pesca artesanal?

P08: Eu espero que fosse cada vez melhor, não sei se vai continuar assim, né.

PESQUISADORA: O que o senhor espera para o futuro da Lagoa de Santo Antônio?

P08: Que os político também criem vergonha e cuide mais, né. Ajude mais a cuidar da Lagoa.

PESQUISADORA: Qual é o papel do pescador na preservação da Lagoa?

P08: Que o pescador faça o que ele faz. Não suja nada, não estraga nada, cuida, né.

ENTREVISTA COM O PESCADOR P09

Dados complementares:

Data: 30/07/2008 Número da entrevista: 09 Local da entrevista: Praia da Tesoura.

Horário de início da entrevista: 09:18 Horário de término da entrevista: 09:54

Condições ambientais: Sol, vento nordeste.

Informações complementares: O pescador acabara de tomar café quando a entrevista foi realizada. É bastante comum os pescadores trazerem uma caixa de plástico acoplada em sua bicicleta, onde além de transportar os peixes e o equipamento para pesca, geralmente tarrafas, levam alimentos, visto que muitos deles só voltam para casa quando já se inicia o anoitecer. Após o término da entrevista, o pescador P09 comenta que terá que almoçar hoje em casa, porque havia esquecido de encher sua garrafa térmica com café e que era melhor ir no horário do almoço do que depois, pois quanto mais tarde mais complicado ficava de se conseguir um bom lugar para se pescar.

PESQUISADORA: Qual é a sua idade?

P09: Sessenta e quatro anos.

PESQUISADORA: Em que comunidade ou bairro o senhor mora?

P09: Magalhães.

PESQUISADORA: Há quanto tempo o senhor pesca?

P09: Há eu pesco desde os... faz uns trinta e cinco, quarenta anos.

PESQUISADORA: O que o senhor pesca?

P09: Tainha.

PESQUISADORA: Com que frequência?

P09: Agora eu não pesco todo dia porque fica complicado para mim. Antes pescava todo dia, quase toda noite porque já teve um prazo que eu vivi da pescaria. Hoje aí, eu arranjei outro serviço e me aposentei e então agora eu continuo pescando. Agora eu pesco mais de tarrafa, ainda mais que o peixe agora é só mais para mim e pra a família e tal. Mas já

pesquei muito nas boas épocas de pesca aí, na pesca da tainha. Mas daí vivia uma vida muito difícil e aí comecei a trabalhar e me aposentei. Me aposentei por tempo de serviço, então aí me aposentar pelo tempo de serviço e por pescar, tinha carteira, tinha condicional, tudo, que é o meu caso. Mas de vez em quando eu venho pescar, eu venho aqui pescar. De vez em quando eu vinha pescar. Então agora a gente sempre continua, vem dando uma pescada aí, pegando um peixe e tal, sempre ajuda, né. A gente não ganha muito e ajuda na diária. Fora que é um lugar lindo e dói os olhos só se olhar, sem dúvida.

PESQUISADORA: Qual o seu nível de escolaridade?

P09: Até terceiro ano primário só. Na época a gente tinha que trabalhar e ajudar o pai e daí parei.

PESQUISADORA: Qual a profissão do seu pai?

P09: Meu pai era carpinteiro.

PESQUISADORA: Qual a profissão dos seus filhos?

P09: Eu tenho um filho que é consertador. Foi a minha profissão também. Eu me aposentei de serviço de consertador. E outro está trabalhando com carga e descarga.

PESQUISADORA: Número de Dependentes?

P09: Agora eu tenho uma filha que depende de nós. Eu tenho três filhos, mas dois já não depende mais, mas dois dependem. Embora ele é o mais velho, mas depende de nós, é.

PESQUISADORA: Nasceu em Laguna?

P09: Nasci aqui no município da Figueira, ali.

PESQUISADORA: Primeiras palavras que vem a mente quando pensa em Laguna?

P09: É minha terra. Terra boa que eu gosto de mais (risos).

PESQUISADORA: Ser humano?

P09: Eu gosto de me comunicar com ser humano, participar de conversa e assim... uma conversa respeitada, né. É muito bom, muito bom mesmo.

PESQUISADORA: Meio ambiente?

P09: Meio ambiente também é um... é uma coisa boa também, né. Que sobrevive de meio ambiente todo mundo, né (risos).

PESQUISADORA: Lagoa de Santo Antônio?

P09: Lagoa de Santo Antônio é essa nossa aí, né. É uma Lagoa boa mas ela falta alguém para tomar conta, para dar uma reduzida, tirar um pouco de areia que ela esta muito atulhada, muito aterrada e isso aí diminui muito com o peixe, né. O peixe não sobrevive muito com isso. Tá muito baixa e não tem uma dragagem aí para fazer uns valos, umas coisas aí para os peixes respirar melhor. Isso aí trás muita falta de peixe.

PESQUISADORA: Quais elementos fazem parte do meio ambiente?

P09: Olha. O que faz parte do meio ambiente é essas coisas da pescaria, dessa vida e rotina que a gente leva. Boa. Sai para lá, sai para cá, né. Isso tudo aí faz parte do meio ambiente, né. Só tem coisas boas.

PESQUISADORA: Qual é a sua relação com a Lagoa?

P09: Minha relação é boa, é sim. Ela me ajuda na diária. Não só eu, mas também todos os pescador, né. A gente tira algum sustento dali. Tem alguns que vivem direto dali da pesca e para eles já é melhor, tiram o sustento direto dali. Embora ela tá fracassada, mas ainda eles conseguem tirar alguma coisa, mas não é como antes, né. Desde quando eu comecei a pescar era muito mais peixe, tem lugares aí que era muito mais fundo, o peixe se criava melhor. Hoje tá... Muito lugar que a gente conhecia que tinha peixe hoje você vai não encontra nenhum. Por quê? Porque é baixo, tem meio metro de água, menos de meio metro, quer dizer que aí o peixe não pode se criar. Aí não tem quem conserve isso aí, né. Tem que ter uma blitz, um ... não sei, um jeito de preservar porque isso aí. Uma política, um pessoal que entrasse aí pra preservar nossa Lagoa. Nossa Lagoa é uma Lagoa rica em pescado, mas é que ninguém toma conta, né. Pelo contrário, o que acontece ainda é as vezes que

desce muita areia lá de cima quando dá muita chuva, essas coisas, aí que vai aterrando mais ainda, mas é uma Lagoa boa.

PESQUISADORA: Que seres vivos dependem direta ou indiretamente da Lagoa?

P09: Isso aí é o bagre, é o siri, é a tainha, o camarão e os peixes que se criam aí dentro, né. A corvina, o linguado, o borriquete. E os peixes que as vezes eles entram na criação, eles entram pequenininho com a maré de enchente, entram os filhotizinhos e lá dentro eles se criam, né.

PESQUISADORA: Você se sente incomodado por algum aspecto relacionado à Lagoa?

P09: Não. A única nossa incomodação é essa, é a nossa preocupação, né. A incomodação é a nossa preocupação. Então não tem. Ela não é bem vista, ela não é tomada conta. Entendeu? Não tem uma assim... uma qualidade de vida que tenha poder, que viesse e tivesse... como eu já falei fazer uma limpeza, tirar um pouco de areia de certos lugar que tá baixo. Esse é a única coisa que temos estranhando, mais nada. Mas contra a Lagoa não. A Lagoa é própria e ajuda nós, né.

PESQUISADORA: Qual é o atual estado de saúde da Lagoa?

P09: Tu vê essa nossa água aí, tem época que não, mas tem época no verão ela é muito poluída, no verão. No verão ela desce muita... eles soltam não sei que água lá. Dizem que é água de arroz, de carvão, de não sei o que. Que ela esgota aqui. E tem época aí que ela mata até peixe. Nós encontramos muito peixe morto aqui. No verão é que dá muito isso, porque no verão é que eles... é que aquela chuva forte lá para cima e não tem outra saída, a saída é aqui e aí prejudica muito nós. Vem muita sujeira, muita lama por aqui ó.

PESQUISADORA: E é possível salvar a Lagoa?

P09: É possível, é só ter interesse, sim. É possível sim e como é. E se tiver interesse aí ela volta ao normal, o que era antes.

PESQUISADORA: E é possível salvar a pesca artesanal?

P09: Isso é sim. Tem que ter muito interesse e vontade pra voltar a como era antes. Tem que pensar que pra salvar a pesca tem que salvar também as coisas da pesca. Tem que salvar o peixe, o camarão, essas coisas, né. Tem que salvar tudo isso também.

PESQUISADORA: Quais problemas afetam a Lagoa?

P09: Que afeta a Lagoa... Então, aí a única coisa que nós achamos aqui que afeta é só essa impureza, como eu lhe falei, que vem lá de cima. Vem muita madeira, muito mato no verão, na época. É só isso, por que quanto mais... Hoje a água tá que é uma beleza por quê? Porque a maré enche aqui. Quando ela enche vem água do Mar Grosso para dentro, entendeu? E aí essa água aí purifica já um pouco nossa água de dentro aqui.

PESQUISADORA: Como estes problemas afetam sua vida?

P09: Aí eu, por exemplo, já não tô mais quase dependendo da Lagoa, então para mim ela quase não afeta. Mas afeta os pescadores, né. Os pescadores já são incomodados com isso, coitados. Não tem para onde eles correr, né. Mas quanto a mim não, Graças a Deus eu vou levando. E de primeiro, se eu pegasse eu comia, se eu não pegasse já passava mais atrapalhado. Então hoje não. Se eu não pegar eu como, se pegar eu como. Se não pegar também graças a Deus eu como, eu e minha família. Entendeu? Não é fácil não. Eu já vivi muito da pescaria. É difícil. É uma vida difícil e trabalhosa. Por exemplo, eu essa noite vinha pescar aqui, mas não vim porque tinha muito vento. Na época eu tinha que vim, aí eu vinha e enfrentava. Enfrentava, entendesse? Enfrentava. Embora a gente tem prática, muita prática do mar, mas não é fácil. É perigoso esta pescaria no Sol, de tarrafa e tal. Hoje, quer dizer eu já posso ter um sossego, compreendesse? Então eu venho mais numa boa. Mas assim mesmo eu venho, com muito vento as vezes vem peixe. Quando o vento tá bom para matar o peixe eu venho, mas não é tanto quanto antigamente quando a gente precisava mais, né. Para vim aqui então tá mais devagar.

PESQUISADORA: Durante a noite tem muitos pescadores aqui no Molhes pescando?

P09: Nesse tempo quase não, é um, dois só e quando tem. Eles enfrentam muito a noite aqui... aqui neste setorzinho aqui é no mês de abril, maio e junho, é.

PESQUISADORA: Na época da pesca da tainha?

P09: É isso, na pesca da tainha. Agora o peixe é muito pouco e então eles de noite não vem, porque quando dá algum peixe é mais de dia, né.

PESQUISADORA: De quem é a responsabilidade de resolver estes problemas?

P09: Isso aí, eu na minha idéia, isso aí é a direção do prefeito, né. Ele é que deve tomar a direção para falar com o governador do estado, né, ele é que é a autoridade aqui do lugar né. Para mim é isso aí. É apresentar para ele essa causa aqui que está difícil, né. Aí eles podiam arrumar uma dragagem, alguma coisa. É, isso é difícil né, tem que falar com muita gente. Mas eu acho que o cabeça disso daí deveria ser o prefeito, né. Deveria partir dele a primeira palavra né, para depois continuar o assunto pra frente, né. E se chegar a um fim, ele dá um jeito de... Que tem lugar aí... tem lugar aí que nos tarrafeava era fundo e hoje você em dia de maré baixa aí você vai de sapato a bem dizer, a diferença né. Então ali, a onde criava-se o peixe ali, o peixe não vem mais. Isso aí faz falta. Vai... o peixe vai se afastando da Lagoa, né. Tem tudo isso aí.

PESQUISADORA: Os moradores de Laguna estão conscientes dos problemas envolvendo a Lagoa?

P09: Sabe, sabe, todo mundo sabe. A própria capitania sabe, o prefeito sabe, tudo quanto é autoridade da Laguna sabe. Bem conhecida essa parte ruim aí, é bem conhecida pelas autoridades.

PESQUISADORA: O que a população pode fazer para ajudar a preservar a Lagoa?

P09: O que eles poderiam fazer é... por exemplo no caso um abaixo assinado direcionado ao prefeito. Uma vez já fizeram um abaixo assinado, o pessoal da Barra, pra eles irem lá do lado de lá mexer com a Balsa. Ali antigamente, eu conhecia muito, era um valo muito

fundo e o peixe transitava. E tu vê, esse valo com o tempo fechou. O pessoal da Passagem da Barra lá, já fizeram um abaixo assinado e mandaram para o prefeito na época, não me lembro qual foi o prefeito na época, não sei se foi o Joãozinho, não sei se foi qual foi, para dragar, dá um jeito, arrumar uma draga para dragar até lá Pedra Branca, abrir este valo novamente que daí depois a água se encarregava do resto. Só que isso aí não foi atendido, não foi feito isso aí.

PESQUISADORA: Para você qual é a importância da variabilidade de organismos vivos ?

P09: Importante por que aqui na Lagoa evita algumas artes aqui no canal que é proibida, né. Mas tem algumas coisas que os pescadores não obedecem, né. Isso aí já depende do pescador, né. Os pescadores que são ruim, eles não obedecem as leis. Então aí, há vários peixes não param no canal por causa disso, que é o bagre, entendesse? É o bagre, que é um peixe muito arisco que as vezes colocam redes e aí o bagre sai, vai embora. E aí as vezes vem outro peixe perigoso e a rede estoura. E isso é complicado para o pescador também, porque daí perde o peixe. Daí fica os dois lados ruim né (risos). Fica ruim pro fiscal e fica ruim pro pescador. Ele mesmo se estraga se praticar essas artes proibidas. O fiscal também se estraga, né. Ele tem que tomar conta de tudo, esse setor é muito grande, né. E aí isso é que dá. Porque quando um fiscal tá aqui, o outro tá colocando arte proibida lá na frente. Enquanto o fiscal tá lá ele tá aqui, quer dizer que não tem como. Mas as vezes o fiscal pega. Tem pegado muita gente, tem dado duro... tem dado duro aqui no canal. Entende? A Lagoa é grande também, eles tem que correr muito. Daí acontece isso. O próprio pescador as vezes é culpado de... da extinção de alguns peixes inclusive. Que ele pega na época da arte proibida e também eu vejo aí, toda vida, desde a vida... desde o tempo que eu só pescava, o pescador pega o peixe pequeno que as vezes não tem comércio, não dá para aproveitar, mas não tem como. Ele pega aquele peixe e aquele peixe depois vai fazer falta, né. E quando pega esse peixe pequeno, pega em bastante quantidade, porque ele vem em

mais quantidade e aí é isso aí que atrapalha, né. Eles não tem... não tem noção de que esse peixe vai faltar mais tarde, né. Porque muitas das artes eram tudo de boa malha, daí traz só peixe bom, né. E nós temos muitos pescador aí e outros que consideramos esse lado. Então, nossas tarrafas é tudo malha boa, malha seis, sete. Essa aqui que é a malha mais miúda que eu tenho, ó. É a malha cinco e meio, é a mais miudera que eu tenho. Então essa minha tarrafa aqui é a mais miudera que eu tenho, é melhor, mas mesmo assim eu não gosto. O certo era uma malha tudo maior, porque também seleciona o peixe. Só que não é isso que tá acontecendo. Então muito peixe no canal, na Lagoa fica em extinção por causa disso, muita coisa fica a desejar, né. Pegam o peixe no tamanho errado, que é não é para pegar né. Isso aí é ruim e é o que tá acontecendo também com esses peixe todos aí.

PESQUISADORA: O que você espera do futuro da Lagoa?

P09: Pro futuro é o seguinte... É o que eu já falei, né. Se eles não tomarem uma providência, o futuro vai ser cada vez pior. Vai chegar época aí que o peixe aí não vai conseguir. O peixe desse mais difícil como o borriquete, o linguado. O linguado você não vê mais aí. De primeiro você via linguado pela beirada desse fundo todo aí, você pegava de tarrafa. Hoje nunca mais vi um linguado nesse fundo aí. Entendeu? Essa é a intenção se não tomar providência, cada ano vai ficando pior. Olha, esse ano... esse ano e ano passado de tainha, foi um ano fracasso de tainha pra nós. Não deu nem pra nós, nem pro pescador ali da baleira ali de fora, nenhum. Não quiseram nem pescar .

PESQUISADORA: O que você espera do futuro da pesca artesanal?

P09: Pro futuro da pesca artesanal é que o pescador vai passar mais atrapalhado, né. A intenção é passar mais atrapalhado. É como eu já falei, vai ter cada vez menos e o pescador coitado vai sofrer.

PESQUISADORA: Qual é o papel do pescador na preservação da Lagoa?

P09: O melhor papel do pescador é... Uma parte é dele, né. Ele não tem consideração de peixe, do tamanho do peixe, como eu já falei. Maior parte é deles... Uma parte é dele e a outra parte é ele ter conhecimento daqui, é tomar conta da Lagoa. É com as autoridades, que vejam essa situação aí. Tem que arrumar a barra do Camacho, arrumar a situação dos peixe, hoje o peixe já não pode mais porque quase não tem água. Esse é o futuro que nós temos vendo pela frente. É triste isso.

ENTREVISTA COM O PESCADOR P10

Dados complementares:

Data: 30 /07/ 2008 Número da entrevista: 10 Local da entrevista: Praia da Tesoura.

Horário de início da entrevista: 10:29 Horário de término da entrevista: 10:47

Condições ambientais: Sol, vento nordeste.

Informações complementares: Após o término da entrevista, ele continuou falando dos pinheiros que os pescadores haviam plantado nas dunas e que segundo o pescador P10, tiveram importância porque “deixaram a Lagoa mais bonita de se ver”.

PESQUISADORA: Qual a sua idade?

P10: cinquenta e oito anos.

PESQUISADORA: Em que bairro o senhor mora?

P10: Mar Grosso.

PESQUISADORA: Há quanto tempo o senhor pesca?

P10: Faz uns trinta anos.

PESQUISADORA: O que o senhor pesca?

P10: Quando eu era mais novo eu pescava lá fora, agora já não pesco mais. Agora eu pesco virote e tainha.

PESQUISADORA: Com que frequência?

P10: Diariamente. É uma ocupação que o cara tem.

PESQUISADORA: Qual é seu nível de escolaridade?

P10: Eu tenho até o quarto primário.

PESQUISADORA: Qual é a profissão do seu pai?

P10: Meu pai era do exército mas se aposentou com vinte e quatro anos. Mas ele trabalhou muito tempo como marceneiro.

PESQUISADORA: Qual a profissão dos seus filhos?

P10: São estudantes, só um que trabalha em uma embarcação.

PESQUISADORA: Número de Dependentes?

P10: Quatro.

PESQUISADORA: O senhor nasceu em Laguna?

P10: Sim, nasci aqui.

PESQUISADORA: Quais são as primeiras palavras que vem a mente quando pensa em Laguna?

P10: Uma cidade maravilhosa.

PESQUISADORA: Ser humano?

P10: Tem muito ser humano bom, mas também tem outros ruins. Isso é normal. Todo que é lugar que tem.

PESQUISADORA: Meio ambiente?

P10: Olha isso... ótima.

PESQUISADORA: Lagoa de Santo Antônio?

P10: Ótima.

PESQUISADORA: Quais elementos fazem parte do meio ambiente?

P10: O boto que a gente pesca, né. O boto que a gente tá acostumado a pescar aí e o camarão que eles pescam lá em cima.

PESQUISADORA: Qual é a sua relação com a Lagoa?

P10: Pouca, só na pesca.

PESQUISADORA: Que seres vivos dependem direta ou indiretamente da Lagoa?

P10: Acho que todos, né. Todos os que vivem aqui dependem dela.

PESQUISADORA: Você se sente incomodado por algum aspecto relacionado à Lagoa?

P10: Não, não tenho nada contra não. Só gosto de pescar só aqui.

PESQUISADORA: Qual é o atual estado de saúde da Lagoa?

P10: Depende do tipo de água né. Tem umas águas que vem do Rio Tubarão que incomodam, né. Incomodam lá, incomodam aqui. Tubarão, Braço do Norte, lá pra Lauro Muller. Não tem onde desembocar e desemboca aqui.

PESQUISADORA: E o que vem nesta água?

P10: Só sujeira.

PESQUISADORA: Que tipo de sujeira?

P10: Sujeira de tudo quanto é tipo. Gado morto, é tudo assim o que vem de lá para cá. É obrigado a desembocar aqui, não tem jeito. E daí acaba trazendo poluição.

PESQUISADORA: E é possível salvar a Lagoa?

P10: Alguma coisa pode ser feita, que é desviar o Rio.

PESQUISADORA: É possível salvar a pesca artesanal?

P10: Tem que desviar o Rio primeiro, né. Daí melhora.

PESQUISADORA: Quais problemas afetam a Lagoa?

P10: É mais a poluição que vem lá de cima e que o Rio Tubarão trás.

PESQUISADORA: Estes problemas com a Lagoa afetam a sua vida?

P10: Não. Afetar a minha vida eles não afetam porque se aqui não dá já tenho minha aposentadoria.

PESQUISADORA: De quem é a responsabilidade de resolver estes problemas?

P10: Do prefeito. Do prefeito e da capitania, do meio ambiente, que é a Ambiental, né.

PESQUISADORA: O que a população pode fazer para ajudar a preservar a Lagoa?

P10: Não, porque que não o que ser feito por eles.

PESQUISADORA: Os moradores de Laguna estão conscientes dos problemas envolvendo a Lagoa?

P10: Sabem, sabem. Eles sabem que a dragagem falta aí, um monte de coisas que coisa falta aí. Eles fazem muita imagem disso aí.

PESQUISADORA: Para você qual é a importância da variabilidade de organismos vivos ?

P10: Ah... Para a Lagoa fica uma Lagoa bonita. Olha só... esses pinheiros foi tudo nós que plantamos. Plantamos tudo isso aí.

PESQUISADORA: O que o senhor espera do futuro da Lagoa?

P10: Se abrir a Barra aí vai ficar melhor, né.

PESQUISADORA: O que o senhor espera do futuro da pesca artesanal?

P10: Melhorar tudo, né.

PESQUISADORA: Qual é o papel do pescador na preservação da Lagoa?

P10: Eu acho que cada um deveria pegar e tentar manter ela melhor, né.

ENTREVISTA COM O PESCADOR P11

Dados complementares:

Data: 15 /08 /2008 Número da entrevista: 11 Local da entrevista: Praia da Tesoura.

Horário de início da entrevista: 09:42

Horário de término da entrevista:

10:02

Condições ambientais: Sol e vento nordeste.

Informações complementares: Após o término da entrevista, o pescador arrumou suas coisas e voltou para o mar, permaneceu por lá aproximadamente vinte minutos e saiu com a tarrafa cheia de tainhas. Naquela manhã haviam nove pescadores no Praia da Tesoura e apenas ele conseguiu pescar mais do que três peixes.

PESQUISADORA: Qual a sua idade?

P11: Sessenta e quatro anos.

PESQUISADORA: Em que bairro o senhor mora?

P11: Na Ponta da Barra.

PESQUISADORA: Há quanto tempo pesca:

P11: Quarenta e cinco anos .

PESQUISADORA: O que o senhor pesca?

P11: Tainha.

PESQUISADORA: Com que frequência?

P11: Duas vezes por semana.

PESQUISADORA: Qual é seu nível de escolaridade?

P11: Até terceira série.

PESQUISADORA: Qual era a profissão do seu pai?

P11: Mineiro

PESQUISADORA: E qual a profissão dos seus filhos?

P11: Aí vareia. Tem um que é comerciante, outro estuda ainda...

PESQUISADORA: Algum é pescador?

P11: Meus filhos não, só eu.

PESQUISADORA: Número de Dependentes?

P11: É três.

PESQUISADORA: O senhor nasceu em Laguna?

P11: Não. Nasci em Imaruí.

PESQUISADORA: E a quanto tempo mora na Laguna?

P11: Há uns cinqüenta anos, por aí.

PESQUISADORA: Primeiras palavras que vem a mente quando pensa em Laguna?

P11: Laguna para mim é uma terra boa.

PESQUISADORA: E quando pensa em ser humano?

P11: É... Não deixa a desejar também. São legais.

PESQUISADORA: E meio ambiente?

P11: Bem bom.

PESQUISADORA: E Lagoa de Santo Antônio?

P11: Melhor ainda... que eu vivo dela, né.

PESQUISADORA: Quais elementos fazem parte do meio ambiente?

P11: É as coisas da pescaria. Tarrafa, peixe.

PESQUISADORA: Qual é a sua relação com a Lagoa?

P11: É boa. É que aqui tem a pesca, né. Tem camarão, tem tainha, tem muitos turistas que chegam aí no verão, né.

PESQUISADORA: Que seres vivos dependem da Lagoa?

P11: Só o boto.

PESQUISADORA: Você se sente incomodado por algum aspecto relacionado à Lagoa?

P11: Só a poluição, que soltam muita água de Tubarão para cá, sujeira

PESQUISADORA: Então qual é o atual estado de saúde da Lagoa?

P11: É ruim. A Ambiental tem que tomar algumas providências aí, né. Só assim dá para salvar a Lagoa e a nossa pescaria.

PESQUISADORA: Quais problemas afetam a Lagoa?

P11: Mais é a poluição. É os negócios das plantações de arroz que eles plantam pra lá. Eles jogam o veneno no arroz e quando chove isso vem pra Lagoa de Santo Antônio.

PESQUISADORA: Como a poluição afeta sua vida?

P11: Ela não afeta eu, né. Afeta mais os peixes e os peixes me afeta.

PESQUISADORA: De quem é a responsabilidade de resolver estes problemas?

P11: Da Polícia Ambiental.

PESQUISADORA: O que a população pode fazer para ajudar a preservar a Lagoa?

P11: Tem que andar em cima desse pessoal grande que tem a força, né. Tem que andar cima dos ambientais, dos plantadores de arroz.

PESQUISADORA: Os moradores de Laguna estão conscientes dos problemas envolvendo a Lagoa?

P11: Acho eu que tão. Os que não vevem tão, mas os que vevem é que tão sendo prejudicados.

PESQUISADORA: Para você qual é a importância da variabilidade de organismos vivos?

P11: Porque variabilidade é bom.

PESQUISADORA: É bom por quê?

P11: Porque daí a gente sobrevive sobre essas coisas que tem aí. É peixe, siri, camarão. E o boto tá aí só pra ajudar nós, né.

PESQUISADORA: O que você espera do futuro da pesca artesanal?

P11: Olha, não sei não. Mais pra frente se continuar assim... vai acabar a pesca rapidinho.

PESQUISADORA: O que você espera do futuro da Lagoa?

P11: Vai melhorar mais. Agora a Ambiental tá em cima do pessoal aí, porque se largar por mão... não sei não.

PESQUISADORA: Qual é o papel do pescador na preservação da Lagoa?

P11: O papel do pescador é fazer isso que ele faz, porque ele não prejudica nada. O pescador artesanal não sai daqui da beirola. Ele é pescador de barranco. Os barcos que saem daqui para fora, eles que matam, eles que matam as criação, né.

ENTREVISTA COM O PESCADOR P12

Dados complementares:

Data: 15/08/2008 Número da entrevista: 12 Local da entrevista: Residência do pescador.

Horário de início da entrevista: 14:09 Horário de término da entrevista: 14:23

Condições ambientais: Sol e vento nordeste.

Informações complementares: A residência do pescador localiza muito próxima a Lagoa de Santo Antônio. Durante o decorrer da entrevista, suas duas filhas permaneceram observando a entrevista. Uma parecia bastante curiosa pelo fato de a pesquisadora estar na universidade e fez após o término da entrevista uma série de perguntas sobre como é estar fazendo faculdade. Ao longo da conversa deu para notar que a moça parece vislumbrar a universidade bem distante da realidade dela e chegou a afirmar que gostaria muito de fazer uma faculdade, mas sabia que isso dificilmente iria acontecer.

PESQUISADORA: Qual a sua idade?

P12: Quarenta e três anos.

PESQUISADORA: Comunidade ou Bairro que o senhor mora?

P12: Bairro Magalhães.

PESQUISADORA: Há quanto tempo o senhor pesca?

P12: Faz vinte e quatro anos.

PESQUISADORA: O que o senhor pesca?

P12: Tainha, cardosa, anchova, bagre, camarão.

PESQUISADORA: Com que frequência o senhor pesca?

P12: Diariamente.

PESQUISADORA: Qual é seu nível de escolaridade?

P12: Até primeiro ano do segundo grau.

PESQUISADORA: Qual a profissão do seu pai?

P12: Era do sindicato. Trabalhador do sindicato.

PESQUISADORA: Qual a profissão dos filhos?

P12: Estudantes.

PESQUISADORA: Número de Dependentes?

P12: Quatro.

PESQUISADORA: Nasceu em Laguna?

P12: Sim.

PESQUISADORA: Primeiras palavras que vem a mente quando pensa em Laguna?

P12: Uma história.

PESQUISADORA: Ser humano?

P12: Uma Vida.

PESQUISADORA: Meio ambiente?

P12: Meio acabado.

PESQUISADORA: Lagoa de Santo Antônio

P12: Meio assoreada.

PESQUISADORA: Quais elementos fazem parte do meio ambiente?

P12: Os botos. Mais é os botos.

PESQUISADORA: Qual é a sua relação com a Lagoa?

P12: Já teve melhor.

PESQUISADORA: Por quê?

P12: Porque hoje tá muito assoreada e muito poluída.

PESQUISADORA: Que seres vivos dependem da Lagoa?

P12: Mais é os botos, né.

PESQUISADORA: Você se sente incomodado por algum aspecto relacionado à Lagoa?

Qual? Por quê?

P12: Mais são quem trabalha, né. Que daí vai disputar o pescado com os pescador. Que tem os assalariados, né.

PESQUISADORA: Qual é o atual estado de saúde da Lagoa?

P12: Ah! É precário.

PESQUISADORA: Por quê?

P12: Porque as redes de esgoto são jogadas todinhas nela. Ninguém faz nada com as redes de esgoto.

PESQUISADORA: E ainda é possível salvar a Lagoa?

P12: É. Primeiro tem que fazer uma dragagem, né.

PESQUISADORA: E ainda é possível salvar a pesca artesanal?

P12: É.

PESQUISADORA: Como?

P12: Fazendo leis, né. Primeiro desassoreando ela, depois arrumando as redes de esgoto, né.

PESQUISADORA: Quais problemas afetam a Lagoa?

P12: A poluição.

PESQUISADORA: Quais são os fatores responsáveis pela poluição?

P12: O homem.

PESQUISADORA: Como estes problemas afetam sua vida?

P12: Que cada vez tem menos peixe para a gente pegar, menos camarão.

PESQUISADORA: De quem é a responsabilidade de resolver estes problemas?

P12: Dos governantes né. Do prefeito, FATMA, meio ambiente,

PESQUISADORA: O que a população pode fazer para ajudar a preservar a Lagoa?

P12: Não colocar lixo n'água, porque tem alguém que ainda joga lixo n'água.

PESQUISADORA: Os moradores de Laguna estão conscientes dos problemas envolvendo a Lagoa?

P12: Estão. Alguns tão, alguns nem ligam.

PESQUISADORA: Para você qual é a importância da variabilidade de seres vivos ?

P12: Para nós é importante porque é nosso meio de vida, né. Tem que ter bastante peixe. Se a água for boa e a Lagoa for funda quer dizer que cada vez tem mais pescado pra gente pescar porque a gente sobrevive disso.

PESQUISADORA: E a variabilidade de seres vivos tem outra importância?

P12: Pros botos, né.

PESQUISADORA: O que você espera do futuro da Lagoa?

P12: Espero que apareça alguém que despolua ela, que desassoreie ela.

PESQUISADORA: O que você espera do futuro da pesca artesanal?

P12: Se não tiver alguém que arrume cada vez vai ficar mais ruim.

PESQUISADORA: Qual é o papel do pescador na preservação da Lagoa?

P12: É não deixar gente... Quem joga lixo na água pedir para não jogar lixo na água, como tem aqui ainda. Pedir para não jogar, né. A gente pede, mas tem uns que até não jogam mais, mas tem alguns que ainda jogam.

ENTREVISTA COM PESCADOR P13

Dados complementares:

Data: 16 /08/2008 Número da entrevista:13 Local da entrevista: Residência do pescador.

Horário de início da entrevista: 09:42 Horário de término da entrevista: 09: 54

Condições ambientais: Sol e vento sul.

Informações complementares: Durante a entrevista, a esposa do pescador P13 permaneceu na sala, observando o que seu marido falava. Após o término da entrevista ela comentou sobre a quantidade de moradores que “colocam seus lixos na água porque não sabem que isso faz mal ao meio ambiente”.

PESQUISADORA: Qual é a sua idade?

P13: Trinta e Cinco.

PESQUISADORA: Em que bairro o senhor mora?

P13: Vila Vitória.

PESQUISADORA: Há quanto tempo o senhor pesca?

P13: Já faz uns dez anos mais ou menos

PESQUISADORA: O que o senhor pesca?

P13: Qualquer coisa né. É peixe, camarão.

PESQUISADORA: Com que frequência?

P13: Todo dia.

PESQUISADORA: Qual o seu nível de escolaridade?

P13: Estudei até a sexta.

PESQUISADORA: Qual a profissão do seu pai?

P13: Pescador.

PESQUISADORA: E a profissão dos seus Filhos?

P13: Estudantes.

PESQUISADORA: Número de Dependentes?

P13: Quatro.

PESQUISADORA: O senhor nasceu em Laguna?

P13: Nasci.

PESQUISADORA: Quais as primeiras palavras que vem a mente quando o senhor pensa em Laguna?

P13: Cidade boa.

PESQUISADORA: Ser humano?

P13: Eu penso na poluição, nessas coisas aí, que ele tá acabando com toda a Lagoa aí.

PESQUISADORA: Meio ambiente?

P13: Lagoa.

PESQUISADORA: Lagoa de Santo Antônio?

P13: Uma graça que a gente tem.

PESQUISADORA: Quais elementos fazem parte do meio ambiente?

P13: Lagoa, o boto, essas coisas aí da pesca.

PESQUISADORA: Qual é a sua relação com a Lagoa?

P13: É boa. Para mim é a melhor, né.

PESQUISADORA: Que seres vivos dependem direta ou indiretamente da Lagoa?

P13: Siri, peixe, tem isso tudo. Mas é água salgada daí não tem bichinho não (risos).

PESQUISADORA: Você se sente incomodado por algum aspecto relacionado à Lagoa?

P13: Não. É só porque tá cada ano se enfraquece mais, as pescarias.

PESQUISADORA: Qual é o atual estado de saúde da Lagoa?

P13: Tá ruim.

PESQUISADORA: Por quê?

P13: Porque Tubarão, que ele joga assim... Vem tudo lá de cima do Tubarão, do Rio Tubarão, a poluição.

PESQUISADORA: E é possível salvar a pesca artesanal?

P13: Não é fácil. Não é fácil salvar a Lagoa nem a pescaria.

PESQUISADORA: E o que pode ser feito para salvar a Lagoa e a pesca artesanal?

P13: Eles tomarem conta, eles tomarem alguma providência pra... porque vem tudo lá de cima, vem tudo de Tubarão do Rio. Vem de lá pra cá pra nós.

PESQUISADORA: Quais problemas afetam a Lagoa?

P13: É a arte que é proibida, essas coisas que prejudica.

PESQUISADORA: Como estes problemas afetam sua vida?

P13: Dificulta né. A gente vive dela.

PESQUISADORA: De quem é a responsabilidade de resolver estes problemas?

P13: Isso aí eu acho que é do IBAMA, da Ambiental, né.

PESQUISADORA: O que a população pode fazer?

P13: A população não pode fazer nada, né. Quem manda é eles, os homem.

PESQUISADORA: Os moradores de Laguna estão conscientes dos problemas envolvendo a Lagoa?

P13: Tão.

PESQUISADORA: Para você qual é a importância da variabilidade de organismos vivos ?

P13: Na Lagoa é porque eu vivo dela, né.

PESQUISADORA: E em outros ambientes, como no Morro da Glória?

P13: Daí não sei não como te responder isso (risos).

PESQUISADORA: O que você espera do futuro da Lagoa?

P13: Se continuar assim não é muito bom não. Tá feio.

PESQUISADORA: E para o futuro da pesca artesanal?

P13: Tá feio também. A coisa não é boa não.

PESQUISADORA: Qual é o papel do pescador na preservação da Lagoa?

P13: Pois agora? Preservar, tomar conta, porque senão a coisa se acaba.

ENTREVISTA COM O PESCADOR P14

Dados complementares:

Data: 16/08/2008 Número da entrevista: 14 Local da entrevista: Bairro Magalhães

Horário de início da entrevista: 10:28 Horário de término da entrevista: 10:40

Condições ambientais: Sol e vento sul.

Informações complementares: Após o término da entrevista, o pescador P14 pergunta se a pesquisadora não quer saber informações sobre os nomes dos botos. A mesma fala que não é necessário, pois outros pescadores já deram tais informações e o pescador afirma que ele ama “esses bichos”.

PESQUISADORA: Qual é a sua idade?

P14: Trinta e quatro anos.

PESQUISADORA: Em que bairro o senhor mora?

P14: Barra.

PESQUISADORA: Há quanto tempo o senhor pesca?

P14: Eu pesco já faz uns quinze anos

PESQUISADORA: O que o senhor pesca?

P14: Peixe, camarão e siri.

PESQUISADORA: Com que frequência?

P14: De segunda a sexta.

PESQUISADORA: Qual o seu nível de escolaridade?

P14: Estudei até a quinta série.

PESQUISADORA: Qual a profissão do seu pai?

P14: Pescador.

PESQUISADORA: E a profissão dos seus Filhos?

P14: Meus filhos ainda estudam.

PESQUISADORA: Número de Dependentes?

P14: Seis.

PESQUISADORA: Nasceu em Laguna?

P14: Sim, Laguna.

PESQUISADORA: Primeiras palavras que vem a mente quando pensa em Laguna?

P14: Penso em pescar nos botos, que é a coisa que eu mais gosto.

PESQUISADORA: Ser humano?

P14: Minha família.

PESQUISADORA: Meio ambiente?

P14: Os botos.

PESQUISADORA: Lagoa de Santo Antônio?

P14: Lagoa é... Lagoa pra nós é coisa muito bonita, porque nós dependemos dela.

PESQUISADORA: Quais elementos fazem parte do meio ambiente?

P14: Os botos.

PESQUISADORA: Qual é a sua relação com a Lagoa?

P14: Minha relação com a Lagoa é que nós gostamos muito da Lagoa, né.

PESQUISADORA: Que seres vivos dependem da Lagoa?

P14: Os botos.

PESQUISADORA: Você se sente incomodado por algum aspecto relacionado à Lagoa?

P14: Na Lagoa só muitos... alguns lixos que colocam na Lagoa, sacos plásticos.

PESQUISADORA: Qual é o atual estado de saúde da Lagoa?

P14: Tá médio, né. Muita poluição, né.

PESQUISADORA: E ainda é possível salvar a Lagoa?

P14: É possível, ainda dá para salvar a Lagoa.

PESQUISADORA: Como?

P14: Menos... poluir menos, né.

PESQUISADORA: E é possível salvar a pesca artesanal?

P14: É. É possível. Só eles cuidar mais da arte de pesca que é proibida. E eles não tão conseguindo manter a Lagoa por isso. Tem muita arte de pesca que chega a matar o camarão. Nós queremos mais é que o IBAMA cuide mais da Lagoa, a Ambiental.

PESQUISADORA: Quais problemas afetam a Lagoa?

P14: É essas coisas do arroz, das granjas de arroz que vem lá de cima aí do... do Rio Tubarão e é poluição pra nós.

PESQUISADORA: E quem é o responsável por isso?

P14: Os plantadores.

PESQUISADORA: E como estes problemas afetam sua vida?

P14: Chega essas poluição... chegam a fazer umas feridas nos botos. Chegam a matar alguns botos, que já morreram por essa poluição. Isso pra nós é ruim.

PESQUISADORA: De quem é a responsabilidade de resolver este problema da poluição?

P14: Aí é da lei, é do IBAMA que tem que dá mais em cima. A Ambiental tem que cuidar mais da arte que é proibida.

PESQUISADORA: O que a população pode fazer para ajudar a preservar a Lagoa?

P14: É boa gente que... Os pescadores é pouco que... eles nem pensam nisso. Eles querem mais é pescar. Eles não tão pensando no modo que tá acontecendo.

PESQUISADORA: E quem não é pescador o que pode fazer?

P14: Eles tem que cuidar mais da Lagoa.

PESQUISADORA: Cuidar como?

P14: Não jogando lixo.

PESQUISADORA: Os moradores de Laguna estão conscientes dos problemas envolvendo a Lagoa?

P14: Tão, tão conscientes sim.

PESQUISADORA: Para o senhor qual é a importância da variabilidade de organismos vivos?

P14: Pra nós é importante é ter bastante, né. Que tendo bastante tipo de seres vivos, eles cresce mais para nós pegar.

PESQUISADORA: O que você espera do futuro da Lagoa?

P14: Pelo que tá acontecendo aí, ficar cada vez pior.

PESQUISADORA: E para o futuro da pesca artesanal?

P14: Cada vez menos, né.

PESQUISADORA: Qual é o papel do pescador na preservação da Lagoa?

P14: Ele tem que estar legalizado na colônia de pesca e pescar.

ENTREVISTA COM O PESCADOR P15

Dados complementares:

Data: 16/08/2008 Número da entrevista:15 Local da entrevista: Bairro

Magalhães

Horário de início da entrevista: 18:32 Horário de término da entrevista: 18:41

Condições ambientais: Vento forte.

Informações complementares: Após a entrevista ter terminado, o pescador fala que tem muitos “*passaros*” em sua casa e que é “muito lindo de se ver eles cantando de manhãzinha”.

PESQUISADORA: Qual é a sua idade?

P15: cinqüenta e três anos.

PESQUISADORA: Em que bairro o senhor mora?

P15: Eu moro no Morro da Glória.

PESQUISADORA: Há quanto tempo o senhor pesca?

P15: Há já a uns trinta anos.

PESQUISADORA: O que o senhor pesca?

P15: É camarão e peixe.

PESQUISADORA: Com que freqüência?

P15: Quase todo dia. Só tempo ruim que a gente não vai.

PESQUISADORA: Qual o seu nível de escolaridade?

P15: Estudei só até a quinta série.

PESQUISADORA: Qual a profissão do seu pai?

P15: Meu pai também era pescador.

PESQUISADORA: E a profissão dos seus Filhos?

P15: Meus filhos tão estudando.

PESQUISADORA: Número de Dependentes?

P15: Quatro.

PESQUISADORA: Nasceu em Laguna?

P15: Sim.

PESQUISADORA: Quais são as primeiras palavras que vem a sua mente quando pensa em Laguna?

P15: Cidade boa, pra mim não tem outra tão boa.

PESQUISADORA: Quando pensa em ser humano?

P15: É bom pra conversar, também não tem outro. São bom.

PESQUISADORA: E em meio ambiente?

P15: É bom o daqui.

PESQUISADORA: Lagoa de Santo Antônio?

P15: É. Eu gosto dela aqui, a gente sobrevive dela.

PESQUISADORA: Quais elementos fazem parte do meio ambiente?

P15: Mais é assim passarinho de coisa assim, essas coisas de colera. É essas coisas assim.

PESQUISADORA: Qual é a sua relação com a Lagoa?

P15: Uns protegem, outros querem acabar. Eu protejo.

PESQUISADORA: Que seres vivos dependem direta ou indiretamente da Lagoa?

P15: É camarão, é peixe, é o boto. Tudo veve dali né. Maioria dos homem daqui também.

PESQUISADORA: Você se sente incomodado por algum aspecto relacionado à Lagoa?

P15: Não. Até que sou meio acomodado.

PESQUISADORA: Qual é o atual estado de saúde da Lagoa?

P15: É meio precário, né.

PESQUISADORA: Por quê?

P15: Nunca tem... Aqui, o pessoal daqui não estragam, mas lá em cima, lá Tubarão, naquele lado lá detonam, né.

PESQUISADORA: E ainda é possível salvar a Lagoa?

P15: Se todo mundo se unir ainda dá, né.

PESQUISADORA: E como isso pode ser feito?

P15: Tem que ter um entendimento entre muita gente, né. Os grandes que tem que começar a fazer isso e não os pequenos. Tem que partir dos grandes.

PESQUISADORA: E é possível salvar a pesca artesanal?

P15: É também. É só diminuir essa força de berimbau, essas coisas aí que ainda salva.

PESQUISADORA: Quais problemas afetam a Lagoa?

P15: Os problema que afeta é mal fiscalizada, né.

PESQUISADORA: E de quem é a responsabilidade de tal problema?

P15: A determinação vem lá de cima, dos grandão mesmo.

PESQUISADORA: Como estes problemas afetam sua vida?

P15: Quando afeta eu, afeta outros, porque vai indo, vai diminuindo a pesca.

PESQUISADORA: De quem é a responsabilidade de resolver estes problemas?

P15: A responsabilidade tem que ser da Ambiental, né.

PESQUISADORA: O que a população pode fazer para ajudar a preservar a Lagoa?

P15: Fazer o quê? Não adianta reclamar, porque em vista deles nós somos mais pequenos.

Os grandes não tomam autoridade.

PESQUISADORA: Os moradores de Laguna estão conscientes dos problemas envolvendo a Lagoa?

P15: Bastante, só que não veja. Tem criança de dois anos hoje que já veja ali como tá aquilo ali que tá defasado, que tão defasando ali, que tão acabando com tudo.

PESQUISADORA: Para você qual é a importância da variabilidade de organismos vivos ?

P15: Bastante importância, principalmente na Lagoa que é dali que a gente tira o sustento dos filho.

PESQUISADORA: O que você espera do futuro da Lagoa?

P15: Cada vez mais com menos. Cada vez mais detonada.

PESQUISADORA: E do futuro da pesca artesanal?

P15: Cada vez menos também. Vai acabando, cada dia vai se acabando mais.

PESQUISADORA: Qual é o papel do pescador na preservação da Lagoa?

P15: Uns preservam, outros não, né. Uns colaboram, outros já querem destruir. Eu quando é proibido, eu não vou pescar, mas outros dois, três vai e daí não adianta.

ENTREVISTA COM O PESCADOR P16

Dados complementares:

Data: 29/08/2008 Número da entrevista: 16 Local da entrevista: Praia da Tesoura.

Horário de início da entrevista: 15:28 Horário de término da entrevista: 15:42

Condições ambientais: Sol e vento nordeste.

Informações complementares: Embora o pescador P16 tenha afirmado que só pesque camarão, o mesmo estava na Praia da Tesoura em Laguna pescando tainha e outros tipos de peixe.

PESQUISADORA: Quantos anos o senhor tem?

P16: Quarenta e cinco anos.

PESQUISADORA: Em que bairro o senhor mora?

P16: Passagem da Barra.

PESQUISADORA: Há quanto tempo o senhor pesca?

P16: Já faz vinte e cinco anos.

PESQUISADORA: O que o senhor pesca?

P16: Eu pesco camarão, com aviãozinho, tarrafa.

PESQUISADORA: O senhor só pesca camarão?

P16: Aham.

PESQUISADORA: Com que frequência?

P16: Direto, a gente vive da Lagoa, direto da Lagoa. A gente **veve** só disso.

PESQUISADORA: Qual é o seu nível de escolaridade?

P16: Estudei até a quinta série.

PESQUISADORA: Qual é a profissão do seu pai?

P16: Meu pai é pescador.

PESQUISADORA: Qual a profissão dos seus filhos?

P16: Pescadores também.

PESQUISADORA: Número de Dependentes?

P16: Cinco.

PESQUISADORA: O senhor nasceu em Laguna?

P16: Nasci em Laguna.

PESQUISADORA: Primeiras palavras que vem a mente quando pensa em Laguna?

P16: Terra boa de se viver.

PESQUISADORA: E quando pensa em ser humano?

P16: São tudo gente boa, são bem detalhado, realmente cada um cuida da sua vida e não tem muita inveja um do outro.

PESQUISADORA: Meio ambiente?

P16: É tudo né. Nem tem o que dizer, tem que ver.

PESQUISADORA: Lagoa de Santo Antônio?

P16: É uma Lagoa muito boa né.

PESQUISADORA: Quais elementos fazem parte do meio ambiente?

P16: É mais os passarinhos, os passaros, né? Os passarinhos. É o boto, né, que é o golfinho da nossa Lagoa que traz nossos pescados.

PESQUISADORA: Qual é a sua relação com a Lagoa?

P16: É uma relação boa. Eu convivo bem com ela, né.

PESQUISADORA: Que seres vivos dependem da Lagoa para sobreviver?

P16: É o golfinho, que é o boto né.

PESQUISADORA: Você se sente incomodado por algum aspecto relacionado à Lagoa? Qual? Por quê?

P16: Não. Graças a Deus até hoje nada com... eu não sou alguém muito incomodado porque a gente já nasceu já neste ramo, né. Daí não tem como.

PESQUISADORA: Qual é o atual estado de saúde da Lagoa?

P16: Nossa Lagoa aí não tá boa, mas dá pra sobreviver daí tá boa, tá.

PESQUISADORA: E o que é que pode ser feito para salvar a Lagoa?

P16: É mais nos esgotos, né. Porque nossa Lagoa tá muito poluída. Nossa Lagoa tá muito poluída, né. É muitos esgotos, muito veneno dos arroz, dos arrozeiros por aí. Mas tá mais nessa Lagoa do Imaruí que tem muito arrozeiro e tem poluição, tá bem poluída estas Lagoas.

PESQUISADORA: E para salvar a pesca artesanal o que pode ser feito?

P16: Para salvar a pesca artesanal falta ter uma fiscalização na Lagoa, que estamos precisando muito. É porque na hora que é deles cuidar da Lagoa ninguém cuida, e deixa por conta. E isso é por ter uma falta de fiscalização na Lagoa.

PESQUISADORA: Quais problemas afetam a Lagoa?

P16: Poluição, que eu já falei pra você. Esses podres de venenos e desses esgotos que tá poluindo muito nossa Lagoa.

PESQUISADORA: Como estes problemas afetam sua vida?

P16: É mais por causa dos peixes, né. Que o cara consome, que o cara pega e o cara vai comer esses peixes, esses produtos que vem na nossa Lagoa e esses frutos aí afeta bastante.

PESQUISADORA: De quem é a responsabilidade de resolver estes problemas?

P16: Nós mesmos pescador. Que nós vivemos da Lagoa, né. E mesmo nós que semos pescadores temo destruindo ela. E os grandão, né? Que ninguém dá mais apoio pra nós né, para nós cuidar mais da nossa Lagoa.

PESQUISADORA: O que a população pode fazer para ajudar a preservar a Lagoa?

P16: Se unir pra acabar com essa poluição, né. Falta união, só isso.

PESQUISADORA: Os moradores de Laguna estão conscientes dos problemas envolvendo a Lagoa?

P16: Tão. Tão bem conscientes, tão. Eles já sabem disso aí. Tão bem conscientes de que se na nossa Lagoa não tiver união nada podemos fazer nessa Lagoa

PESQUISADORA: Para você qual é a importância da variabilidade de organismos vivos ?

P16: É uma importância muito boa, né minha jovem. Porque nós pescador vivemos dessa variabilidade aqui na Lagoa.

PESQUISADORA: O que você espera do futuro da pesca artesanal?

P16: Não espero mais futuro nenhum. Se nós não tomarmos uma providência isso tudo aqui vai se acabar.

PESQUISADORA: O que o senhor espera para o futuro da Lagoa de Santo Antônio?

P16: Se não tiver uma fiscalização, não tem, nada vai ser feito, não tem. Só vai destruir. E aí se os nosso governantes não tomarem providência vai se acabar.

PESQUISADORA: Qual é o papel do pescador na preservação da Lagoa?

P16: Como eu falei pra ti, união. Se nós se unir, fazer uma associação, nós já temos associados com a nossa Colônia, mas só que ninguém tá cumprindo. Aí sim, aí periga endireitar nossa Lagoa. Nossa associação tem que se unir.

ENTREVISTA COM O PESCADOR P17

Dados complementares:

Data: 29/08/2008 Número da entrevista: 17 Local da entrevista: Bairro Magalhães.

Horário de início da entrevista: 19:41 Horário de término da entrevista: 19:55.

Condições ambientais: Vento nordeste.

Informações complementares: Durante a entrevista algumas pessoas se aproximavam para poder saber sobre a temática da entrevista. Logo que descobriam, se afastavam e continuavam com suas atividades normais. Isso me pareceu causar um certo desconforto no pescador, embora não tenha me causado incômodo. O pescador P17 já se aposentou e hoje não exerce mais a atividade da pesca.

PESQUISADORA: Quantos anos o senhor tem?

P17: Sessenta e dois. Nascido em quarenta e seis, dia cinco de dois de quarenta e seis.

PESQUISADORA: Em que bairro o senhor mora?

P17: Magalhães.

PESQUISADORA: Há quanto tempo o senhor pesca?

P17: Eu pesquei trinta e sete anos, que eu contribuí com a colônia, que eu fui profissional.

PESQUISADORA: O que o senhor pescava?

P17: Eu pescava na época tainha, camarão, bagre, siri. E esse eram os únicos peixes que tinham na nossa Lagoa. Porque eu nunca pesquei mar fora, nunca pesquei. Corvina. Esses eram os peixes que tinham na nossa Lagoa.

PESQUISADORA: Com que frequência?

P17: Pescava todos os dias, quando não enfrentava a noite também. porque o camarão é um peixe que é só pego mais de noite.

PESQUISADORA: Qual é o seu nível de escolaridade?

P17: Até a quarta do primário.

PESQUISADORA: Qual é a profissão do seu pai?

P17: A profissão do meu pai também era pescador.

PESQUISADORA: Qual a profissão dos seus filhos?

P17: Os meus filhos, tem um que é lojista, tem outra que trabalha numa empresa de costura e o outro é tenente na Marinha.

PESQUISADORA: Número de Dependentes?

P17: Cinco.

PESQUISADORA: O senhor nasceu em Laguna?

P17: Nasci em Laguna, quero dizer que não foi bem aqui na cidade, mas foi no município.

PESQUISADORA: Primeiras palavras que vem a mente quando pensa em Laguna?

P17: Laguna foi lá que eu nasci. É um dos paraísos que ainda existem por aqui, que não existe ainda a criminalidade, vamos dizer assim... muito bandido, não tem nada disso. E Laguna sempre foi uma terra boa, pra isso ela teve Anita que foi a heroína de dois mundos.

PESQUISADORA: E quando pensa em ser humano?

P17: O ser humano é assim... é variável. Porque tem pessoas que valem alguma coisa e tem outras é difícil se dizer mas não valem nada.

PESQUISADORA: Meio ambiente?

P17: O meio ambiente tá poluído, porque a cada vez tem mais indústria, mais poluição. E o homem só trabalha pra destruir, porque o meio ambiente, esse negócio todo, indústria e tudo quanto é coisa assim.

PESQUISADORA: Lagoa de Santo Antônio?

P17: A Lagoa de Santo Antônio, eu conheço de ponta a ponta, cada canto. O que é que eu penso é que os políticos tão relaxando e tá ficando cada vez mais baixo e ninguém se interessa pra afundar a nossa Lagoa.

PESQUISADORA: Quais elementos fazem parte do meio ambiente?

P17: Vamos dizer assim, o que faz parte do meio ambiente é nós que temos sofrendo, o ser humano, cada vez mais. E os animal também como eles estão assim, tem muitos incêndios criminoso que mata os coitados dos bichos sem ser preciso e daí pela frente

PESQUISADORA: Qual é a sua relação com a Lagoa?

P17: A minha relação com a Lagoa de Santo Antônio foi muito boa porque era dali que eu tirava o sustento para meus filhos, né. E vamos dizer assim que era uma Lagoa admirada por vários lugares.

PESQUISADORA: Que seres vivos dependem direta ou indiretamente da Lagoa?

P17: Os seres vivos que dependem da Lagoa são os peixes, os passarinhos, principalmente as gaivotas que vivem de pegar os peixinhos pra alimentação e outros bichos.

PESQUISADORA: Você se sente incomodado por algum aspecto relacionado à Lagoa?

P17: Sinto.

PESQUISADORA: Qual?

P17: O relaxamento.

PESQUISADORA: Por quê?

P17: Porque vamos dizer assim, se alguém se interessasse ela não estaria tão degradada como está hoje.

PESQUISADORA: Qual é o atual estado de saúde da Lagoa?

P17: É péssimo.

PESQUISADORA: E ainda é possível salvar a Lagoa?

P17: Sim, sim tudo é possível dependendo do interesse de quem esteja lá em cima, vamos dizer das autoridades deste meio.

PESQUISADORA: E é possível salvar a pesca artesanal?

P17: É, ainda é

PESQUISADORA: O que pode ser feito?

P17: O que pode ser feito é levantar a quantidade imensa de redes que existem na nossa Lagoa e colocar a malha devida, porque a malha muito miudera só vai fazendo o quê? Acabando com a criação.

PESQUISADORA: Quais problemas afetam a Lagoa?

P17: Os problemas que afetam a Lagoa é os descaso do Rio Tubarão, que eles soltam tudo quanto é dejetos no Rio Tubarão, né, e vai vindo. Fora as outras coisas que afeta.

PESQUISADORA: Quais são os fatores responsáveis por este problema do descaso?

P17: Isso aí só pode ser quem? As autoridades competentes como a FATMA, Ambiental e outras coisas, né.

PESQUISADORA: Como estes problemas afetavam sua vida?

P17: Sim. Porque esses problemas não afetavam só a minha, como a de vários pescadores que aí, o pescador ia cada vez diminuindo mais. Por quê? Por que a Lagoa tá ficando poluída.

PESQUISADORA: De quem é a responsabilidade de resolver estes problemas?

P17: Isso aí é do governo federal, porque se o governo federal fazer alguma coisa, manda pro estado, e o estado manda pra Prefeitura e daí as autoridades competentes que tem que tomar parte.

PESQUISADORA: O que a população pode fazer para ajudar a preservar a Lagoa?

P17: A população não pode fazer nada. Por quê? Porque a população, principalmente de pescadores são pobres e não tem recurso.

PESQUISADORA: Os moradores de Laguna estão conscientes dos problemas envolvendo a Lagoa?

P17: Agora isso eu não sei, mas devem de estar né. Porque aqui vivem milhares de pescadores, né. Vamos dizer uns três a quatro mil pescador ainda e eu acho que eles estão por dentro de todas essas coisas que tão acontecendo.

PESQUISADORA: Para você qual é a importância da variabilidade de organismos vivos ?

P17: Porque aí vamos dizer, quanto mais tiver diversidade de bichinho mais bonito fica, porque daí tem bastante bichinho vivo. O pescado aumentando a quantidade, diminui o preço e fica mais fácil para a população carente. Tudo isso é resultado desse caso.

PESQUISADORA: O que você espera do futuro da Lagoa?

P17: Se ninguém tomar parte, cada vez pior.

PESQUISADORA: E pro futuro da pesca artesanal?

P17: Que vai se acabar em poucos tempo.

PESQUISADORA: Qual é o papel do pescador na preservação da Lagoa?

P17: O papel do pescador artesanal na preservação da Lagoa deveria ser ter o regulamento de malha, porque não fazer aquelas malhas tão miudera, porque a natureza repõe tudo aquilo que é dela. Mas aí se o homem começar a acabar, aí como é que vai ficar? Vai terminando cada vez mais, né.

PESQUISADORA: Tem mais alguma coisa que queira falar?

P17: Não, querida.

PESQUISADORA: Obrigada.

ENTREVISTA COM O PESCADOR P18

Dados complementares:

Data: 13/09/2008 Número da entrevista: 18 Local da entrevista: Bairro Magalhães.

Horário de início da entrevista: 10:45

Horário de término da entrevista:

10:58

Condições ambientais: Sol e vento nordeste.

Informações complementares: O pescador P18 estava observando a Lagoa antes de a entrevista ser realizada. Ele afirma estava procurando os botos, pois após o término da entrevista tinha a pretensão de pescar. No local onde ele estava se têm uma ampla visão da Lagoa, e durante o período da entrevista nenhum boto foi avistado em suas águas.

PESQUISADORA: Quantos anos o senhor tem?

P18: Trinta e seis anos.

PESQUISADORA: Em que bairro o senhor mora?

P18: Navegantes.

PESQUISADORA: Há quanto tempo o senhor pesca?

P18: Pesquei desde os dezesseis anos... faz vinte anos já.

PESQUISADORA: O que o senhor pesca?

P18: Camarão, tainha. Com os botos, co rede de camarão e com tarrafa.

PESQUISADORA: Com que frequência?

P18: Diariamente.

PESQUISADORA: Qual é o seu nível de escolaridade?

P18: Estudei até a quinta.

PESQUISADORA: Qual é a profissão do seu pai?

P18: Pescador.

PESQUISADORA: Qual a profissão dos seus filhos?

P18: Estudantes.

PESQUISADORA: Número de Dependentes?

P18: Quatro.

PESQUISADORA: O senhor nasceu em Laguna?

P18: Sim.

PESQUISADORA: Primeiras palavras que vem a mente quando pensa em Laguna?

P18: Laguna é bom, mas tem muita coisa errada, né.

PESQUISADORA: E quando pensa em ser humano?

P18: Ele é bom.

PESQUISADORA: Meio ambiente?

P18: Mais ou menos.

PESQUISADORA: Lagoa de Santo Antônio?

P18: Já foi muito boa, agora tá muito poluída.

PESQUISADORA: Quais elementos fazem parte do meio ambiente?

P18: Os animais, mais é o cachorro, né.

PESQUISADORA: Qual é a sua relação com a Lagoa?

P18: Minha relação... Neste momento eu to pescando pouco, antigamente eu pescava mais, tinha mais pescaria, né.

PESQUISADORA: Que seres vivos dependem da Lagoa?

P18: Só os botos, né.

PESQUISADORA: Você se sente incomodado por algum aspecto relacionado à Lagoa?

P18: Só a poluição mesmo incomoda, se não fosse ela era melhor.

PESQUISADORA: Por quê?

P18: Porque estraga o pescado, que some, né, e não aparece.

PESQUISADORA: Qual é o atual estado de saúde da Lagoa?

P18: Péssimo.

PESQUISADORA: E ainda tem como se salvar a Lagoa e a pesca artesanal?

P18: Tem. Tem.

PESQUISADORA: E o que pode ser feito?

P18: Se o povo também ajudasse um pouco, não jogasse lixo e um monte de coisa, né. Tem que ajudar.

PESQUISADORA: Quais problemas afetam a Lagoa?

P18: Tem o negócio de... tem o Rio Tubarão, né. Que eles jogam muita nojeira lá de água de arroz, tem o negócio de açude como tinha antigamente, que poluía bastante. E esses negócios de esgoto no mar, né,

PESQUISADORA: Como estes problemas afetam sua vida?

P18: Não afetam em nada não.

PESQUISADORA: De quem é a responsabilidade de resolver estes problemas?

P18: Olha... Um pouco mesmo é o governo, né. E um pouco mesmo é o povo que deveria ajudar mais um pouco.

PESQUISADORA: O que a população pode fazer para ajudar a preservar a Lagoa?

P18: Cuidar, né? Andar dentro da lei. Fazer um monte de coisa. Tem muita lancha aí que jogam óleo na Lagoa, né.

PESQUISADORA: Os moradores de Laguna estão conscientes dos problemas envolvendo a Lagoa?

P18: Olha, deve tá né. Mas muitos não sabem o que é que tão fazendo.

PESQUISADORA: Para você qual é a importância da variabilidade de organismos vivos ?

P18: É bom porque daí todo mundo vive melhor, né. Tem mais o que fazer, tem mais pescaria, tem mais... tudo.

PESQUISADORA: O que você espera do futuro da Lagoa?

P18: Se continuar assim, cada vez pior

PESQUISADORA: E para o futuro da pesca artesanal?

P18: O negócio é dar uma dragada aí e cuidar mais. O ser humano tem que cuidar.

PESQUISADORA: Qual é o papel do pescador na preservação da Lagoa?

P18: Olha... A poluição e a malha. Porque quando a malha tá dentro da Lagoa, malha da rede do camarão, não ajuda muito, né. Muita gente continua matando e não consegue crescer.

ENTREVISTA COM PESCADOR P19

Dados complementares:

Data: 13/09/2008 Número da entrevista: 19 Local da entrevista: Praia da Tesoura.

Horário de início da entrevista: 15:27 Horário de término da entrevista: 15:47

Condições ambientais: Sol e vento nordeste.

Informações complementares: Durante a o período em que se realizava a entrevista, alguns pescadores artesanais que já haviam participado da pesquisa a observavam. Nenhum comentário foi feito durante a entrevista e nem após o seu término.

PESQUISADORA: Quantos anos o senhor tem?

P19: Quarenta e três.

PESQUISADORA: Em que bairro o senhor mora?

P19: Ponta da Barra.

PESQUISADORA: Há quanto tempo o senhor pesca?

P19: Desde os catorze anos.

PESQUISADORA: O que o senhor pesca?

P19: Pesco camarão, peixe, siri.

PESQUISADORA: Com que freqüência?

P19: Todo dia.

PESQUISADORA: Qual é o seu nível de escolaridade?

P19: Estudei até a sétima.

PESQUISADORA: Qual é a profissão do seu pai?

P19: Pescador.

PESQUISADORA: Qual a profissão dos seus filhos?

P19: Estudantes.

PESQUISADORA: Número de Dependentes?

P19: Quatro.

PESQUISADORA: O senhor nasceu em Laguna?

P19: Nasci em Laguna.

PESQUISADORA: Primeiras palavras que vem a mente quando pensa em Laguna?

P19: Laguna é terra do camarão.

PESQUISADORA: E quando pensa em ser humano?

P19: Meu irmão.

PESQUISADORA: Meio ambiente?

P19: Rio Tubarão.

PESQUISADORA: Lagoa de Santo Antônio?

P19: Camarão.

PESQUISADORA: Quais elementos fazem parte do meio ambiente?

P19: É a pesca.

PESQUISADORA: Qual é a sua relação com a Lagoa?

P19: Minha relação é que dela eu tiro o sustento da minha família.

PESQUISADORA: Que seres vivos dependem da Lagoa?

P19: Siri, camarão, peixe.

PESQUISADORA: Você se sente incomodado por algum aspecto relacionado à Lagoa?

P19: Só a poluição.

PESQUISADORA: Por quê?

P19: Porque toda poluição desemboca sempre na nossa Lagoa aqui.

PESQUISADORA: Qual é o atual estado de saúde da Lagoa?

P19: Tá bem, porque é água corrente. Tanto entra água boa quanto sai.

PESQUISADORA: Então a Lagoa está saudável?

P19: Agora tá saudável. Nessa época de inverno dá muita maré alta e aí entra muita água salgada.

PESQUISADORA: E no verão o estado de saúde dela piora?

P19: Piora, porque aí desce toda a... Dá muita chuva e aí desce a poluição do Rio Tubarão tudo pra nossa Lagoa, né.

PESQUISADORA: E ainda se pode salvar a Lagoa?

P19: Pode.

PESQUISADORA: Como?

P19: É só o homem querer, né.

PESQUISADORA: E ainda é possível salvar a pesca artesanal?

P19: É, né. Só proibir a arte proibida.

PESQUISADORA: Quais problemas afetam a Lagoa?

P19: Essas redes proibidas, de arrasto.

PESQUISADORA: Como este problema das redes de arrasto afetam sua vida?

P19: Pelo fato de que nós somos pescador e nós dependemos dela, da Lagoa, né.

PESQUISADORA: De quem é a responsabilidade de resolver estes problemas?

P19: Acho que da Ambiental, da Colônia de Pescadores, da Prefeitura.

PESQUISADORA: O que a população pode fazer para ajudar a preservar a Lagoa?

P19: Parar de poluir o mar, parar de colocar lixo na água, parar de pescar com essas artes proibidas.

PESQUISADORA: Os moradores de Laguna estão conscientes dos problemas envolvendo a Lagoa?

P19: Alguns sabem mas não querem nem saber.

PESQUISADORA: Para você qual é a importância da variabilidade de organismos vivos ?

P19: Porque pelo menos nós pode pescar na procria, né. Nessa época de entrepesca pelo menos vai se criando aí camarão, peixe.

PESQUISADORA: O que você espera do futuro da pesca artesanal?

P19: Daqui uns dez anos se não proibirem isso aí, se não proibirem essas artes proibidas aí e se não pararem de jogar lixo na Lagoa eu acho que não vai ter mais nenhum camarão.

PESQUISADORA: E para o futuro da Lagoa de Santo Antônio?

P19: Pro futuro tem que fiscalizar, né.

PESQUISADORA: Qual é o papel do pescador na preservação da Lagoa?

P19: Cuidar, né. Cuidar da Lagoa.

ENTREVISTA COM O PESCADOR P20

Dados complementares:

Data: 13/ 09/ 2008 Número da entrevista: 20 Local da entrevista: Praia da Tesoura.

Horário de início da entrevista: 17:53 Horário de término da entrevista: 18:12

Condições ambientais: Sol e vento nordeste.

Informações complementares: Após o término da entrevista o pescador ficou falando de suas filhas, dando maior ênfase a que cursa Ciências Biológicas.

PESQUISADORA: Quantos anos o senhor tem?

P20: Onze de sete de cinqüenta e sete. É cinqüenta e um anos.

PESQUISADORA: Em que bairro o senhor mora?

P20: Mar Grosso.

PESQUISADORA: Há quanto tempo o senhor pesca?

P20: Aqui já faz cinco anos.

PESQUISADORA: O que o senhor pesca?

P20: Tudo. Tainha, savelha, cardosa, bagre, siri.

PESQUISADORA: Com que freqüência?

P20: Geralmente duas ou três vezes por semana.

PESQUISADORA: Qual é o seu nível de escolaridade?

P20: Segundo grau completo.

PESQUISADORA: Qual é a profissão do seu pai?

P20: Agricultor.

PESQUISADORA: Qual a profissão dos seus filhos?

P20: Uma é publicitária e a outra é a outra tá fazendo Ciências Biológicas.

PESQUISADORA: Número de Dependentes?

P20: Dois.

PESQUISADORA: O senhor nasceu em Laguna?

P20: Nasci em Imaruí.

PESQUISADORA: Há quanto tempo mora em Laguna?

P20: Há cinco anos.

PESQUISADORA: Primeiras palavras que vem a mente quando pensa em Laguna?

P20: Terra da Anita Garibaldi.

PESQUISADORA: E quando pensa em ser humano?

P20: Eu e meu pai.

PESQUISADORA: Meio ambiente?

P20: Reflorestamento, não degradação do meio ambiente e não mineração a céu aberto.

PESQUISADORA: Lagoa de Santo Antônio?

P20: Lagoa de Imaruí, Santo Antônio, Lagoa Mirim.

PESQUISADORA: Quais elementos fazem parte do meio ambiente?

P20: Reflorestamento, água potável.

PESQUISADORA: Qual é a sua relação com a Lagoa?

P20: Olha. Tento cuidar ao máximo. Tento até não deixar alguém até poluir com sacos plásticos e enfim com essas coisas todas.

PESQUISADORA: Que seres vivos dependem direta ou indiretamente da Lagoa?

P20: Seria o boto, seria o siri, seria a tainha, seriam todos esses.

PESQUISADORA: Você se sente incomodado por algum aspecto relacionado à Lagoa?

P20: Sim, o desrespeito. Principalmente os barcos quando chegam ali despejam óleo diesel. Inclusive agora encontrei um latão cheio de graxa, provavelmente deve ser do pessoal da empresa que está ali retirando as pedras. Inclusive tá ali a amostra pra quem quiser ver tá lá, o balde cheio de graxa. Isso aí também é um desrespeito.

PESQUISADORA: Qual é o atual estado de saúde da Lagoa?

P20: Olha, vamos classificar assim, de bom a ruim nós vamos jogar ela tá no regular ainda. Ainda tem solução.

PESQUISADORA: Tem solução para a Lagoa e para a pesca?

P20: Tem solução para a Lagoa e para a pesca. Os nossos administradores municipais e estaduais que acho, na minha opinião, que teria que dar mais uma ênfase aqui, dar mais uma olhada. Isso aqui tá muito abandonado.

PESQUISADORA: Então eles que deveriam fazer alguma coisa?

P20: Eles teriam que botar alguma lei, botar alguma coisa a funcionar, pessoas responsáveis por esta parte de meio ambiente ou coisa parecida. Não só como nós temos aqui, o pessoal da Polícia Ambiental que só quer pegar tarrafa. E sim seria assim, esse cuidado, ver quem tá degradando. Eu vejo dessa parte.

PESQUISADORA: Quais problemas afetam a Lagoa?

P20: Olha, seria primeiro seria o carvão, né. Ele desce de Lauro Muller, vem a Tubarão e de Tubarão vem para cá. Outra é o agricultor, que nós aqui constatamos agora, no início do Carnaval foi encontrado muitos frascos de produtos químicos, como fungicida, herbicida, todo esse tipo de material. É um desrespeito desde lá de cima a nascente de água na serra até na beirada de Tubarão. E as minerações, né. Obviamente que hoje tão trabalhando em cima disso daí, mas acredito que não tá sendo em cima de a solução.

PESQUISADORA: Como estes problemas afetam sua vida?

P20: Em primeiro lugar porque a pescaria vai diminuindo porque ele vai encontrar esses metais pesados, esse carvão, esses produtos químicos e eles vão se afastando daqui e vão pegando outras Lagoas, outros mares, né. Isso sem contar que nós encontramos aqui, por exemplo, casas que jogam os dejetos dos seres humanos na água, né. Dejeito fecal inclusive e outros que a gente sem sabe como classificar.

PESQUISADORA: De quem é a responsabilidade de resolver estes problemas?

P20: Vejo ainda que seria uma lei municipal ou estadual que bota pessoas e fiscais para fiscalizar isso aí. Porque teria que ter um controle. Da maneira como tá não tem, não existe um controle.

PESQUISADORA: O que a população pode fazer para ajudar a preservar a Lagoa?

P20: Manifestação, paralisação. Alguma coisa tem que ser feita. De uma forma ou de outra, indireta ou diretamente tem que ser feita alguma coisa. Da forma como tá vai se degradando tudo.

PESQUISADORA: Os moradores de Laguna estão conscientes dos problemas envolvendo a Lagoa?

P20: Espero que sim, acredito que sim, porque todos eles são umas pessoas inteligentes e sabem o que querem. Tem netos, tem bisnetos e temos que deixar pro planeta uma Lagoa limpa e perfeita para os nossos netos e bisnetos.

PESQUISADORA: Para você qual é a importância da variabilidade de organismos vivos ?

P20: Importante é porque da Lagoa, não só eu mas todos os que vivem da Lagoa tenham essa diversidade para usufruir. É camarão, siri, tainha, cardosa, savelha e todos os outros tipos de peixe que aqui habitam.

PESQUISADORA: O que você espera do futuro da pesca artesanal ?

P20: Espero que alguém que concorra nas próximas eleições dê mais uma alavancada. Como a gente já nota aqui, nós temos dois sindicatos. Como nós temos a Colônia da Pesca e a SINDIPESCA, que estão trabalhando em prol de tudo isso aqui, colocando uma carteira pra manter esse pessoal a trabalhar, a pescar aqui dentro, né. Dentro das suas limitações. Vejo que dessa forma aí teria que ser feito mais ainda, né. Dar mais incentivo, tanto no preço do material que pode ser feito, da tarrafa, da rede. Enfim todo esse material deveria ter um custo mais baixo.

PESQUISADORA: O que você espera do futuro da Lagoa?

P20: Uma Lagoa mais despoluída, mais perfei... mais... Que alguém faça a despoluição dessa Lagoa, pra nós podermos ter uma praia, uma Lagoa que nós recebemos nossos turistas aqui com uma água boa, pura, sem essa... sem esses produtos químicos, esses produtos.... metais pesados, coliformes fecais como a gente já citou. Para que nós apresentamos aos nossos turistas um lugar de lazer, de diversão e até de sustento da sua pesca, né.

PESQUISADORA: Qual é o papel do pescador na preservação da Lagoa?

P20: Eu vejo que, nem todos, tem muitos que cuidam, que tentam despoluir de uma forma direta ou indireta, né. Ele tenta despoluir, ele tira. Hoje inclusive constatamos ali naquele balde que lhe falei, acredito que daquela empresa que jogaram . Então as pessoas tão conscientes que tem uma Lagoa despoluída, né.

ANEXO 03

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O seu(sua) filho(a) está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa “A abordagem etnoecológica como instrumento para a educação socioambiental em comunidade pesqueira na Lagoa de Santo Antônio (Laguna, SC)”, no caso de o senhor aceitar o convite, favor assinar ao final do documento. A participação não é obrigatória, e, a qualquer momento, o seu(sua) filho(a) poderá desistir de participar e retirar seu consentimento.

Título do Projeto: “A abordagem etnoecológica como instrumento para a educação socioambiental em comunidade pesqueira na Lagoa de Santo Antônio (Laguna, SC)

Pesquisadora Responsável: Máira Marques de Oliveira.

Instituição a que pertence o Pesquisador Responsável: Universidade Federal de Santa Catarina.

Endereço: Bairro Trindade - Florianópolis - Santa Catarina - Brasil - CEP 88040-970.

Telefone para contato: (48) 8417-4806

Nome do estudante voluntário:

Idade: anos

Responsável legal:

OBJETIVOS: Esta pesquisa busca verificar a visão dos estudantes em relação à Lagoa de Santo Antônio. Este entendimento se faz necessário para que uma educação ambiental possa ser desenvolvida de forma coerente com a realidade da Lagoa.

PROCEDIMENTOS DO ESTUDO: Se concordar em autorizar seu filho na participação da pesquisa, ele irá participar de atividades que buscam colher narrativas sobre a Lagoa. Os dados obtidos e possíveis fotografias dos estudantes serão utilizados somente em trabalhos de cunho científico, tal como o Trabalho de Conclusão de Curso da pesquisadora.

CONFIDENCIALIDADE DA PESQUISA: É garantido a confidencialidade, o que assegura a privacidade de seu(sua) filho(a) quanto aos dados obtidos via entrevista, sendo que somente serão

divulgados dados diretamente relacionados aos objetivos da pesquisa, não sendo vinculada identificação do estudante quanto aos textos, desenhos ou outros materiais que ele elabore.

CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, _____
declaro que li as informações contidas nesse documento, sendo devidamente informado dos procedimentos que serão utilizados, confidencialidade da pesquisa, concordando em autorizar meu filho a participar da pesquisa.

LOCAL E DATA: Laguna, ___ de _____ de 2008.

NOME E ASSINATURA DO SUJEITO RESPONSÁVEL

(Nome por extenso)

(Assinatura)

NOME E ASSINATURA DA PESQUISADORA:

(Nome por extenso)

(Assinatura)

ANEXO 04

IMAGENS DESENHADAS PELOS ESTUDANTES E SEUS RESPECTIVOS

TÍTULOS



FIGURA 17: A Lagoa é limpa.



FIGURA 18: A pesca em destaque.



FIGURA 19: O Boto em destaque na Pesca.

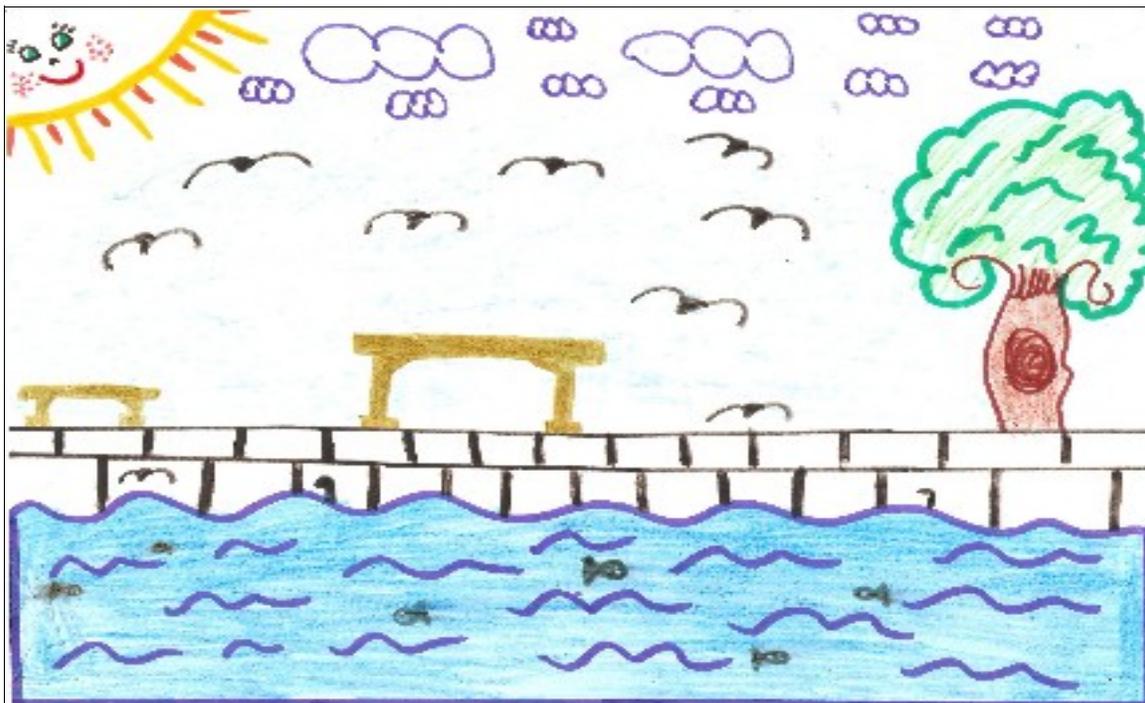


FIGURA 20: Sem Poluição!

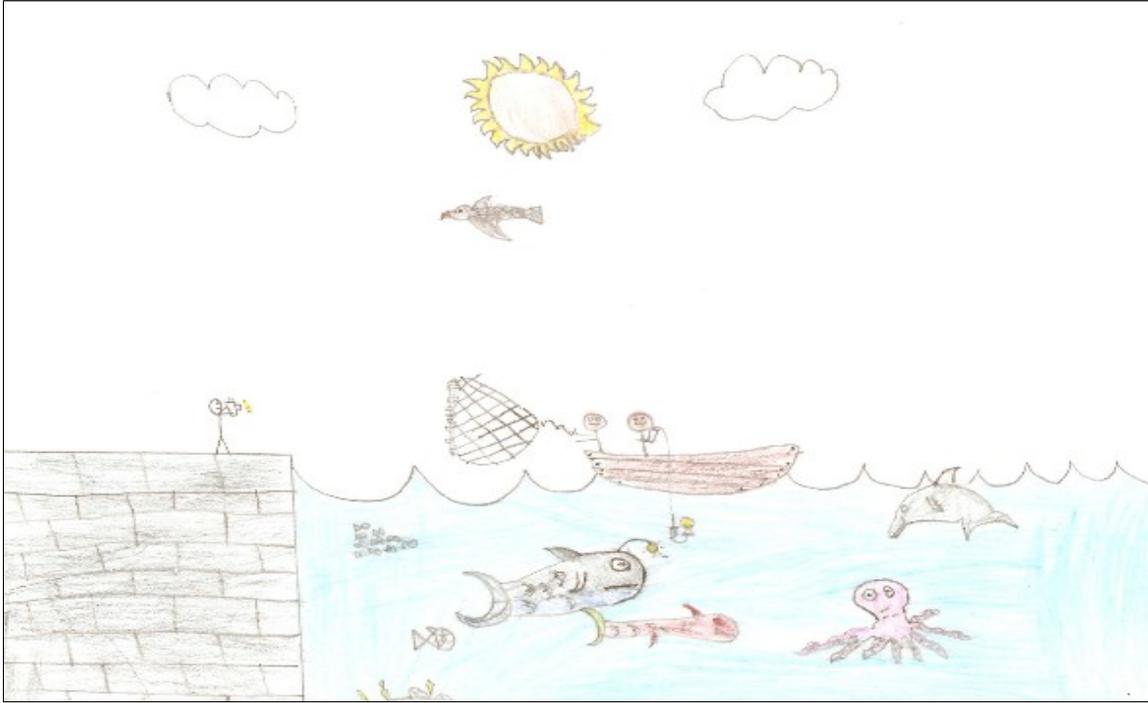


FIGURA 21: Fauna aquática.



FIGURA 22: A Lagoa e suas bordas...



FIGURA 23: A pesca na lagoa.



FIGURA 24: A felicidade no mar.

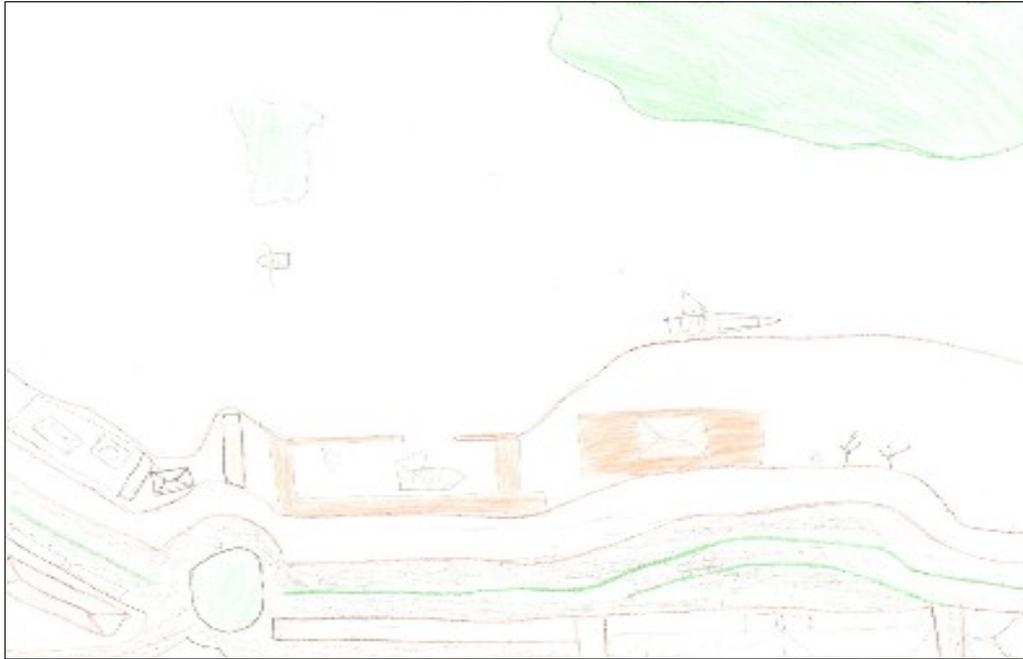


FIGURA 25: A Lagoa Profunda.



FIGURA 26: Linda lagoa.



FIGURA 27: Bela Lagoa.



FIGURA 28: Sou feliz.

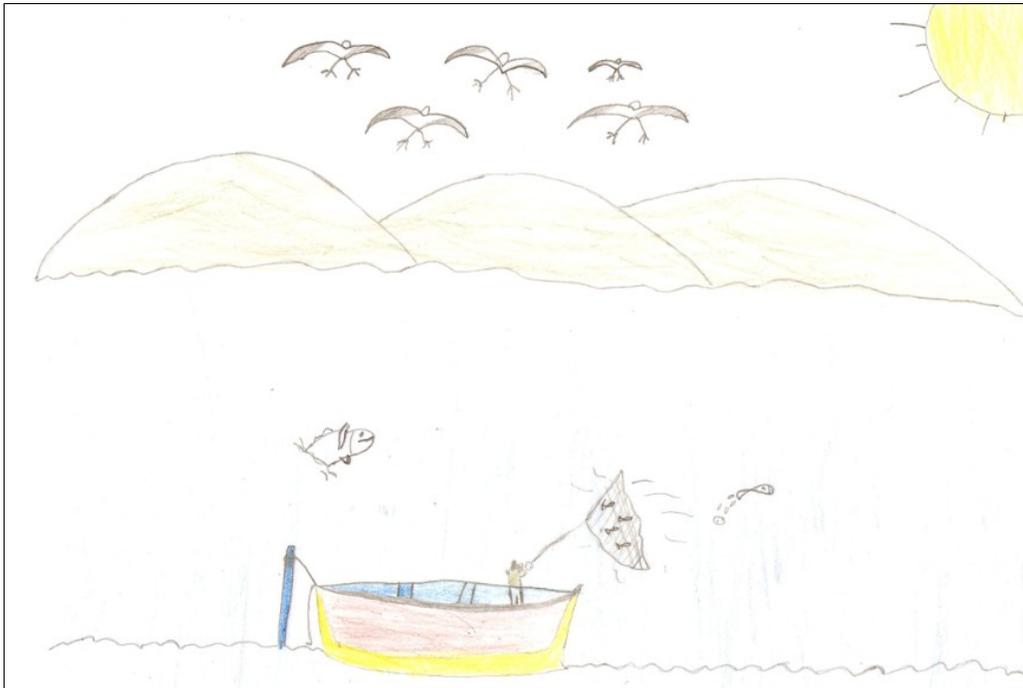


FIGURA 29: A Pesca.

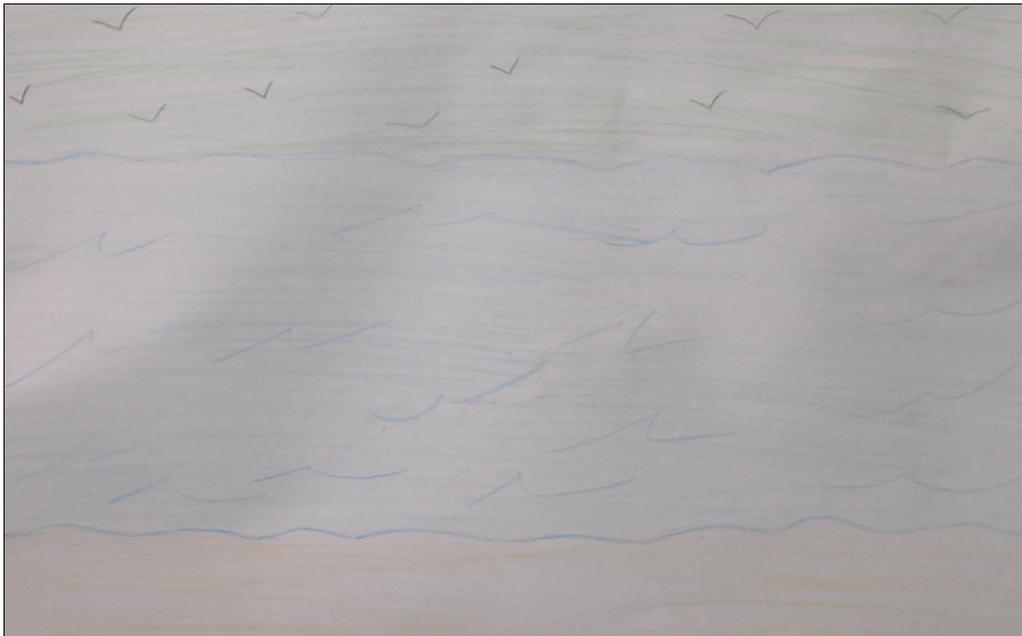


FIGURA 30: A Lagoa para todos!



FIGURA 31: É o mar.

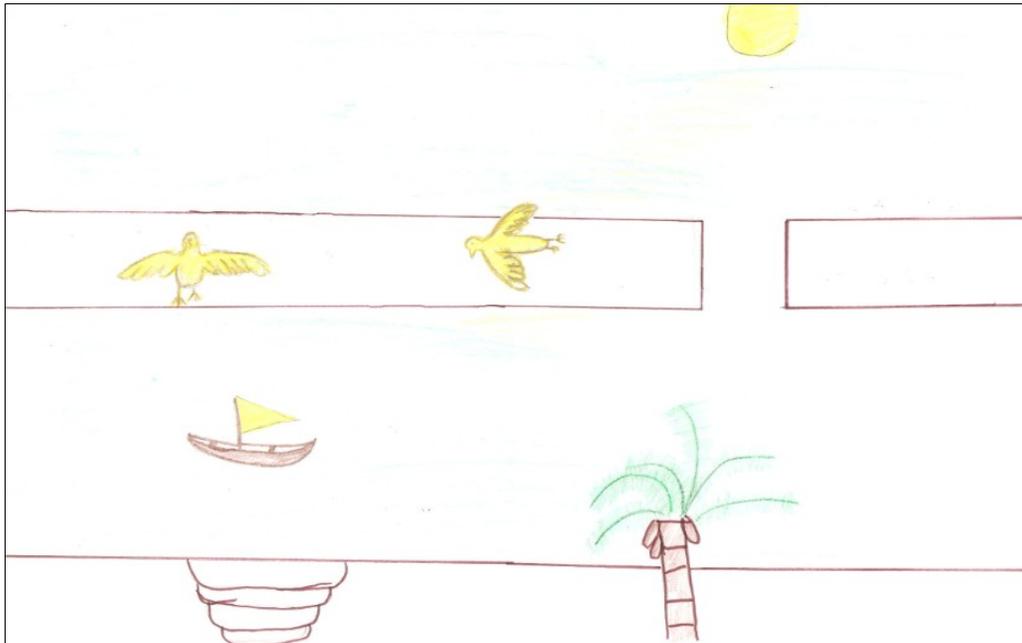


FIGURA 32: Bela Lagoa Santo Antônio.

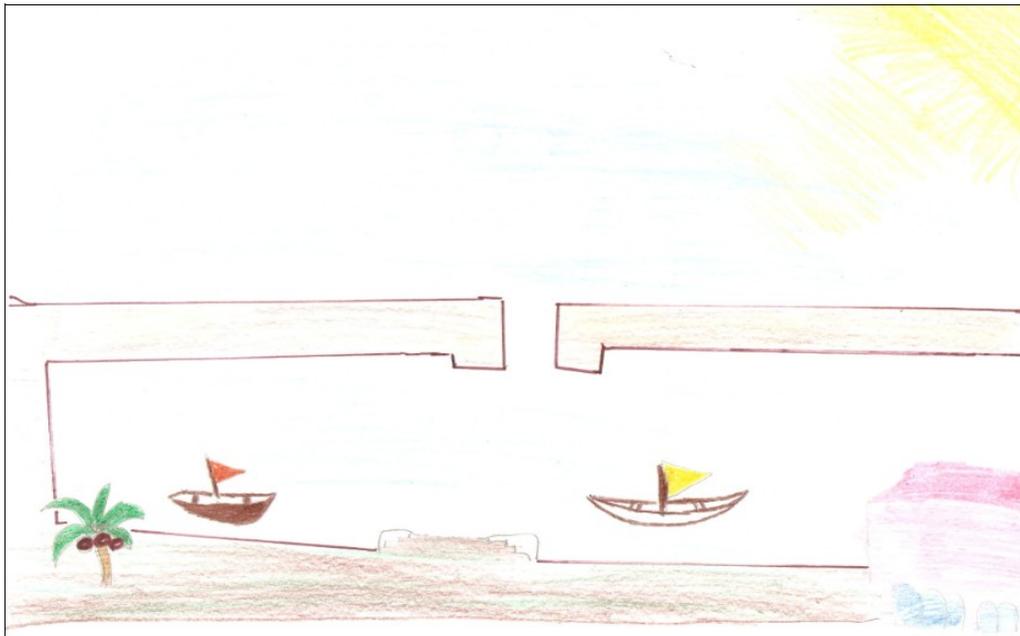


FIGURA 33: Nossa Bela Lagoa Santo Antônio.



FIGURA 34: O Pescador.

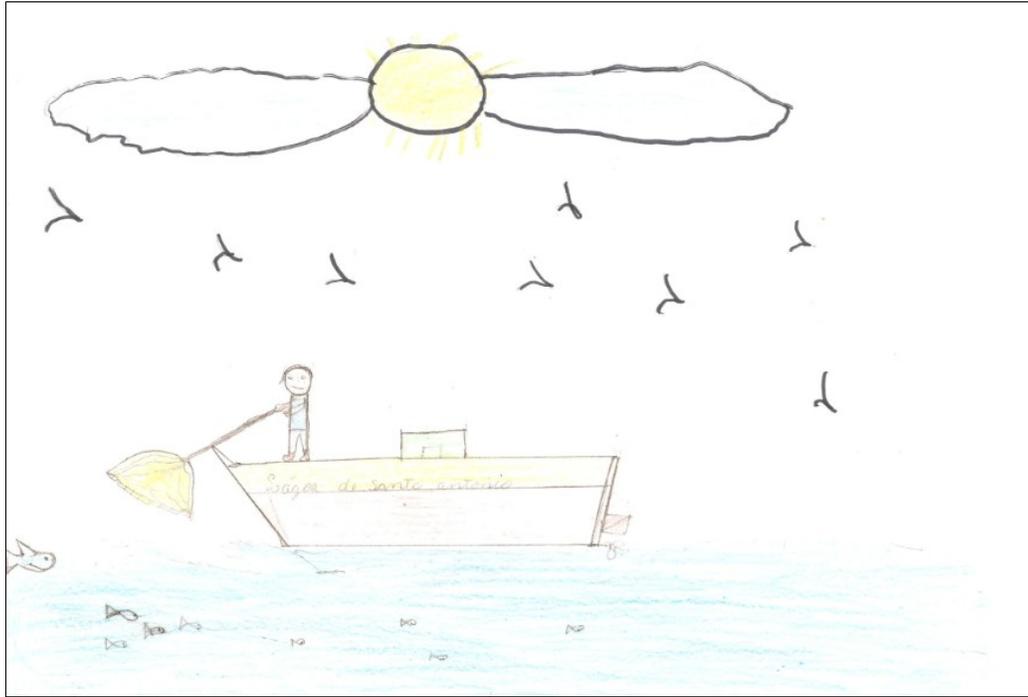


FIGURA 35: Ao mar.

ANEXO 05

PALAVRAS LEMBRADAS PELOS ESTUDANTES QUANDO ELES PENSAM EM LAGUNA, SER HUMANO, MEIO AMBIENTE E LAGOA DE SANTO ANTÔNIO

ESTUDANTE E01:

Laguna: Mar.

Ser humano: felicidade (felicidade).

Meio Ambiente: Natureza.

Lagoa de Santo Antonio (Antônio): Peixes.

ESTUDANTE E02:

Laguna: Poluições, seqüestros, drogas, pessos (pessoas) desnutridas, tem um Centro Lindo, Animais, pessoas obesas, Escola, Creches, coisas boas e Ruins!

Ser humano: traste, nojento, Lindo, chato, mala, tude (tudo) de ruim.

Meio Ambiente: Poluído, Lindo, Seca.

Lagoa de Santo Antônio: Linda, Cheia de Pescadores, Funda, Verde, muitos peixes.

ESTUDANTE E03:

Laguna: Braco (barco), oceano.

Ser humano: carro, carroça.

Meio Ambiente: lixo, limpesa (limpeza).

Lagoa de Santo Antonio (Antônio): Água, Pesca, Boto.

ESTUDANTE E04:

Laguna: Praias, mares.

Ser humano: carro, futebol

Meio Ambiente: desmatamento, queimadas, mares poluídos.

Lagoa de Santo Antonio (Antônio): Peixes, Pesca, barcos.

ESTUDANTE E05:

Laguna: Praia.

Ser humano: um ser que está prejudicando o meio ambiente.

Meio Ambiente: Cuidar da Natureza.

Lagoa de Santo Antônio: pescagem.

ESTUDANTE E06:

Laguna: Praia.

Ser humano: pessoas.

Meio Ambiente: lixo.

Lagoa de Santo Antonio (Antônio): Mar.

ESTUDANTE E07:

Laguna: praia, molis (Molhes)

Ser humano: mulher, criança.

Meio Ambiente: natureza.

Lagoa de Santo Antônio: Peixe, Boto.

ESTUDANTE E08:

Laguna: Praia, Pontos Turísticos

Ser humano: mulher, criança.

Meio Ambiente: Natureza, Lagoa.

Lagoa de Santo Antônio dos Anjos: Boto.

ESTUDANTE E09:

Laguna: mar e Praia.

Ser humano: futebol e carro.

Meio Ambiente: lixo e árvore.

Lagoa de Santo Antônio: pesca e peixes.

ESTUDANTE E10:

Laguna: Praia.

Ser humano: inteligencia (inteligência).

Meio Ambiente: Poluição.

Lagoa de Santo Antônio: água.

ESTUDANTE E11:

Laguna: Peixe.

Ser humano: indústria.

Meio Ambiente: india (índia).

Lagoa de Santo Antônio: pesca.

ESTUDANTE E12:

Laguna: Belas praias.

Ser humano: destruição.

Meio Ambiente: Belas matas

Lagoa de Santo Antônio: Botos.

ESTUDANTE E13:

Laguna: água e Praia.

Ser humano: carro e futebol.

Meio Ambiente: lixo e árvore.

Lagoa de Santo Antônio: Pesca e mar.

ESTUDANTE E14:

Laguna: vou no no Centro Histórico.

Ser humano: Louco e Louca.

Meio Ambiente: Bonito

Lagoa de Santo Antônio: Bela onde os Pescadores Pescaram e pescam.

ESTUDANTE E15:

Laguna: Praia e Anita Garibaldi.

Ser humano: Futebol e carro.

Meio Ambiente: árvore e onça-pintada.

Lagoa de Santo Antônio: Pesca e agua (água).

ESTUDANTE E16:

Laguna: BOTO.

Ser humano: Homem.

Meio Ambiente: mar.

Lagoa de Santo Antônio: Peixes, Pesca...

ESTUDANTE E17:

Laguna: praia.

Ser humano: prefiro não comentar.

Meio Ambiente: poluição.

Lagoa de Santo Antônio: água.

ESTUDANTE E18:

Laguna: mar.

Ser humano: reprodução.

Meio Ambiente: natureza.

Lagoa de Santo Antônio: águas.

ESTUDANTE E19:

Laguna: Onde moro.

Ser humano: Vida.

Meio Ambiente: Natureza.

Lagoa de Santo Antônio: barcos, peixes, boto.